



CLAUDIÂNI GUIMARÃES VARGAS GONÇALVES

**MEMÓRIAS DO TRABALHO E DO TRABALHADOR: A PRODUÇÃO DE
FARINHA DE TRIGO NO MUNICÍPIO DE CANOAS**

CANOAS, 2025

CLAUDIÂNI GUIMARÃES VARGAS GONÇALVES

**MEMÓRIAS DO TRABALHO E DO TRABALHADOR: A PRODUÇÃO DE
FARINHA DE TRIGO NO MUNICÍPIO DE CANOAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais – linha de pesquisa em Memória, Cultura e Gestão.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Waismann

Linha de pesquisa: Memória, Cultura e Gestão (Universidade La Salle)

Coorientador: Prof.^a. Dr.^a. Eliana Rela

Linha de pesquisa: História da Educação, Acervos e Linguagens no Ensino de História (Universidade de Caxias do Sul)

CANOAS, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635m Gonçalves, Claudiani Guimarães Vargas.
Memórias do trabalho e do trabalhador [manuscrito] : a produção de farinha de trigo no município de Canoas / Claudiani Guimarães Vargas Gonçalves – 2025.
154 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2025.

“Orientação: Prof. Dr. Moisés Waismann”.

“Coorientação: Prof^a. Dr^a. Eliana Rela”.

1. Memória social. 2. Memória empresarial. 3. Moinho Estrela. 4.
Patrimônio empresarial. I. Waismann, Moisés. II. Rela, Eliana. III.
Título.

CDU: 316.7

Bibliotecária responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

CLAUDIÂNI GUIMARÃES VARGAS GONÇALVES

**MEMÓRIAS DO TRABALHO E DO TRABALHADOR: A PRODUÇÃO DE
FARINHA DE TRIGO NO MUNICÍPIO DE CANOAS**

Tese **aprovada** para obtenção do título de doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens
Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Patricia Kayser Vargas Mangan
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Francisca Ferreira Michelin
Universidade Feevale

Prof^ª. Dr^ª. Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof^ª. Dr^ª. Estelamaris de Barros Dihl
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof^ª. Dr^ª. Eliana Rela
Co-orientadora - Universidade de Caxias do Sul/RS

Prof. Dr. Moisés Waismann
Orientador e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

AGRADECIMENTOS

Estou profundamente agradecida por ter chegado até este momento. Lembro-me, ainda quando jovem, que um dos meus maiores sonhos era cursar uma graduação, então estar concluindo esta etapa da minha vida acadêmica tem um significado extraordinário para mim. Contudo, para além de um doutorado, me constituí pesquisadora, aprendiz e professora, em muitas das vezes. A aquisição e o compartilhamento do conhecimento me transformaram em quem eu nem imaginava. Acredito que qualquer palavra que seja colocada aqui, ainda é minúscula perto da alegria e satisfação imensa de ter trilhado este caminho, mesmo com todos os desafios e percalços enfrentados.

Em primeira instância, agradeço a Deus por ter me sustentado nas minhas angústias e ansiedades, lembrando um versículo bíblico no qual sempre me apoio: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7). A Ele agradeço por me sustentar e renovar as minhas forças, assim como foi com Paulo, nas suas muitas lutas e perseguições. Da mesma forma que o apóstolo, concluo essa etapa com alegria de ter chegado até o fim, sabendo em Quem tenho crido.

Sou grata ao meu querido esposo, Jéferson dos Santos Gonçalves, a quem expresso um carinho especial. Com ternura e paciência, cuidou de mim quando eu mesma esquecia de fazê-lo. Esteve ao meu lado em todas as etapas, inclusive auxiliando nas tarefas domésticas, sendo meu apoio de todas as horas, me encorajando em meio ao cansaço ou a falta de inspiração para escrever, me acolhendo nos dias bons e também nos dias maus. Ainda, me suportando em dúvidas de tecnologia, me permitindo ser a sua aprendiz, emprestando seus ouvidos e atenção às minhas inseguranças, mas também comemorando as minhas conquistas.

Agradeço aos meus pais, Claudio Omir Masagão Vargas e Antonia Margareth Guimarães Vargas, a quem devo os princípios, valores e caráter que formaram a base de quem sou. Graças aos seus esforços e sacrifícios, tive acesso à formação que me permitiu crescer como pessoa e profissionalmente. Foram eles que me incentivaram a buscar a sabedoria, a integridade e a fidelidade em todos os aspectos da vida.

Estendo meu agradecimento aos familiares, colegas de trabalho, de estudo e amigos(as), que, mesmo à distância, me ofereceram palavras de incentivo e vibraram pelo meu êxito.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Moisés Waismann, registro minha admiração e gratidão por ter me acolhido, conduzindo-me pelos caminhos complexos da pesquisa com paciência, rigor intelectual e um humor singular que tornaram a jornada mais leve e prazerosa. Para além do nosso contato acadêmico aluna-orientador, somos companheiros de pesquisa, com vários escritos compartilhados, assim como nos tornamos verdadeiros amigos. Respeito-o muito!

Sou igualmente grata à minha Coorientadora, Profa. Dra. Eliana Relá, que conheci em um evento realizado pelo Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial - TICCIH - Brasil, na Universidade de Caxias do Sul. De uma capacidade intelectual incrível e eterna ternura em suas palavras, a admiro e agradeço pelas valiosas análises e os conselhos preciosos que enriqueceram e fortaleceram este trabalho.

À Coordenação e aos(as) Professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, minha gratidão por acreditarem em meu potencial e contribuírem para o desenvolvimento que hoje posso colher. Conheci professores(as) altamente profissionais, inteligentes e de um coração enorme, o qual faz toda a diferença na trajetória de um aluno.

À Universidade La Salle, lugar que se tornou extensão da minha casa desde 2006, agradeço pela trajetória acadêmica construída. Os princípios Lassalistas são de honra e muita responsabilidade com seu público acadêmico, sempre entregando um aprendizado de qualidade ímpar, que nos faz ter orgulho da instituição e de todos os esforços feitos para nos tornar melhores e mais capacitados para a sociedade.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de bolsa, seguindo o Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – PROSUC, sem a qual a conclusão deste doutorado não teria sido possível.

Por fim, mas não menos importante, à empresa Moinho Estrela, na pessoa da Sra. Ana Maria Ponzoni Pretto, agradeço pela disponibilidade constante em fornecer informações essenciais, pelo acesso a documentos, pelo agendamento das entrevistas com os colaboradores da instituição e pelas visitas guiadas à fábrica. As portas abertas e sua disponibilidade sempre tão gentil e acolhedora sustentaram esta pesquisa.

*“Quão melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! E quão
mais excelente é adquirir a prudência do que a prata!”
(Provérbios 16:16)*

RESUMO

A presente pesquisa objetivou aproximar os campos da memória social e do patrimônio industrial, por meio dos saberes do trabalho vinculados à indústria da moagem de trigo, compreendendo esta relação no desenvolvimento sociocultural e econômico do Rio Grande do Sul, além de identificar os saberes do trabalho enquanto patrimônio industrial imaterial e evidenciar a memória do trabalho industrial como forma de reconhecer este patrimônio no estado. A construção foi possível a partir da memória do saber-fazer que versa sobre a empresa Moinho Estrela, situada no município de Canoas (Região Metropolitana de Porto Alegre), e fez parte do estudo em nível de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Com a temática escolhida, pretendeu-se aproximar os campos de estudo, por meio dos testemunhos de trabalhadores e trabalhadoras da organização, visibilizando a memória industrial. Para tanto, também se dialogou com o campo da memória empresarial com o intuito de contextualizar a instituição em uma área de estudos sobre a memória do trabalho. Acerca da revisão teórica, foram utilizados autores como Halbwachs, Candau, Pollak, Ricoeur, Assmann, Gondar, Nora, Benjamin, Bourdieu, Worcman, Nassar, Feldman e Feldman, Gertz, Moreira, Dacanal e Gonzaga, Kühn, Pesavento, Júnior, Sidonio e Moraes, Cordeiro, Ferreira, Meneguello e Kühl, além das Cartas Patrimoniais (Carta de Nizhny Tagil, Os Princípios de Dublin e Carta de Sevilla). Nesse sentido, a partir da análise de narrativas dos trabalhadores e trabalhadoras do Moinho Estrela, a pesquisa percorreu uma metodologia de cunho qualitativo, com objetivos exploratório-descritivos, bem como realizou o levantamento bibliográfico, conduzindo entrevistas semiestruturadas para, então, fazer uso das técnicas de análise de conteúdo e tratá-las por meio do *software* Iramuteq, possibilitando a análise gráfica do *corpus* textual. Utilizou-se também documentos (livro, infográfico e imagens) a fim de identificar a memória industrial imaterial, relacionando-a ao contexto social e econômico do setor moageiro no estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: memória empresarial; memória social; Moinho Estrela; patrimônio industrial; patrimônio imaterial; saberes do trabalho; setor moageiro.

ABSTRACT

This research aimed to bridge the fields of social memory and industrial heritage through the knowledge of work linked to the wheat milling industry, understanding this relationship in the sociocultural and economic development of Rio Grande do Sul, as well as identifying the knowledge of work as intangible industrial heritage and highlighting the memory of industrial work as a way of recognizing this heritage in the state. The construction was made possible by the memory of the know-how of the Moinho Estrela company, located in the municipality of Canoas (Metropolitan Region of Porto Alegre), and was part of a doctoral-level study within the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage at La Salle University. With the chosen theme, the intention was to bring the fields of study closer together through the testimonies of the organization's workers, making industrial memory visible. To this end, dialogue was also established with the field of corporate memory in order to contextualize the institution within an area of study on the memory of work. Regarding the theoretical review, authors such as Halbwachs, Candau, Pollak, Ricoeur, Assmann, Gondar, Nora, Benjamin, Bourdieu, Worcman, Nassar, Feldman and Feldman, Gertz, Moreira, Dacanal and Gonzaga, Kühn, Pesavento, Júnior, Sidonio and Moraes, Cordeiro, Ferreira, Meneguello and Kühl were used, in addition to the Heritage Charters (Nizhny Tagil Charter, Dublin Principles and Seville Charter). In this sense, based on the analysis of narratives from the workers of Moinho Estrela, the research followed a qualitative methodology, with exploratory-descriptive objectives, as well as conducting a bibliographic survey, carrying out semi-structured interviews to then make use of content analysis techniques and process them through Iramuteq software, enabling the graphic analysis of the textual corpus. Documents (book, infographic and images) were also used to identify intangible industrial memory, relating it to the social and economic context of the milling sector in the state of Rio Grande do Sul.

Keywords: business memory; social memory; Moinho Estrela; industrial heritage; intangible heritage; work knowledge; milling sector.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Proporção de empresas por porte na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021.....	24
Figura 2	– Distribuição de empresas na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021.....	25
Figura 3	– Proporção de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul em 1994 e 2021....	30
Figura 4	– Distribuição de empresas na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul no ano de 1994 e 2021.....	31
Figura 5	– Proporção da quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados do município de Canoas em relação ao estado do Rio Grande do Sul, nos anos 1994 e 2021.....	34
Figura 6	– Variação na quantidade de empresas por porte na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no município de Canoas e no estado do Rio Grande do Sul 2021/1994.....	35
Figura 7	– Busto de Angelo Domingo Pretto.....	36
Figura 8	– Capa do livro <i>De um só grão não se faz pão</i>	37
Figura 9	– Primeira página do livro <i>De um só grão não se faz pão</i>	37
Figura 10	– Angelo Domingo Pretto, fundador do Grupo Estrela.....	38
Figura 11	– Localização de Progresso no Rio Grande do Sul.....	39
Figura 12	– Prédio do Moinho desativado em Estrela/RS.....	40
Figura 13	– Um dos prédios do Moinho Estrela (visão do pátio interno).....	41
Figura 14	– Silos do Moinho Estrela (visão do pátio interno).....	42
Figura 15	– Espigas de trigo e composição do grão.....	62
Figura 16	– Balança de pesagem de veículos.....	63
Figura 17	– Calador graneleiro.....	64

Figura 18	– Moega.....	65
Figura 19	– Silos Moinho Estrela.....	65
Figura 20	– Plansifter do Moinho Estrela.....	67
Figura 21	– Sessor do Moinho Estrela.....	68
Figura 22	– Rosca Tripla do Moinho Estrela.....	69
Figura 23	– Farinha pré-selecionada na mão do Moleiro.....	69
Figura 24	– Processo de Envase.....	71
Figura 25	– Big Bag de aproximadamente 1.200kg.....	71
Figura 26	– Produtos embalados e transportados por empilhadeira no armazém do Moinho Estrela.....	72
Figura 27	– Recorte 1 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas.....	79
Figura 28	– Recorte 2 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas.....	79
Figura 29	– Recorte 3 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas.....	80
Figura 30	– Organograma dos colaboradores e das colaboradoras entrevistados(as) no Moinho Estrela.....	82
Figura 31	– Dados estatística descritiva coletada.....	115
Figura 32	– Dados da Classificação Hierárquica Descendente – CHD.....	116
Figura 33	– Perfis e representatividade das classes.....	117
Figura 34	– Perfil entrevistado da classe 1.....	122
Figura 35	– Perfil entrevistado da classe 2.....	122
Figura 36	– Perfil entrevistado da classe 3.....	123
Figura 37	– Perfil entrevistado da classe 4.....	123

Figura 38	– Grafo da Análise de Similitude.....	130
Figura 39	– Nuvem de palavras.....	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Quantidade de empresas, por porte, no mercado de trabalho, no setor moageiro, por unidade da federação no Brasil no ano de 2021.....	19
Tabela 2	– Quantidade de empresas, por porte, no mercado de trabalho, no setor moageiro, por município do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2021.....	21
Tabela 3	– Quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021.....	23
Tabela 4	– Quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul, em 1994 e 2021.....	27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Distribuição por faixa etária dos(as) entrevistados(as).....	85
Gráfico 2	– Tempo de empresa dos(as) entrevistados(as).....	86
Gráfico 3	– Dendrograma 1 CHD.....	118
Gráfico 4	– Dendrograma 1 CHD: Nome dos Subcorpus e das Classes.....	121
Gráfico 5	– Dendrograma 2 CHD.....	124
Gráfico 6	– Dendrograma 3 CHD.....	125
Gráfico 7	– Categorização AFC.....	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Relação de herdeiro(a)/sucessor(a) do Moinho Estrela.....	42
Quadro 2	– <i>Prompts</i> criados e aplicados nos <i>softwares</i> de inteligência artificial: <i>Copilot</i> e <i>Perplexity</i>	78
Quadro 3	– Dados demográficos dos(as) entrevistados(as).....	83
Quadro 4	– Mapeamento dos principais temas narrados por cada entrevistado(a).....	87
Quadro 5	– Categoria “Mobilização de Conhecimento”.....	92
Quadro 6	– Categoria “Aquisição de Conhecimento Pessoal”.....	97
Quadro 7	– Categoria “Troca de Conhecimento com Concorrentes”.....	103
Quadro 8	– Categoria “Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas”.....	108
Quadro 9	– Corpus geral do texto, classes, perfis sociodemográficos e palavras em destaque.....	127
Quadro 10	– Categorização de subcorpus e classes.....	129

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Memorial.....	15
1.1.1 <i>Trajetória pessoal/profissional.....</i>	<i>15</i>
1.1.2 <i>Trajetória acadêmica.....</i>	<i>16</i>
1.2 Contextualização do tema da pesquisa.....	18
1.3 Introdução à tese.....	35
1.3.1 <i>Problema de pesquisa.....</i>	<i>43</i>
1.3.2 <i>Objetivo geral.....</i>	<i>43</i>
1.3.3 <i>Objetivos específicos.....</i>	<i>43</i>
1.3.4 <i>Justificativa.....</i>	<i>43</i>
2 REVISÃO CONCEITUAL.....	44
2.1 Memória social e empresarial.....	45
2.2 Patrimônio industrial imaterial e memória.....	50
2.3 Indústria moageira.....	59
3 METODOLOGIA.....	73
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	81
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	114
5.1 Reflexões sobre os resultados apresentados.....	127
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	142
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	147
ANEXO A – Carta de apresentação da pesquisa ao Moinho Estrela	148
ANEXO B – Carta de aceite da pesquisa por parte do Moinho Estrela.....	149
ANEXO C – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	150

1 INTRODUÇÃO

Inicia-se este estudo pela seção do Memorial onde se apresenta, em linhas gerais, a minha trajetória pessoal/profissional, seguido do meu percurso acadêmico que contribuiu para a construção dos pilares necessários para a constituição desta pesquisa. Após, serão apresentadas a Contextualização do tema da pesquisa e a Introdução à tese.

1.1 Memorial

1.1.1 *Trajetoária pessoal/profissional*

Sou bageense de nascença, mas foi no município de Canoas, estado do Rio Grande do Sul, junto à minha família, que iniciei minha trajetória profissional por meio dos meus estudos e qualificações. Quase dois anos após a nossa chegada na nova terra, no segundo semestre de 2004, entrei para o curso Técnico em Administração. Naquele ano também concluí o Ensino Médio. Durante o curso Técnico, entendi que seguiria a carreira dos negócios e, dentro da área da Administração, questionei-me o que mais poderia fazer que tivesse destaque no mercado de trabalho e fosse me motivar todos os dias.

Diante de tantas alternativas, escolhi me especializar profissionalmente na área de Comércio Exterior, onde a coordenação de embarques nacionais e internacionais, as negociações de fretes no Brasil e para além dele, e o uso diário de línguas estrangeiras passariam a ser meus novos desafios.

Em conjunto com a formação acadêmica, tenho trabalhado no âmbito da Logística Nacional e Internacional desde o ano de 2013, no qual tive várias oportunidades em empresas de pequeno, médio e grande porte, passando nas áreas do comércio, de serviços e de multinacionais. Contudo, também já atuei em vários campos, podendo destacar a administração financeira, a gestão de pessoas e a gestão comercial.

Na área da educação, comecei a dar aulas particulares de Inglês em 2019 para níveis básico e intermediário, o que contribuiu ainda mais para despertar o meu interesse pelo campo do ensino e da pesquisa. Também como forma de aprimorar meus conhecimentos, obter experiência e me aproximar do campo acadêmico,

realizei, no primeiro semestre de 2021, um Estágio em Docência, sob supervisão do meu orientador de mestrado, Prof. Dr. Moisés Waismann. Ainda em 2021, no segundo semestre, fui selecionada para trabalhar como Tutora na Universidade Norte do Paraná (Unopar), na cidade de Novo Hamburgo/RS, onde, além das atividades em sala de aula, realizadas em conjunto com os professores, auxiliei no acompanhamento acadêmico dos alunos. Em 2022, ingressei no Sistema de Ensino Gaúcho, em Canoas, como professora dos cursos técnicos em Administração, Contabilidade e Estética (2024), onde, até o momento, ministrei aulas nas seguintes disciplinas: Gestão da Qualidade, Gestão de Pessoas, Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade, Economia, Projeto Integrador, Introdução à Contabilidade, Gestão de Marketing e Vendas, Comportamento Organizacional, Teoria Geral da Administração e Gestão de Processos, Gestão de Negócios e Rotinas do Departamento Pessoal. No segundo semestre de 2023, realizei o segundo Estágio em Docência, também sob supervisão do Prof. Dr. Moisés Waismann, como requisito da grade curricular de Doutorado.

Dito isso, meu objetivo de trajetória profissional continua sendo buscar o conhecimento para além da conclusão do Doutorado, para que eu possa fortalecer e aprimorar minha carreira acadêmica a fim de, espero que em breve, estar atuando na Educação Superior dentro do meu ramo de especialização acadêmica e profissional.

1.1.2 Trajetória acadêmica

Quanto à minha formação acadêmica, inicialmente procurei a área dos negócios através do Curso Técnico em Administração, ingressando, em seguida, no Curso Superior em Administração com Ênfase em Comércio Exterior, este último já na Universidade La Salle.

A partir da conclusão da minha formação de base em 2013, continuei na Universidade La Salle avançando para um MBA, um pós-MBA e, por último, um mestrado. Em 2014 iniciei a pós-graduação em Gerenciamento de Projetos, em 2018 finalizei o pós-MBA em Inteligência Emocional nas Organizações e em 2021 me tornei mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Meus assuntos de trabalho de conclusão da graduação e artigo da pós-

graduação foram voltados para o mercado internacional. Na graduação, apresentei o tema “Consórcios de Exportação: verdades e mitos” onde trouxe a proposição de um Consórcio de Exportação para componentes de calçados, criado pela empresa Assintecal, localizada em Novo Hamburgo. Na pós-graduação, a apresentação do meu artigo foi “Um estudo sobre a influência das partes interessadas em reuniões de status de Projetos Internacionais”, onde pesquisei sobre os principais pontos positivos e negativos que um projeto internacional enfrenta frente a tanta diversidade de culturas, modos de trabalho e influências externas. Em 2018, após fazer o Pós-MBA em Inteligência Emocional nas Organizações com o objetivo de aprofundar o autoconhecimento e de trabalhar a psicologia organizacional, concluí o curso com o desenvolvimento de uma “Aplicação de coaching sistêmico organizacional na empresa ACME” (nome fictício do caso proposto).

Quanto ao mestrado, ingressei como aluna especial em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, passando a ser aluna regular em 2020, no qual me debrucei sobre o tema “Memória empresarial do Banrisul Armazéns Gerais S. A. (Bagergs) e a sua contribuição para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul” que, além da dissertação, resultou em um e-book como produto técnico da produção final onde foi apresentada uma linha do tempo contextualizando os principais marcos da economia do Rio Grande do Sul aliados às memórias e trajetória da empresa, considerando o mesmo período onde a Bagergs se estabilizou e se desenvolveu na Região Metropolitana de Porto Alegre. O material também contou com itens iconográficos e recortes jornalísticos que complementaram a pesquisa no período estudado.

Com o intuito de me instrumentalizar para o desenvolvimento deste estudo no mestrado, além dos conteúdos produzidos dentro do PPG em Memória Social e Bens Culturais, destaco a participação em três cursos de extensão. Primeiro, a Oficina de Escrita Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), seguido do curso de extensão universitária em História do Rio Grande do Sul do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e, por fim, e não menos importante, o curso em Centros de Memória: Fundamentos e Perspectivas, fornecido pela Universidade de São Paulo (USP) com o apoio da Associação Brasileira de Memória Empresarial (ABME).

Todo esse esforço foi exposto na banca de defesa final que ocorreu em 10 de dezembro de 2021, onde o trabalho foi aprovado com louvor, sendo indicado para publicação e para ser ainda mais aprofundado no âmbito do doutorado. Contudo, é importante salientar que a conclusão do mestrado só foi possível devido à concessão da Bolsa Institucional de Estudos parcial de 50% concedida pela Universidade La Salle, a qual me permitiu subsidiar as despesas financeiras do curso.

Além disso, durante o ano de 2022 e com o objetivo de aprendizado contínuo, cursei outra especialização, pela Universidade de Caxias do Sul na modalidade de Educação a Distância, em Docência para o Ensino Superior, onde busquei aprender sobre a área uma vez que pretendo trabalhar na educação superior como docente.

Ainda em 2022, no segundo semestre, iniciei o aprendizado da língua italiana, cujo curso concluí no primeiro semestre de 2025, e fui aprovada na seleção de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, sendo beneficiada com a concessão de uma bolsa de estudos (Modalidade II - Taxa) através do processo seletivo CAPES/PROSUC e Edital 072/2022.

Durante o doutorado, como forma de alcançar os meus objetivos acadêmico e profissional, foi possível me aprofundar no campo de estudo percorrido até aqui e desenvolver minha pesquisa nos parâmetros descritos neste trabalho, com o intuito de amadurecer minha investigação e me tornar especialista no ramo de pesquisa da memória, da cultura e do patrimônio, considerando os âmbitos empresarial e social.

1.2 Contextualização do tema da pesquisa

Na sequência deste trabalho, anuncia-se que este tem como tema a relação e a construção dos saberes do trabalho na indústria moageira de trigo. A pesquisa é realizada a partir de conceitos aprofundados nos campos do patrimônio industrial, sobretudo o imaterial, e da memória social, abarcando narrativas e testemunhos do trabalho fabril.

O locus para a pesquisa empírica é o Moinho Estrela, empresa localizada no município de Canoas, visto que ela é uma instituição representativa na indústria moageira no estado do Rio Grande do Sul e também no Brasil, logo, pesquisar sua

memória industrial aproxima-nos da esfera conceitual da memória social e do patrimônio industrial a partir do campo prático que se propõe explorar.

Salienta-se, ainda, que a pesquisa vai ao encontro do desenvolvimento acadêmico da pesquisadora, uma vez que ela vem articulando os temas da memória social e do patrimônio industrial desde sua formação no Mestrado, também em Memória Social e Bens Culturais, por esta instituição. Contudo, a partir deste estudo em nível de Doutorado, entende-se que outros conhecimentos foram adquiridos, como o aprofundamento no campo da memória social e empresarial, no amplo entendimento do patrimônio industrial imaterial e dos saberes do trabalho, bem como na apropriação dos conceitos relacionados à área da indústria moageira.

Diante desta contextualização, entende-se ser necessário apresentar a empresa escolhida para uma melhor compreensão do(a) leitor(a). O Moinho Estrela está inserido no setor moageiro do Brasil, formalmente, desde 1967, quando se associou ao Moinho Ideal de Lajeado, estado do Rio Grande do Sul, e atualmente possui sede em Canoas, situada no mesmo estado. Contudo, antes de apresentar diretamente a empresa aqui estudada, faz-se necessário entender em qual cenário nacional ela se insere. Para isso, se identificam abaixo informações que esboçam a quantidade de empresas situadas no setor moageiro em nível nacional. Inicia-se pela Tabela 1, onde se mostra a quantidade de empresas, por porte, no mercado de trabalho, no setor moageiro, por unidade da federação no Brasil no ano de 2021.

Tabela 1 – Quantidade de empresas por porte no mercado de trabalho no setor moageiro por unidade da federação, no Brasil, no ano de 2021

Estados	Microempresa	Pequena	Média	Grande	Total
Alagoas	33	77	-	-	110
Amapá	-	43	-	-	43
Amazonas	25	40	154	-	219
Bahia	1	86	401	1.572	2.060
Ceará	5	96	884	3.708	4.693
Distrito Federal	4	83	-	-	87
Espírito Santo	23	88	232	-	343
Goiás	6	196	333	-	535

Estados	Microempresa	Pequena	Média	Grande	Total
Maranhão	-	34	132	-	166
Mato Grosso	2	-	-	-	2
Mato Grosso do Sul	-	96	481	-	577
Minas Gerais	34	75	380	1.657	2.146
Pará	2	-	330	-	332
Paraíba	9	52	340	-	401
Paraná	359	1.580	1.540	-	3.479
Pernambuco	20	-	465	-	485
Piauí	-	86	-	-	86
Rio de Janeiro	17	-	486	-	503
Rio Grande do Norte	48	-	386	-	434
Rio Grande do Sul	210	702	1.619	1.774	4.305
Santa Catarina	63	516	126	-	705
São Paulo	140	470	2.234	-	2.844
Sergipe	6	-	199	-	205
Brasil	1.007	4.320	10.722	8.711	24.760

Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados pelo Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (2024).

Na Tabela 1 acima, percebe-se a quantidade de empresas por porte no mercado de trabalho no setor moageiro por unidade da federação, no Brasil, no ano de 2021, a partir da pesquisa realizada no Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho.

Colocando em evidência o estado do Rio Grande do Sul, visto que o Moinho Estrela foi fundado e ainda se encontra em solo riograndense, tem-se um total de 4.305 empresas no setor, nas quais 210 são caracterizadas como microempresas, 702 como pequenas empresas, 1.619 como médias e 1.774 como grandes empresas. Em comparação com o total nacional, o Rio Grande do Sul aparece em segundo lugar com o maior número de microempresas (210), ficando atrás do estado do Paraná (359). Ao analisar-se as pequenas empresas, o Rio Grande do Sul (702) continua na mesma posição (segunda), onde o Paraná permanece liderando (1.580). Contudo, quando se percebem as médias empresas, outro estado assume o ranking com 2.234 empresas, sendo este o estado de São Paulo e o Rio Grande do Sul continua na

segunda posição (1.619). Por fim, ao mencionar as grandes empresas do setor moageiro, apenas quatro estados aparecem, considerando a seguinte ordem decrescente: Ceará (3.708), Rio Grande do Sul (1.774), Minas Gerais (1.657) e Bahia (1.572). Em todos os cenários analisados, percebe-se o quanto o Rio Grande do Sul é considerado um estado forte perante o mercado de moagem em nível nacional, já que permanece em segundo lugar para todos os portes de empresas.

A seguir é possível, por meio da Tabela 2, verificar a quantidade de empresas por porte no mercado de trabalho, no setor moageiro, por município do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2021.

Tabela 2 – Quantidade de empresas, por porte, no mercado de trabalho, no setor moageiro, por município do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2021

Município	Microempresa	Pequena	Média	Grande	Total
Antônio Prado	-	-	169	-	169
Araricá	2	-	-	-	2
Barros Cassal	1	-	-	-	1
Bento Gonçalves	-	-	200	976	1.176
Camaquã	-	94	-	-	94
Campo Novo	-	50	-	-	50
Canoas	-	191	272	-	463
Casca	-	44	-	-	44
Caxias Do Sul	4	-	168	798	970
Cerro Largo	34	-	-	-	34
Cruz Alta	1	-	-	-	1
Encantado	2	-	-	-	2
Entre-Ijuís	8	-	-	-	8
Erebango	23	-	-	-	23
Erechim	15	-	-	-	15
Espumoso	1	-	-	-	1
Faxinal do Soturno	10	-	-	-	10
Flores da Cunha	1	-	-	-	1
Frederico Westphalen	18	-	-	-	18
Giruí	6	-	-	-	6
Horizontina	18	-	-	-	18
Ijuí	3	119	-	-	122
Marau	11	-	-	-	11

Marcelino Ramos	-	31	-	-	31
Nova Alvorada	1	-	-	-	1
Passo Fundo	5	-	-	-	5
Pajuçara	8	-	-	-	8
Panambi	-	54	-	-	54
Pinhal	2	46	-	-	48
Pinto Bandeira	2	-	-	-	2
Porto Alegre	1	-	120	-	121
Ronda Alta	6	-	-	-	6
Rondinha	3	-	-	-	3
Salvador das Missões	-	21	-	-	21
Sananduva	8	-	175	-	183
Santa Maria	2	-	209	-	211
Soledade	1	-	-	-	1
Tapejara	1	-	-	-	1
Taquari	-	-	113	-	113
Tio Hugo	5	-	-	-	5
Vacaria	1	52	193	-	246
Vila Maria	6	-	-	-	6
Rio Grande do Sul	210	702	1.619	1.774	4.305

Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados pelo Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (2024).

Na Tabela 2, e considerando o ano de recorte de 2021, é possível verificar a quantidade de empresas, por porte, em cada município do estado do Rio Grande do Sul, destacando-se, em ordem decrescente, os municípios de Cerro Largo (34), Erebangó (23), Frederico Westphalen (18) e Horizontina (18) como os quatro primeiros colocados no que diz respeito a microempresas no setor moageiro. Para as pequenas empresas, outros três municípios se destacam no ranking: Canoas (191), Ijuí (119) e Camaquã (94). Considerando as médias empresas, o município de Canoas continua na primeira posição (272), seguido de Santa Maria (209) e Bento Gonçalves (200) ocupando o terceiro lugar. Contudo, quando se remete às grandes empresas, apenas dois municípios foram mapeados, destacando-se, em primeiro lugar, Bento Gonçalves (976), seguido de Caxias do Sul (798).

Entretanto, se comparado este período de 2021 ao ano de 1994, e considerando todo o território nacional, percebe-se que o volume de empresas de porte médio em 1994 se reorganizou entre empresas de tamanho médio e grande em 2021. A Tabela

3 abaixo mostra a quantidade de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021.

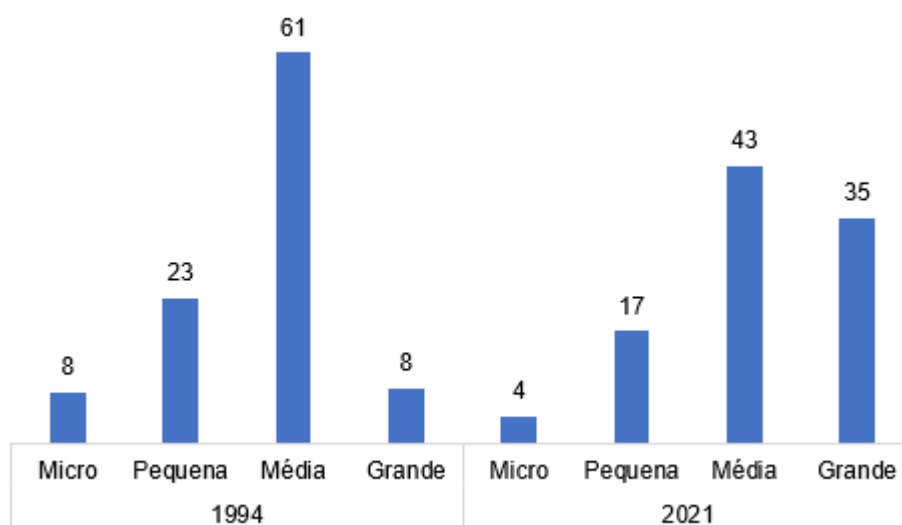
Tabela 3 – Quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021

Estados	1994					2021				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Alagoas	4	-	358	-	362	33	77	-	-	110
Amapá						-	43	-	-	43
Amazonas	1	-	119	-	120	25	40	154	-	219
Bahia	8	79	211	-	298	1	86	401	1.572	2.060
Ceará	17	-	252	534	803	5	96	884	3.708	4.693
Distrito Federal						4	83	-	-	87
Espírito Santo	8	-	243	-	251	23	88	232	-	343
Goiás	4	-	372	-	376	6	196	333	-	535
Maranhão	-	94	-	-	94	-	34	132	-	166
Mato Grosso						2	-	-	-	2
Mato Grosso do Sul	17	-	-	-	17	-	96	481	-	577
Minas Gerais	23	201	692	-	916	34	75	380	1.657	2.146
Pará	-	-	321	-	321	2	-	330	-	332
Paraíba	6	-	-	-	6	9	52	340	-	401
Paraná	229	299	1.153	-	1.681	359	1.580	1.540	-	3.479
Pernambuco	48	-	570	-	618	20	-	465	-	485
Piauí	2	-	-	-	2	-	86	-	-	86
Rio de Janeiro	61	292	1.094	-	1.447	17	-	486	-	503
Rio Grande do Norte	1	85	-	-	86	48	-	386	-	434
Rio Grande do Sul	398	1.063	793	-	2.254	210	702	1.619	1.774	4.305
Santa Catarina	158	457	378	-	993	63	516	126	-	705
São Paulo	87	523	1.854	650	3.114	140	470	2.234	-	2.844
Sergipe	26	93	162	-	281	6	-	199	-	205
Brasil	1.105	3.186	8.572	1.184	14.047	1.007	4.320	10.722	8.711	24.760

Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

A seguir, é possível verificar a proporção de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil, considerando os anos de 1994 e 2021.

Figura 1 – Proporção de empresas por porte na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021

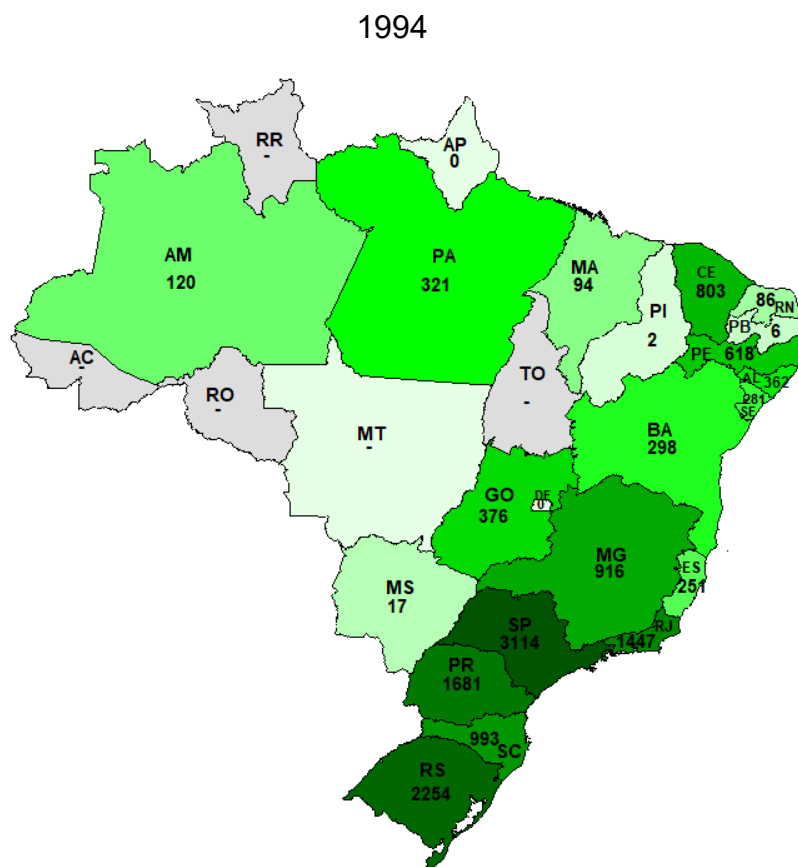


Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

Como apontado acima, as médias empresas perderam força se comparando o ano de 2021 (43%) ao de 1994 (61%). Porém, as grandes empresas ganharam expressão – de 8% em 1994 para 35% em 2021 – considerando todos os estados brasileiros. As microempresas tiveram uma redução de 8% em 1994 para 4% em 2021, assim como as pequenas empresas que decresceram de 23% para 17% no mesmo período.

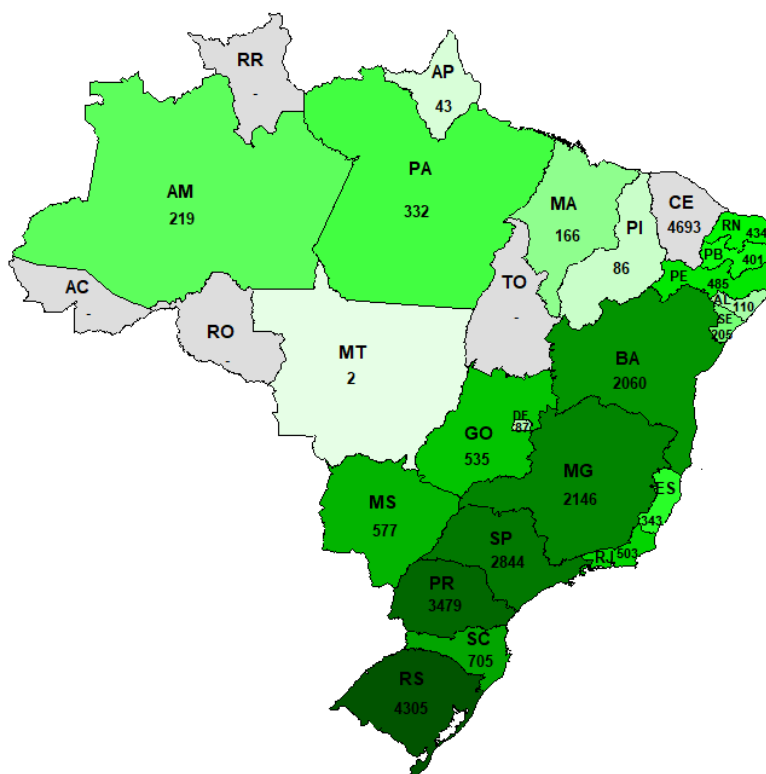
Posteriormente, os dois mapas que seguem na Figura 2 apresentam a distribuição de empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e em 2021.

Figura 2 – Distribuição de empresas na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil em 1994 e 2021



Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

2021



Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

A partir dos mapas também se percebe que alguns estados se sobressaem quanto à quantidade total de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil, comparando o ano de 2021 ao de 1994. Ao analisar os estados, percebe-se que houve maior crescimento do total de empresas do setor, em ordem decrescente, nas localidades de: Ceará (cresceu 3.890 empresas se comparadas o ano de 2021 ao de 1994), Rio Grande do Sul (cresceu 2.051 empresas), Paraná (1.798 empresas), Bahia (1.762), Minas Gerais (1.230), Mato Grosso do Sul (560), Paraíba (395) e Rio Grande do Norte (348), outros estados também aumentaram o total de empresas, porém de maneira mais conservadora.

Quanto aos estados que reduziram o total de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Brasil, comparando o ano de 2021 ao de 1994, percebe-se, considerando a mesma ordem decrescente, os seguintes estados: Rio de Janeiro (redução de 944 empresas se comparadas o ano de 2021 ao de 1994), Santa Catarina (288 empresas), São Paulo (270), Alagoas (252), Pernambuco (133) e Sergipe (76).

Destaca-se que enquanto estados cujo setor agrícola ainda é forte, como o Rio Grande do Sul, aumenta a quantidade total de empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados, as grandes metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo reduzem as suas organizações, focando cada vez mais na industrialização e em setores distintos do mercado de grãos.

Na sequência, apresenta-se a Tabela 4 com a quantidade de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no estado do Rio Grande do Sul, considerando os mesmos anos analisados anteriormente, 1994 e 2021.

Tabela 4 – Quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul, em 1994 e 2021

Município	1994					2021				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Antônio Prado	-	-	165		165	-	-	169	-	169
Araricá						2	-	-	-	2
Arroio do Sal	1	-	-		1					
Arroio do Tigre	9	-	-		9					
Barros Cassal						1	-	-	-	1
Bento Gonçalves	-	77	-		77	-	-	200	976	1.176
Caibaté	2	-	-		2					
Caiçara	3	-	-		3					
Camaquã	3	-	-		3	-	94	-	-	94
Campo Novo	-	60	-		60	-	50	-	-	50
Cândido Godói	2	-	-		2					
Canoas	8	99	345		452	-	191	272	-	463
Carazinho	5	-	-		5					
Carlos Barbosa	8	-	-		8					
Catuípe	7	-	-		7					
Casca						-	44	-	-	44
Caxias do Sul	41	116	-		157	4	-	168	798	970
Cerro Largo	11	-	-		11	34	-	-	-	34
Cruz Alta						1	-	-	-	1
Chapada	1	-	-		1					
Cruzeiro do Sul	1	-	-		1					
Encantado	-	55	-		55	2	-	-	-	2
Entre-Ijuís	11	-	-		11	8	-	-	-	8
Erebango						23	-	-	-	23
Erechim	4	-	-		4	15	-	-	-	15
Espumoso	1	-	-		1	1	-	-	-	1

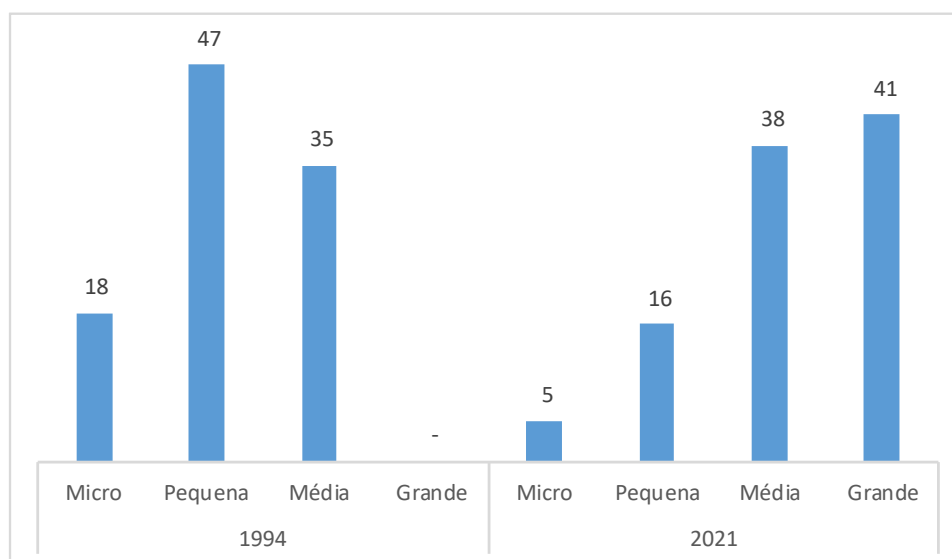
Município	1994					2021				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Estação	-	31	-		31					
Faxinal do Soturno	19	-	-		19	10	-	-	-	10
Flores da Cunha	2	-	-		2	1	-	-	-	1
Frederico Westphalen	13	21	-		34	18	-	-	-	18
Garibaldi	-	34	-		34					
Giruá						6	-	-	-	6
Guaíba	4	-	-		4					
Guarani das Missões	7	-	-		7					
Horizontina						18	-	-	-	18
Humaitá	1	-	-		1					
Ibirubá	14	-	-		14					
Ijuí	-	22	-		22	3	119	-	-	122
Júlio de Castilhos	2	-	-		2					
Lajeado	19	-	-		19					
Machadinho	1	-	-		1					
Marau	2	-	-		2	11	-	-	-	11
Marcelino Ramos	-	33	-		33	-	31	-	-	31
Nova Alvorada						1	-	-	-	1
Nova Araçá	1	-	-		1					
Nova Roma do Sul	11	-	-		11					
Paim Filho	2	-	-		2					
Panambi	1	-	-		1					
Passo Fundo	16	-	-		16	5	-	-	-	5
Pajuçara	4	20	-		24	8	-	-	-	8
Panambi						-	54	-	-	54
Pelotas	3	42	-		45					
Pinhal	17	-	-		17	2	46	-	-	48
Pinhal Grande	1	-	-		1					
Pinto Bandeira						2	-	-	-	2
Porto Alegre	17	105	283		405	1	-	120	-	121
Rio Grande	-	39	-		39					
Ronda Alta						6	-	-	-	6
Rondinha	3	-	-		3	3	-	-	-	3
Salvador das Missões						-	21	-	-	21
Rosário do Sul	7	-	-		7					
Sananduva	3	81	-		84	8	-	175	-	183
Santa Maria	18	48	-		66	2	-	209	-	211
Santa Rosa	-	28	-		28					
Santo Ângelo	5	32	-		37					

Município	1994					2021				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Santo Antônio da Patrulha	1	-	-		1					
Santo Antônio do Planalto	2	-	-		2					
Santo Augusto	16	-	-		16					
São Domingos do Sul	1	-	-		1					
São Jerônimo	9	-	-		9					
São João da Urtiga	9	-	-		9					
São José do Ouro	1	-	-		1					
São Sepé	7	-	-		7					
Selbach	1	-	-		1					
Silveira Martins	1	-	-		1					
Sobradinho	3	-	-		3					
Soledade	11	-	-		11	1	-	-	-	1
Tapejara	8	21	-		29	1	-	-	-	1
Taquari	-	68	-		68	-	-	113	-	113
Tenente Portela	3	-	-		3					
Tio Hugo						5	-	-	-	5
Vacaria	-	31	-		31	1	52	193	-	246
Vila Maria	4	-	-		4	6	-	-	-	6
Vista Gaúcha	10	-	-		10					
Rio Grande do Sul	398	1.063	793		2.254	210	702	1.619	1.774	4.305

Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

Na sequência, apresenta-se a proporção de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul, considerando os anos de 1994 e 2021.

Figura 3 – Proporção de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul em 1994 e 2021

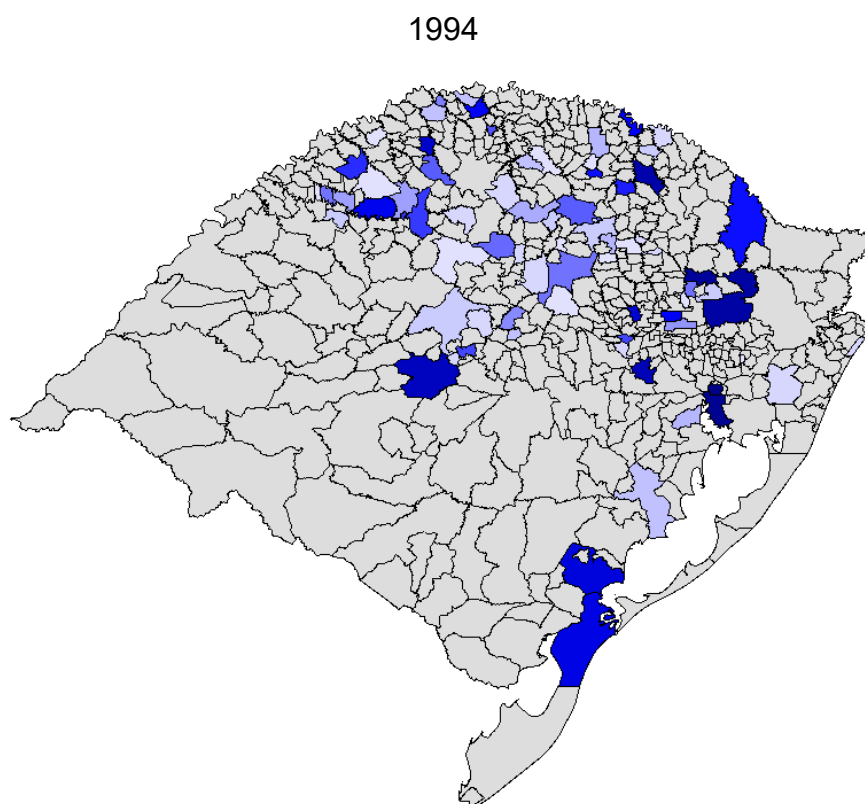


Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

A partir do exposto, percebe-se que, considerando o estado do Rio Grande do Sul e 84 municípios mapeados, a maioria das empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados, em 1994, era de porte pequeno (47%), seguida pelo porte médio (35%) e pelas microempresas (18%), sendo que as grandes organizações aparecem zeradas. No entanto, comparando com o ano de 2021, o resultado é alterado e sobressaem-se as grandes empresas, com 41%, seguidas pelas médias (38%), sendo que há redução nas pequenas empresas (16%) e também nas microempresas (5%).

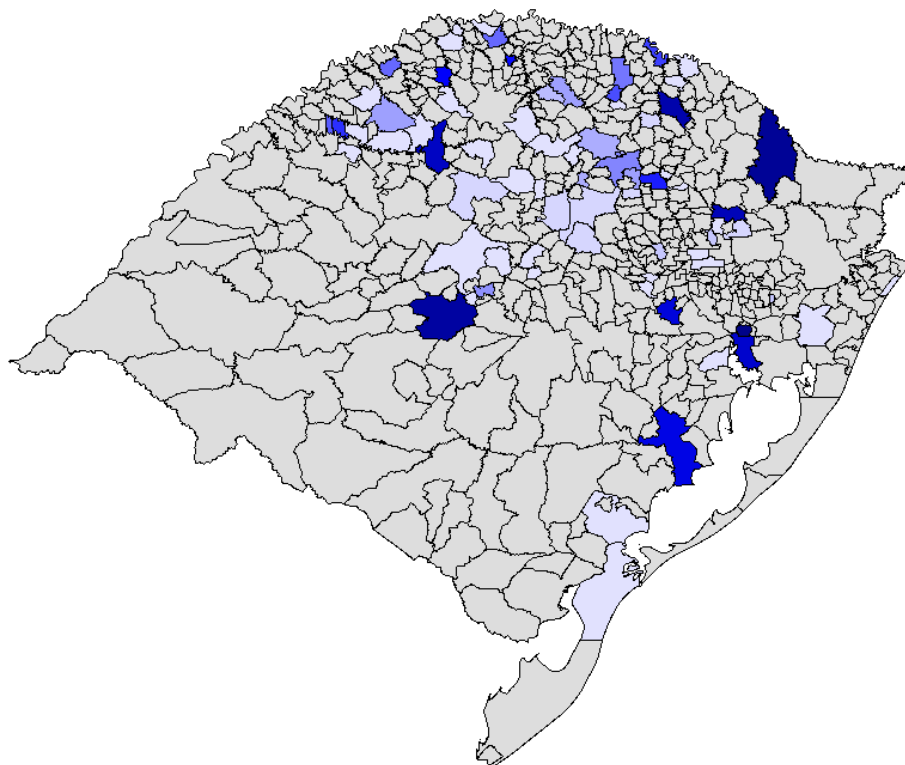
Abaixo, os mapas demonstram a distribuição das empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul nos anos de 1994 e 2021.

Figura 4 – Distribuição de empresas na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no Rio Grande do Sul no ano de 1994 e 2021



Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em <http://pdet.mte.gov.br/> (2024).

2021



Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em <http://pdet.mte.gov.br/> (2024).

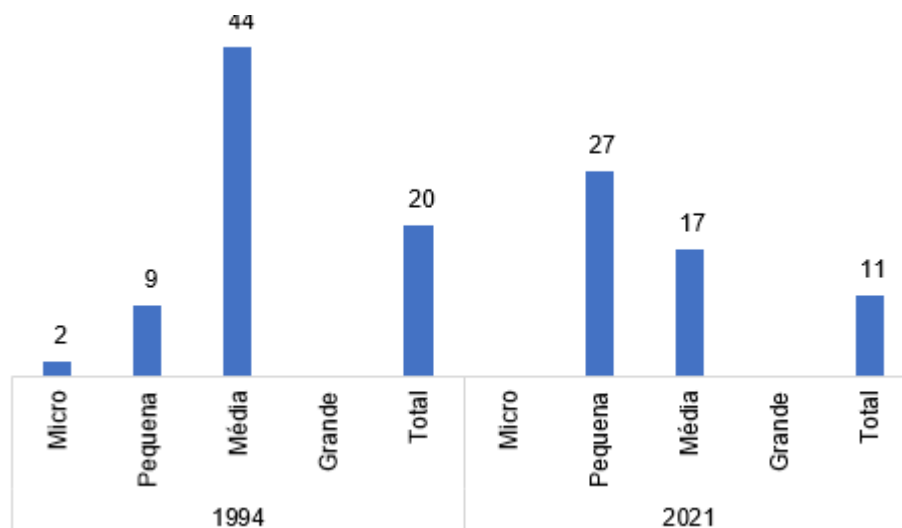
Analisando os mapas, percebe-se que, no ano de 1994, o maior número de empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no estado do Rio Grande do Sul, por ordem decrescente e considerando os cinco primeiros municípios, concentrava-se nas cidades de Canoas (total de 452 empresas), Porto Alegre (405), Antônio Prado (165), Caxias do Sul (157) e Sananduva (84). Se verificado o ano de 2021, considerando as mesmas métricas de análise, nota-se o volume total de empresas nos seguintes municípios: Bento Gonçalves (1.176), Caxias do Sul (970), Canoas (463), Vacaria (246) e Santa Maria (211). Ao considerar os municípios que possuem a quantidade total maior no estado do Rio Grande do Sul e que aparecem nos anos de 1994 e 2021, destacam-se as cidades de Canoas e Caxias do Sul, sendo que em 1994 Canoas liderava o ranking e Caxias do Sul aparecia em quarto lugar. Porém, em 2021, o município de Canoas cai para a terceira posição, enquanto a cidade de Caxias do Sul, a supera, tomando o segundo lugar quanto à quantidade total de empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no estado gaúcho.

Analisando a Tabela 4 em conjunto com a Figura 3 e os Mapas dos anos de 1994 e 2021 (Figura 4) quanto à quantidade de empresas, por porte, em cada município do estado do Rio Grande do Sul, em ordem decrescente e destacando as cinco primeiras posições, tem-se que para as microempresas de 1994, Caxias do Sul liderava com 41 organizações, seguida de Faxinal do Soturno e Lajeado (ambas com 19 empresas), Santa Maria (18), Porto Alegre e Pinhal (ambas com 17) e Passo Fundo e Santo Augusto (ambos com 16 microempresas). Já em 2021, ainda considerando as microempresas, aparecem os municípios de Cerro Largo (34 empresas), Erebango (23), Frederico Westphalen e Horizontina (18), Erechim (15) e Marau (11 microempresas).

Ao olhar para as pequenas empresas no ano de 1994, os municípios com maior quantidade de organizações são: Caxias do Sul (116), Porto Alegre (105), Canoas (99), Sananduva (81) e Bento Gonçalves (77). Já ao analisar o ano de 2021, aparecem as seguintes cidades, em ordem decrescente de igual forma: Canoas (191), Ijuí (119), Camaquã (94), Panambi (54) e Vacaria (52). Considerando as médias empresas e o ano de 1994, aparecem apenas três municípios: Canoas (345), Porto Alegre (283) e Antônio Prado (165). Porém, em 2021, aparecem os municípios de Canoas (272) em primeiro lugar, seguido de Santa Maria (209), Bento Gonçalves (200), Vacaria (193) e Sananduva (175) por último. Com relação às grandes empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no estado gaúcho, não há dados considerando o ano de 1994, contudo, em 2021, aparecem dois municípios: Bento Gonçalves (976) e Caxias do Sul (798).

Colocando em destaque a cidade de Canoas, localidade onde está inserido o Moinho Estrela, a seguir é apresentada a proporção da quantidade de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados nos anos de 1994 e 2021, considerando a relação com o estado do Rio Grande do Sul.

Figura 5 – Proporção da quantidade de empresas, por porte, na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados do município de Canoas em relação ao estado do Rio Grande do Sul, nos anos 1994 e 2021

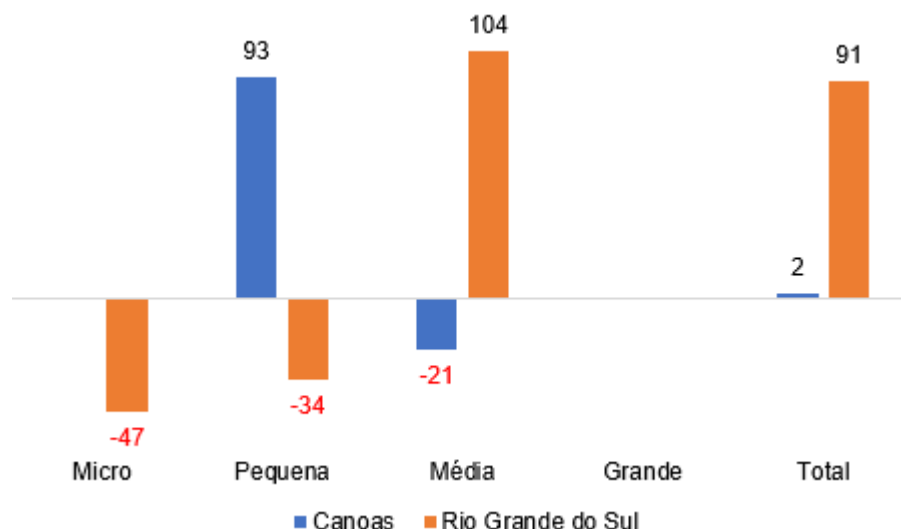


Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

Quanto ao ano de 1994, percebe-se que Canoas representou 2% das microempresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados do estado do Rio Grande do Sul, 9% das pequenas empresas e 44% das médias empresas, não possuindo percentagem de grandes empresas no período estudado. Já em 2021, o município de Canoas representou 27% das pequenas empresas e 17% das médias empresas do estado do Rio Grande do Sul, contudo não pontuou valores nas micro e grandes empresas.

Abaixo, verifica-se a variação na quantidade de empresas, por porte, na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados no município de Canoas e no estado do Rio Grande do Sul, considerando os anos de 2001/1994.

Figura 6 – Variação na quantidade de empresas por porte na atividade Moagem de trigo e fabricação de derivados no município de Canoas e no estado do Rio Grande do Sul 2021/1994



Fonte: Elaborado a partir dos dados disponibilizados em www.pdet.gov.br (2024).

Por fim, mostra-se que, considerando a relação de anos 2021/1994, enquanto a quantidade de pequenas empresas na atividade de moagem de trigo e fabricação de derivados subiu 93% no município de Canoas, houve uma redução de 34% considerando todo o estado do Rio Grande do Sul. O mesmo não aconteceu com as médias empresas, onde Canoas reduziu sua quantidade em 21% e o estado do Rio Grande do Sul cresceu em 104%. Do total estudado nos períodos e considerando a quantidade de empresas por porte (micro, pequena, média e grande empresa), percebe-se que Canoas aumentou em 2% sua capacidade, enquanto o estado do Rio Grande do Sul evoluiu em 91%. Na sequência, dar-se-á início à Introdução à tese.

1.3 Introdução à tese

Após apresentarem-se os dados sobre a quantidade de empresas, por porte, em percentual, proporção e variação no setor moageiro de trigo por unidade da federação no Brasil e por município do estado do Rio Grande do Sul, colocando a cidade de Canoas em evidência, criam-se condições de anunciar a empresa estudada neste projeto, o Moinho Estrela.

A empresa foi constituída em plena crise econômica de 1966 a partir do convite da Comissão de Compra do Trigo Nacional (CTRIN), à qual era administrada pelo

Banco do Brasil e encontrou no Sr. Domingo Pretto a possibilidade de reerguer um moinho falido situado na época na Rua Augusto Severo, 125, no bairro São João, em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Domingo Pretto pertencia a uma família de imigrantes italianos e foi o fundador do Grupo Estrela, falecendo em 2021, aos 89 anos. Na entrada do complexo da empresa em Canoas, é possível avistar um busto com a representação esculpida de Domingo Pretto, conforme figura abaixo:

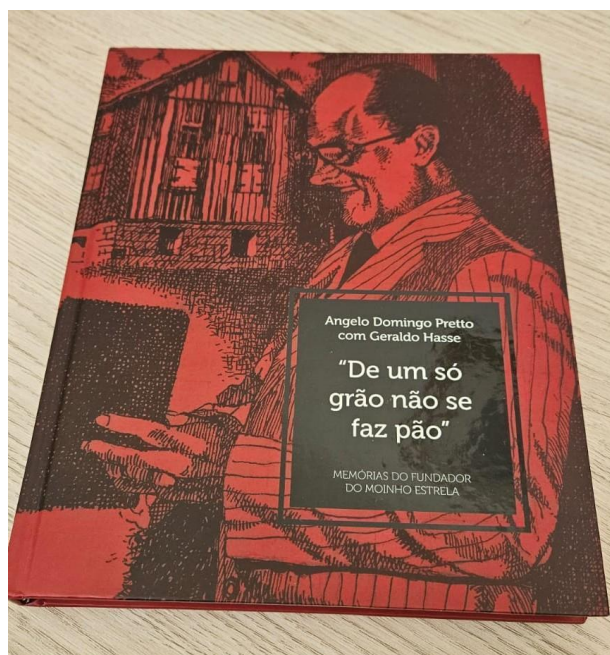
Figura 7 – Busto de Angelo Domingo Pretto



Fonte: Imagem capturada pela autora (2025).

Ainda em vida, aos 85 anos, ele elaborou um livro de memórias em parceria com o jornalista Geraldo Hasse, no qual registrou, por meio de textos, fotografias e relatos, aspectos significativos de sua trajetória pessoal e empresarial. A seguir, apresentam-se imagens da capa, da primeira página interna da obra e do momento em que Angelo Domingo Pretto, fundador do Grupo Estrela, autografou em sua publicação.

Figura 8 – Capa do livro *De um só grão não se faz pão*



Fonte: Imagem capturada pela autora (2025).

Figura 9 – Primeira página do livro *De um só grão não se faz pão*



Fonte: Imagem capturada pela autora (2025).

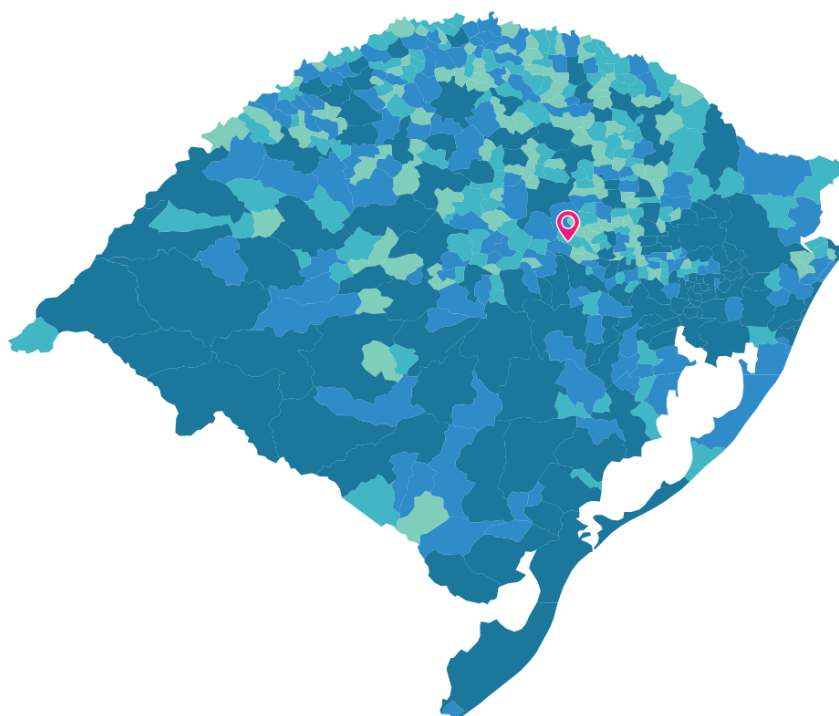
Figura 10 – Angelo Domingo Pretto, fundador do Grupo Estrela



Fonte: Jornal do Comércio (2021).

O livro escrito fez parte das atividades de celebração dos 50 anos do Moinho Estrela e recebeu o título *De um só grão não se faz pão: memórias do fundador do Moinho Estrela* e conta as memórias da sua vida empreendedora desde o início dos anos 1940, quando José Pretto, seu pai, montou um primeiro moinho de grãos, utilizando-se da água de uma pequena cascata, evoluindo, posteriormente, e já no final dos anos 1940, para a construção do primeiro moinho de trigo movido à energia elétrica, por meio de uma turbina, no subdistrito de Xaxim, no município de Progresso, interior do Rio Grande do Sul, fundando, assim, a Moinho José Pretto & Filhos Ltda. Naquela época, devido às péssimas condições logísticas para trafegar, levava-se, em média, quatro dias para transportar os grãos em lombos de burros até os municípios de Lajeado e Venâncio Aires, onde estavam os seus clientes. Abaixo, no mapa, percebe-se a localização do município de Progresso no Rio Grande do Sul.

Figura 11 – Localização de Progresso no Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE (2022).

Em 1958, o Moinho foi realocado para Lajeado com o nome de Moinho Ideal Ltda. Algum tempo depois, parte dos sócios adquiriu uma unidade moageira no município de Estrela, também no Rio Grande do Sul, reproduzindo o nome do município para a fábrica; nascia o Moinho Estrela Ltda., em 11 de janeiro de 1967. Abaixo, uma foto recente da estrutura em Estrela, porém totalmente desativada e em ruínas.

Figura 12 – Prédio do Moinho desativado em Estrela/RS



Fonte: A Hora (2017).

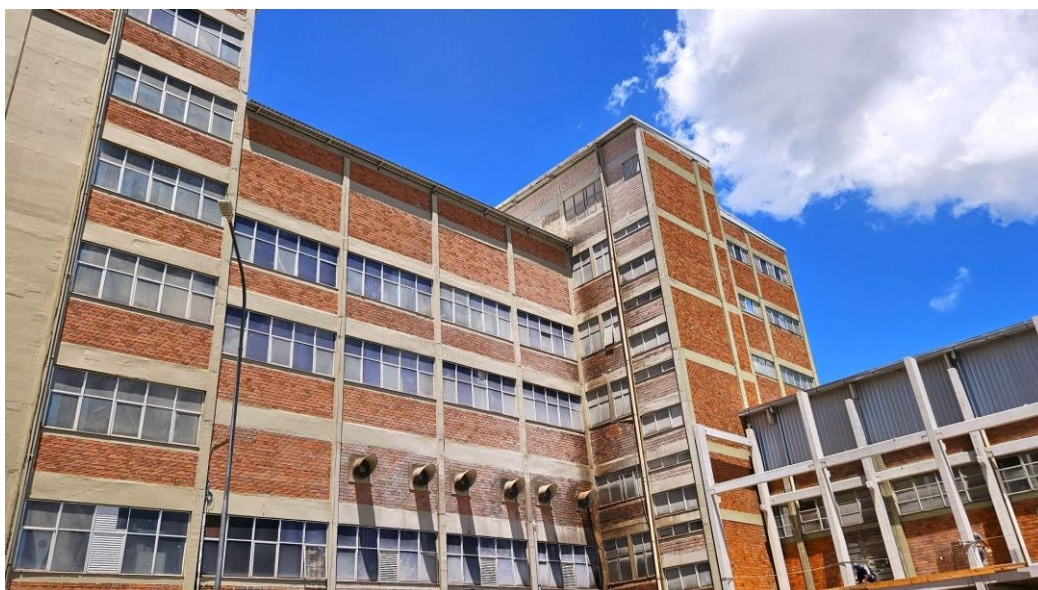
Já em 1970, a partir da fusão com a Distribuidora Dália, uma nova unidade foi construída em Porto Alegre, levando à transferência da sede para a capital gaúcha, na Rua Augusto Severo, bairro São João, onde funcionava a antiga sede do Moinho Brasileiro. Contudo, em 2004, o Moinho Estrela expandiu suas operações ao inaugurar uma segunda unidade industrial na cidade de Canoas, ampliando significativamente sua capacidade de moagem. Em 2007, a empresa adquiriu mais uma unidade moageira em Canoas, que passou a ser a sua matriz, otimizando o atendimento aos clientes e possibilitando a exploração de novas regiões, local esse que já abrigava um antigo moinho, o Moinho Indígena.

Hoje em dia, o Moinho Estrela é uma das indústrias de transformação da Região Metropolitana de Porto Alegre e faz parte do Grupo Estrela, formado por outras duas empresas: a Panfácil (fábrica de pães e lanches congelados), fundada no ano de 2000, e a Mexasul (fornecedora de cestas básicas de alimentação e higiene), criada em 1990. Com matriz localizada em Canoas, na Rua Berto Círio, 1600, no bairro São Luís, o Moinho Estrela manteve mais uma filial na mesma cidade. Já a distribuidora de cestas básicas Mexasul está situada em Cachoeirinha-RS.

Esses passos estratégicos consolidaram o Moinho Estrela como a maior indústria moageira do Sul do Brasil, fornecendo farinhas tipificadas e uma linha diversificada de produtos, a qual engloba desde a dona de casa até a indústria. A logística no Moinho Estrela também se destaca, pois a empresa possui frota própria

de caminhões com mais de 20 veículos para atendimento à Região Metropolitana de Porto Alegre, além de contratar transportadores terceirizados para o atendimento no restante do Brasil. Abaixo, é possível verificar algumas fotos da atual estrutura da empresa, na matriz de Canoas.

Figura 13 – Um dos prédios do Moinho Estrela (visão do pátio interno)



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Figura 14 – Silos do Moinho Estrela (visão do pátio interno)



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

A seguir, é apresentada a relação de herdeiros e da herdeira do Moinho Estrela, assim como a ordem dos sucessores da empresa, por geração:

Quadro 1 - Relação de herdeiro(a)/sucessor(a) do Moinho Estrela

Nome do(a) Herdeiro(a)	Cargo	Geração
Angelo Domingo Pretto	Fundador	Primeira
Gerson Pretto	Diretor Geral	Segunda
Jaime Pretto	Diretor Financeiro	Segunda
Ana Maria Ponzoni Pretto	<i>Business Partner</i>	Terceira
Gabriel Pretto	Coordenador de Envase	Terceira

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Neste formato, percebe-se a constância de indivíduos do sexo masculino na primeira e na segunda geração. Ainda, nota-se a participação da mulher a partir da atual e terceira geração, sendo esta herdeira a Sra. Ana Maria Ponzoni Pretto, encarregada de operar como consultora interna, onde é responsável por conectar a área de recursos humanos com os demais setores do Moinho.

A partir do exposto, na sequência, são apresentados o problema de pesquisa e os objetivos do estudo, seguidos da justificativa para a realização deste trabalho.

1.3.1 Problema de pesquisa

- É possível aproximar os campos da memória social e do patrimônio industrial, por meio dos saberes do trabalho vinculados à indústria da moagem de trigo?

1.3.2 *Objetivo geral*

Aproximar os campos da memória social e do patrimônio industrial, por meio dos saberes do trabalho vinculados à indústria da moagem de trigo.

1.3.3 *Objetivos específicos*

- a) Compreender a relação da indústria moageira com o desenvolvimento sociocultural e econômico do Rio Grande do Sul a partir das narrativas presentes na empresa Moinho Estrela, relacionando a memória social ao patrimônio industrial;
- b) Identificar e interpretar as narrativas para a construção dos saberes do trabalho, enquanto patrimônio industrial imaterial, do setor moageiro no Estado do Rio Grande do Sul, tendo como exemplo o Moinho Estrela;
- c) Evidenciar a memória do trabalho industrial do Moinho Estrela como forma de reconhecer o patrimônio industrial imaterial do setor de moagem no Estado do Rio Grande do Sul.

1.3.4 *Justificativa*

Entende-se que esta pesquisa é relevante uma vez que se propõe investigar as transformações das produções e as memórias do trabalho na indústria moageira brasileira a partir do estudo de caso da empresa Moinho Estrela.

É importante para a sociedade, pois abarca os saberes industriais remetendo-se ao patrimônio imaterial e às memórias do trabalho, num contexto coletivo, ao mesmo

tempo que será compartilhado com esta sociedade, tornando público os resultados obtidos.

Ainda, é relevante para a própria indústria moageira, pois possibilita o compartilhamento das memórias, saberes e fazeres com este coletivo em especial, que poderá se identificar com os relatos e processos incorporados ao longo do recorte feito.

Ademais, é importante para a academia, uma vez que traz uma temática nova, tanto na universidade, quanto regionalmente, o que possibilitará novas pesquisas e aprofundamentos a partir desta tese.

Por último, e não menos importante, é relevante para a autora, que vem se especializando no tema desde os estudos realizados no mestrado, a qual busca maior conhecimento, tanto teórico como prático, por meio desta pesquisa de doutorado. Um dos objetivos da autora é tornar-se referência na área e no âmbito da Região Metropolitana de Porto Alegre para auxiliar outras empresas a reconhecerem suas memórias e seus patrimônios a partir de seus feitos, trajetórias e contribuições.

Avançando para além das justificativas aqui expostas, o próximo capítulo trata de apresentar a Revisão Conceitual, como base teórica necessária para fundamentar esta pesquisa.

2 REVISÃO CONCEITUAL

Para dar vista a esta pesquisa, faz-se necessário dialogar com autores do campo da memória social, da memória empresarial e do patrimônio industrial a fim de arquitetar o alicerce conceitual necessário para o *corpus* deste trabalho. Na área da memória social, destaca-se, principalmente, o sociólogo francês Maurice Halbwachs pelos conceitos trazidos e incorporados aos estudos das relações sociais, assim como Pierre Bourdieu, também sociólogo francês, que desenvolveu importantes trabalhos nos campos da antropologia e da sociologia, refletindo sobre os conceitos de campo, capital, *habitus* e da simbologia. Quanto à memória empresarial, a historiadora e fundadora do Museu da Pessoa, Karen Worcman, traz uma série de contribuições acerca dos grupos sociais presentes nas organizações e de como as suas narrativas são fundamentais para a perpetuação da identidade individual e coletiva. No âmbito do patrimônio industrial, destacam-se as escritas das Cartas Patrimoniais como meio

de fomentar o conhecimento, a importância e a relação deste tipo de patrimônio com o campo da memória, seja ela social ou empresarial.

Contudo, outros autores são citados nesta discussão como forma de enriquecer e complementar a compreensão e as definições das três esferas e como estas contribuem para o saber do trabalho e do trabalhador, destacando-se aqui, mas não se resumindo apenas a esta, a atividade de moagem de trigo considerando o espaço geográfico recortado, o Estado do Rio Grande do Sul. A perspectiva é elucidar o tema proposto nesta pesquisa e alicerçar o que se constrói a partir da revisão teórica a fim de responder ao problema de pesquisa aqui tratado e originar o aprofundamento e as conexões dos conceitos com o estudo.

2.1 Memória social e empresarial

O campo da memória social surgiu a partir do sociólogo francês Maurice Halbwachs, alcançando maior destaque no início do século XX, onde o tema foi incorporado ao campo das relações sociais. O autor impulsionou o conceito dos “quadros sociais da memória” sob o entendimento de que toda a memória deveria ser pesquisada em sua forma mais ampla, não apenas individualmente, pois a memória individual não pode ser separada da memória coletiva, uma vez que a sociedade está presente nela e vice-versa (Halbwachs, 2006).

Logo, o indivíduo se lembra a partir do lugar social no qual esteve e se vincula a ele de alguma forma. Esse lugar de memória vai além da simples recordação do passado, pois faz parte desta construção no presente, onde o indivíduo constrói sua relação no campo externo, inclusive.

Desta forma, a memória é constituída socialmente onde um grupo compartilha crenças, criando uma identidade (Pollak, 1992). Ela não é homogênea em nenhuma área de conhecimento, mas contempla uma pluralidade de definições originadas de variadas perspectivas e discursos, às vezes similares e às vezes em discordância (Gondar, 2016).

O também sociólogo Michael Pollak (1992) acredita que a memória é um evento construído socialmente, envolvendo a coesão interna e a defesa de crenças comuns a um grupo. Pollak (1992) vai além do que defende Halbwachs para acrescentar a ideia conflitante das memórias, já que estas também criam identidade. Para o autor, a memória não seria enquadrada apenas em uma conexão afetiva proposta por

Halbwachs, mas também se constrói a partir das preocupações pessoais e políticas do presente, sugerindo assim um estágio de disputa e conflito, onde a negociação e a legitimidade estariam presentes, desempenhando papéis importantes.

Ainda, a memória pode ser percebida em um determinado espaço, pois “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (Halbwachs, 2006, p. 143), logo, para que o passado seja recuperado é necessário que ele seja preservado num espaço particular no qual está inserido, por onde se passa ou mesmo se recorda através dos pensamentos. Para Pollak (1989), o espaço está vinculado ao afetivo, ou seja, ao lugar de lembranças remetendo às emoções captadas muito mais do que às capacidades cognitivas, como datas comemorativas, por exemplo. Mesmo que seja impossível reter todas as lembranças, essa reconstrução de si mesmo auxilia na definição do lugar social, individual e coletivo, objetivando o enquadramento da memória. Candau (2021) vai além da concepção espacial de Halbwachs ao sugerir que a identidade de um grupo pode ser ainda mais influenciada por coordenadas temporais, já que por meio da memória, o indivíduo organiza o mundo, tanto no espaço quanto no tempo, estruturando-o e categorizando-o, de forma que faça sentido.

Sobre a identidade, esta pode ser entendida como um estado, uma representação ou um conceito; no entanto, quando se trata de um grupo, deve-se considerar, inclusive, a individualidade de cada ser humano, visto que nenhum indivíduo é igual ao outro (Candau, 2021). O sentimento pela construção da identidade está ligado, diretamente, à memória, seja ela individual ou coletiva.

Quanto ao conceito da memória coletiva para Candau (2021), este a entende como uma “[...] representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo.” (Candau, 2021, p. 24). Neste sentido, entende-se que a memória é um produto social, visto que “deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992, p. 201).

Nesta perspectiva, aproxima-se do conceito de memória empresarial, que também se remete ao coletivo, visto que todos os indivíduos e organizações têm e necessitam de um passado (Hobsbawm, 1990). O objetivo desse tipo de memória não é somente reconstruir o passado de uma organização, mas representar um marco de

referências entre os valores e experiências vivenciados pelos seus trabalhadores, gerentes, administradores e investidores (Worcman, 2004).

Como decorrência do crescente reconhecimento desse tema, a história da memória empresarial teve início na Europa e nos Estados Unidos, onde historiadores, consultores e arquivistas deixaram de trabalhar apenas com o meio acadêmico para prestar serviços diretos às empresas, utilizando centros de documentação e memória como uma forma de consolidar o conhecimento dos trabalhadores que integravam determinada organização.

No Brasil, a temática sobre a memória de empresas foi organizada, com mais ênfase, a partir da segunda metade do século XX, tendo influência, especialmente, de empresas europeias e americanas que chegaram em território nacional. Este movimento de inserção teve início, gradualmente, após a 2ª Guerra Mundial, a partir da industrialização de base liderada pelo presidente Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954), tornando a prática mais frequente no governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961), que tinha, em seu Plano de Metas, o “progresso” de 50 anos em cinco. Para isso, seu governo trabalhou e atraiu inúmeras empresas estrangeiras que já tinham como praxe o cuidado com a memória empresarial em seus países de origem. Com a incorporação de instituições internacionais, pode-se dizer que houve uma forte inspiração do campo da memória no contexto empresarial brasileiro.

A memória de empresas está relacionada ao uso que uma organização faz da sua história, da forma como ela é percebida e valorizada e de que maneira é aproveitada, ou não, resultando na oportunidade de utilizar essa ferramenta como meio de agregar mais valor à sua atividade econômica (Worcman, 2004). Além disso, representa uma possibilidade de auxílio para a criação e definição de vínculos afetivos e experiências de trabalho. Para Worcman (2004, p. 23):

Trabalhar este tema não é apenas promover uma reconstrução do passado da organização, devendo ser visto como um marco referencial a partir do qual as pessoas redescobrem valores e experiências, reforçam vínculos presentes, criam empatia com a trajetória da organização e podem refletir sobre as expectativas dos planos futuros.

Assim, a história da empresa se transforma em um meio de comunicação, onde as suas narrativas descrevem as vivências e marcos importantes em diferentes tempos e situações, transpondo seus contos em conhecimento público perante a sociedade. No que trata sobre as narrativas, estas são constituídas por meio de

personagens históricos que mantêm suas memórias definindo as aproximações e diferenças entre os grupos (Pollak, 1989). Desta forma:

[...] essa representação narrativa do passado do grupo se refere a acontecimentos socialmente significativos e, ao mesmo tempo, possui uma dimensão fundamentalmente prática [...] a história deve ser compartilhada pelos membros do grupo de tal modo que cada um possa dizer “nós” vivemos este acontecimento, ainda que somente alguns – ou nenhum deles – o tenham experimentado diretamente (Mudrovic, 2009, p.104).

Quem narra, conta a experiência do outro, mas também as suas próprias experiências, além daquelas que são relatadas pelos outros sobre si, pois “toda a história, disponha de uma memória excepcional” (Benjamin, 1987, p. 211), já que toda a memória é “épica e a musa da narração” (Benjamin, 1987, p. 211) e quando não há quem narre, tampouco há memória.

A discussão sobre a memória empresarial – recorrentemente construída, enquadrada e disseminada – está presente na vida cotidiana das empresas e pode ser identificada nas várias expressões da memória coletiva. Para Feldman e Feldman (2006), a memória nas organizações remete a processos e práticas específicas e detalhadas aos quais são construídas de forma coletiva e cultural, sendo contextualizadas num período de tempo.

Quando a verdade está aliada às testemunhas da empresa, representam os guardiões da memória (Pollak, 1989), convertendo-se em um quadro de referência por meio da identificação e do compartilhamento de significados e símbolos (Bourdieu, 1989), onde em “uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória [...] que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (Pollak, 1989, p. 3).

Contudo, as narrativas estão sujeitas às limitações definidas pelo indivíduo ou pelo grupo, com a intenção de manter a coerência e a identidade. Neste sentido, Pollak (1989, p. 12-13) diz que:

[...] ao contarmos nossa vida, em geral, tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves [...], e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Logo, os relatos de vida e do trabalho estão sujeitos a gatilhos memoriais do que realmente é considerado importante em cada período de tempo, reconstruindo o “seu eu” em um determinado espaço social (Halbwachs, 2006). Ou seja, a memória abriga o que fica registrado e teve significado valioso nas nossas vidas em algum momento e por algum motivo, sendo esta, portanto, uma memória seletiva (Worcmán, 2004). Da mesma forma acontece nas empresas, pois as organizações selecionam aquilo que é relevante em distintos tempos durante toda a sua trajetória e guarda em sua memória (Worcmán, 2004).

Neste contexto, conforme argumenta Ricoeur (2007), tanto o excesso quanto a insuficiência de memória remetem a significados importantes. Essa perspectiva sugere uma interação entre passado e presente, atribuindo relevância à função social do passado onde são levantados, categorizados e compilados elementos relevantes para as necessidades do presente. Sobretudo, não há diálogo acerca do passado e do presente que seja neutro, pois existem sistemas de atribuição de valores ao qual abrem possibilidades de reelaboração do mundo por meio de uma memória formalizada (Ricoeur, 2007).

Aleida Assmann (2011) também avança os conceitos das memórias individual e coletiva apresentada por Halbwachs (2006) quando traz a concepção da memória cultural. O cânone desse tipo de memória está nos centros e acervos documentais das instituições, já que cada indivíduo tem limitação de armazenamento de conteúdo. Logo, a memória cultural, através da mídia externa, inclusive, proporciona a discussão do que se mantém armazenado ou não, por ser uma memória que se traduz através da interação de interesses comuns.

Há grupos específicos que se formam nas organizações que objetivam a valorização da história empresarial tendo esta como um patrimônio, onde as narrativas memoriais são transferidas para os grupos sociais existentes, formando os quadros sociais apresentados por Halbwachs (2006), e construindo a identidade corporativa, afirmando-se no mercado (Worcmán, 2004).

Essa importância de permanecer no mundo empresarial diz respeito ao fato das organizações precisarem da sociedade, pois isolada elas não sobrevivem, elas necessitam do envolvimento com a comunidade local e interação com o meio em que habita, constituindo suas próprias memórias a partir desse lugar, seja um bairro, cidade ou mesmo país. É indispensável pensar as narrativas das histórias das empresas através das falas e participação ativa das pessoas ao seu redor, sendo essa

aproximação um requisito chave quando se trata da visão estratégica da organização. Além disso, é um canal para expandir os limites da própria narrativa, abraçando novas formas de registros, talvez não percebidos pela empresa anteriormente (Worrcman, 2004).

Logo, as organizações são formadas por diversas pessoas nas suas mais variadas concepções (Worrcman, 2004) que fazem parte de diversos grupos sociais (Halbwachs, 2006). Ora, a vida de uma empresa também é constituída pela participação de clientes, fornecedores, colaboradores, entre outros grupos de relacionamentos que formam a identidade do negócio, pois segundo Worrcman (2004), estes, mesmo de maneira implícita, integram a maneira como a organização determina suas regras, princípios e formas de trabalho, definindo sua marca no mercado.

Logo, ao discutir a memória de uma empresa, também remete-se às memórias daqueles que fazem parte dela, evidenciando a construção conjunta entre identidades individuais e coletivas, onde, nesse processo, a memória está sempre se adaptando. Uma vez a informação armazenada, a partir dessa estruturação, é possível fortalecer o sentimento de pertencimento (Nassar, 2004), e, com esses elementos, a empresa pode reproduzir seus anos de trajetória de forma estratégica, tornando suas narrativas históricas explícitas, por meio de eventos comemorativos ou desenvolvendo projetos relacionados à sua memória que vão proporcionar a visibilidade do seu passado, presente e futuro (Worrcman, 2004).

2.2 Patrimônio industrial imaterial e memória

No que se refere ao tema do patrimônio industrial, este surge entre os anos de 1950 e 1960, no Reino Unido Inglaterra, durante a II Guerra Mundial. Nesta época, havia a evocação às tradições industriais britânicas, as quais foram impactadas devido aos ataques e bombardeios estratégicos às unidades industriais daquele período. O propósito era demolir as instalações industriais obsoletas, como parte do processo de reestruturação industrial e urbanística (Cordeiro, 2011).

Seu conceito buscava repensar o passado das atividades industriais, as memórias do trabalho, as técnicas e as tecnologias, observando não apenas o patrimônio material, mas também o cultural através de elementos sociais presentes em uma sociedade industrial (Cordeiro, 2011). Neste sentido, percebe-se que o

entendimento do que é patrimônio industrial é recente e, sobretudo, multidisciplinar, sendo um campo novo do conhecimento e que ainda está em construção, já que pode abranger áreas como a arquitetura fabril, a documentação empresarial, os produtos industriais, a história oral, entre outros (Cordeiro, 2011).

Ao longo dos anos, apareceram outras considerações, enriquecendo o significado original do que constitui ou representaria um patrimônio industrial. Em 2003, na Rússia, surge a “Carta de Nizhny Tagil” a qual prevê a evolução do conceito de patrimônio industrial, o compreendendo como:

[...] os vestígios da cultura industrial que possuam valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transportes e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (Carta de Nizhny Tagil, 2003, p. 2).

A carta foi apresentada e aprovada em 17 de julho de 2003 tanto pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) quanto pelo TICCIH - *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial) - órgão mundialmente responsável pelo patrimônio industrial. O escopo discutido durante a conferência pelos delegados foi de caracterizar as atividades industriais, abrangendo aspectos tangíveis e intangíveis. Destacou-se a relevância do patrimônio industrial, cujo estudo objetiva a reconsideração da história e da memória, transformando-as em conhecimento público. Entre as suas propostas, estava a importância da identificação, inventário e proteção dos vestígios industriais com o propósito de conservação e preservação para as gerações futuras. Além disso, a Carta também promoveu o estímulo a programas de pesquisa histórica e arqueológica.

Considerando as transformações sociais, técnicas e econômicas nas condições de produção decorrentes da Revolução Industrial, a partir do século XVIII, o preâmbulo do documento destaca a importância de identificar os vestígios que testemunham os processos industriais, incluindo objetos do cotidiano do trabalhador, e reafirma a necessidade de conservação desses vestígios. Assim, a justificativa para a proteção do patrimônio industrial está ancorada no seu valor social, que envolve a memória e o registro de vida das pessoas. Esse valor é intrínseco e contribui para a

formação da identidade, além de influenciar a qualidade da concepção arquitetônica sob uma perspectiva histórica.

Por consequência, em 28 de novembro de 2011 surgiram "Os Princípios de Dublin", na Assembleia Geral do ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, com o intuito de priorizar a conservação de sítios, estruturas, áreas e paisagens associadas ao patrimônio industrial presentes em locais de produção fabril, buscando manter a representatividade desses espaços, tanto no seu aspecto material, envolvendo objetos e tecnologias, quanto no seu aspecto imaterial, considerando as habilidades técnicas e as memórias individuais e coletivas.

Os Princípios de Dublin destacam a vulnerabilidade do patrimônio industrial, estando este em contínua exposição e tendo sua identidade ameaçada devido à falta de conscientização, documentação, reconhecimento e proteção deste bem. Além disso, os riscos inerentes incluem tendências econômicas e questões ambientais, bem como a própria dimensão e complexidade do patrimônio industrial. O entendimento é que existe uma conexão entre o ambiente cultural e natural, considerando os processos industriais, quer sejam antigos ou modernos, como dependentes de fontes naturais de matéria-prima para a produção e distribuição de produtos. Neste viés, entende-se que esse patrimônio abrange tanto os bens materiais, como os móveis e os imóveis, quanto os bens intangíveis, relacionados ao conhecimento técnico e à organização do trabalho e dos trabalhadores (Os Princípios de Dublin, 2011).

No entanto, em 21 de fevereiro de 2018, foi introduzida uma nova carta com o propósito de atualizar os conceitos do patrimônio industrial, conhecida como a "Carta de Sevilla". Este documento foi divulgado na Espanha em colaboração com o TICCIH – Espanha, o Centro de Estudios Andaluces e a Escuela Técnica de Arquitectura (Universidad de Sevilla), com o objetivo de revisar, de forma crítica, os conceitos acerca do patrimônio industrial a partir das transformações ocorridas nas últimas décadas. O propósito foi reconhecer os novos conhecimentos e estratégias relacionados à manutenção, conservação e gestão do patrimônio industrial. Para isso, trouxe as seguintes contribuições, considerando os aspectos culturais e sociais:

El valor cultural de los testimonios materiales e inmateriales vinculados a las actividades productivas, [...] la creciente conciencia ciudadana por el mantenimiento y conservación del Patrimonio Industrial como parte esencial de la memoria colectiva. [...] La demanda expresada por colectivos ciudadanos para disponer de espacios donde poder expresar sus relaciones de memoria y sociabilidad (Carta de Sevilla, 2018, p. 11 e 12).

A Carta de Sevilla reforça o caráter multidisciplinar do patrimônio industrial e, portanto, revisa seu conceito para abranger questões relacionadas à sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural, promovendo a inovação e a igualdade da sociedade. Também revisita parâmetros metodológicos ligados ao conhecimento, catalogação, conservação, manejo e divulgação dos testemunhos materiais e imateriais oriundos da cultura industrial, evoluindo para a conscientização do todo, abrangendo a sociedade quanto ao reconhecimento e à proteção do patrimônio industrial. Sendo assim, esses elementos refletem a compreensão do passado, do presente e de como os valores patrimoniais se destacam ao longo de diversas épocas, visando garantir a preservação e a conservação da memória dos bens industriais, incluindo sua autenticidade, legibilidade, continuidade e valor documental (Carta de Sevilla, 2018).

No Brasil, o campo do patrimônio industrial ainda é recente, porém há muitas possibilidades para a construção de pesquisas e aprofundamento do conhecimento, iniciando pelo meio acadêmico, mas não se limitando a este. No país, o Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH – Brasil) é filiado desde 2004 ao *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH) e tem o propósito de “pesquisar, investigar, mapear, catalogar, inventariar, divulgar, proteger e conservar os bens materiais e imateriais do patrimônio industrial brasileiro” (TICCIH – Brasil, 2004). Além disso, dialoga com o poder público, comunidades, empresas, sindicatos e sociedade, buscando alternativas para o reconhecimento, conservação e preservação do patrimônio industrial no Brasil.

A partir das Cartas Patrimoniais, surgem outras pesquisas que contribuem para o desenvolvimento e aprimoramento dos conceitos relacionados ao patrimônio industrial material e imaterial. A pesquisadora Ferreira (2009) sustenta que o patrimônio industrial representa um local de memória onde os vestígios das atividades, muitas vezes negligenciados ou que estão perdendo sua importância, permanecem presentes, ultrapassando a simples condição de local de trabalho. Em complemento, para Meneguello (2021, p. 92), o patrimônio industrial é muito mais do que “pensar sobre os espaços de trabalho implica em entender todas as suas dimensões materiais e imateriais”, e quando há a ação de recordar esse trabalho, “a memória edificada ou não, pode se transformar em patrimônio industrial” (Meneguello, 2021, p. 93).

Assim como descrito na Carta de Sevilla (2018), esses conceitos convergem com os valores culturais materiais e imateriais, contribuindo para a memória coletiva que deve ser acessível ao público. Portanto, o patrimônio industrial não deve ser percebido como algo estático, mas sim como um processo em movimento, que deve ser devolvido à sociedade para reconhecimento e valorização quanto à sua herança memorial.

O patrimônio industrial desempenha um papel memorial nos bens culturais, os quais demandam preservação e estão intrinsecamente ligados a questões econômicas e políticas, tendo a responsabilidade de ser entregue à sociedade por meio da memória coletiva constituída (Kühl, 2018). A preservação demanda a identificação seletiva dos elementos a serem preservados no presente, visando, no entanto, ao futuro. Esse processo envolve avaliações cognitivas que consideram o interesse memorial da comunidade em questão, não permitindo o direito de eliminar vestígios do passado, pois deve-se zelar pelo conhecimento memorial herdado pelas próximas gerações (Kühl, 2018).

O patrimônio industrial também está ligado às atividades produtivas, às maneiras de realizar a produção que surgiram da industrialização do passado, mesmo quando os vestígios materiais desaparecem. Neste sentido, para Kühl (2018, p. 46), “é necessário fazer um estudo histórico-documental e iconográfico, estudo analítico-descritivo e também estudo comparativo, para entender as tipologias e a transformação dos vários setores industriais”, já que “preservar a memória do trabalho é essencial”. Além disso, a autora ressalta a importância da análise de testemunhos orais relacionados à produção do trabalho. Essa abordagem situa esse contexto em níveis socioculturais e econômicos, integrando-o à preservação para fortalecer a memória coletiva e geracional.

Os testemunhos contados a partir da indústria representam a identidade de técnicas e avanços materiais tecnológicos, provenientes das realizações dos homens, mas também do trabalho coletivo construído durante esse processo e que é tido como tradição, ao qual cumpre o papel de dar continuidade à história resultante das transformações da Revolução Industrial (Hobsbawm, 2008). O avanço da indústria de igual forma interage com a evolução do homem, pois este desenvolve e legitima as relações sociais encontradas na produção industrial, corroborando para o encontro de interesses comuns ou mesmo conflitos e resistências.

Como bem aborda Ferreira (2009, p. 23), os vestígios, na sua concepção material e imaterial, “são testemunhos de mudanças culturais que acompanham os modelos produtivos que se sucedem”, assim, o quadro da rápida transformação e substituição de processos produtivos por outros mais tecnológicos e robustos, podem estabelecer que muitos desses processos originais sejam extintos, seja porque foram convertidos em outros ou porque, simplesmente, deixaram de existir. Como a autora menciona: “a grande chaminé foi se transformando, de símbolo de trabalho e produção, para vestígio de antigas fábricas” (Ferreira, 2009, p. 23), contudo, esses testemunhos representam a herança industrial de um passado que necessita se manter presente por meio da salvaguarda e conservação daquilo que se tornou patrimônio industrial.

Ainda sobre o patrimônio imaterial, porém em um aspecto cultural, segundo a legislação brasileira, os “modos de fazer”, ou seja, os bens imateriais do patrimônio, foram reconhecidos por meio do Estado a partir do artigo 216 da Constituição de 1988, que os constituiu da seguinte forma:

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Constituição Federal, 1988).

Segundo o IPHAN, o conceito de patrimônio imaterial surgiu em complemento ao material como forma de auxiliar na condução de políticas públicas para proteção e salvaguarda desse tipo de patrimônio. Ainda, ressalta que o patrimônio imaterial, ou intangível, remete às referências simbólicas quanto a transmissão de tradições, saberes, narrativas, entre outros, refletindo em dinâmicas socioculturais e nas identidades dos grupos, comunidades e nações (Vianna, 2016).

Para a UNESCO, o patrimônio cultural imaterial inclui tradições e expressões orais, sendo uma linguagem veículo da cultura intangível, e que remete a práticas, representações, expressões, conhecimentos e habilidades que estão interligadas aos instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais, onde comunidades, grupos e indivíduos realizam o reconhecimento destes como parte da sua herança patrimonial.

No que diz respeito à interação entre a memória e o patrimônio industrial, pode-se afirmar que a memória é enaltecida através do patrimônio construído nas

organizações, permitindo a disseminação de conhecimento para além dos limites empresariais, alcançando toda a sociedade. Dado o seu caráter interdisciplinar, a memória empresarial abrange as técnicas industriais, influenciando não apenas o indivíduo, mas também o coletivo, o grupo e a comunidade. Isso compreende o ambiente de convívio, considerando aspectos sociais e econômicos nos quais a identidade e o comportamento são moldados (Silva, 2013).

Essas memórias são delineadas por fatores tanto imateriais quanto materiais. As memórias dos trabalhadores e da empresa em si representam o aspecto imaterial, enquanto os maquinários e tecnologias são exemplos de elementos tangíveis. Por sua vez, os "modos de fazer" são aspectos intangíveis desse patrimônio. Assim, a memória assume uma natureza comunicativa, conectando-se às lembranças individuais decorrentes de experiências pessoais. Essas recordações desempenham um papel crucial na definição de espaços de pertencimento e identidade, tanto no âmbito social quanto no profissional (Silva, 2013).

Neste sentido e remetendo-se aos conceitos trazidos por Pierre Bourdieu (1989) acerca do *habitus*, este representa o conhecimento adquirido a partir das práticas individuais e da interferência dos grupos sociais nestas práticas, direcionando as escolhas do sujeito à medida que se constitui. Para o autor, o *habitus* conecta as práticas individuais com as estruturas sociais. Logo, o *habitus* é um "conjunto dos saberes e do saber-fazer acumulados em todos os atos de conhecimento (...), no passado e no presente" (Bourdieu, 1989, p. 64). Desta forma aproxima-se do patrimônio industrial imaterial quando entende-se que as práticas individuais sofrem influências do meio corporativo em cada sujeito, criando novas culturas e identidades do saber a partir das normas e regras traçadas, constituindo o *modus operandi* do saber-fazer determinada atividade do trabalho e atualizando esse processo em direção de uma linha do tempo, onde o passado é reproduzido no presente reforçando as atividades cotidianas e rotineiras.

Diante desse conceito, o trabalhador é preparado para atuar no campo social, onde reproduz suas memórias individuais e faz parte da construção de novas memórias coletivas e do trabalho industrial, aproximando-se dos quadros sociais da memória apontados por Halbwachs (2006), ao qual redefinem as maneiras de entender, agir e realizar suas atividades. Ainda, esse processo possibilita que o *habitus* seja moldado a partir do campo, assim como o campo é influenciado pelo *habitus* do indivíduo (Bourdieu, 1989).

Com relação às tomadas de decisões no passado, estas se tornam evidentes no presente pois representam um processo histórico (Bourdieu, 1989). Neste sentido, é necessário entender o *habitus* característico de uma classe que resulta no formalismo de um campo social, representando nesta pesquisa uma reflexão dos modos e costumes de fazer de uma organização. Para Bourdieu (1989), o *habitus* organizacional produz efeito social no grupo. Além disso, para o autor, a ação histórica/social tem dois estados (p. 82): aquele que se acumulou a partir de máquinas, monumentos, edifícios, documentos, entre outros; e aquele que originou seu *habitus* (entendo como “modos de fazer”), ou seja, o *habitus* seria um produto da aquisição histórica, que permeia ao longo do tempo. Logo, “a história sujeito descobre-se ela mesma na história objeto” (Bourdieu, 1989, p. 83).

Além disso, Pierre Bourdieu (1989) traz o entendimento sobre o poder simbólico, sendo este um poder invisível onde quem o exerce não tem o conhecimento explícito que o produz. Este poder estaria intrínseco na arte, na língua e porque não dizer “nos modos de fazer do trabalho”. Por detrás do conceito de poder simbólico está a criação do conhecimento e a perspectiva histórica que se transformam em formas sociais (senso e consenso).

Assim, quando trata-se de uma empresa, esta é ao mesmo tempo estruturada, ou seja, organizada, visto que há padronizações e regras que ditam seu funcionamento, e estruturante, pois ressignifica as ações através de símbolos que constrói a cultura organizacional, bem como a memória do trabalho, por meio da construção social que se insere em determinada estrutura. Desta forma, há a patrimonialização da cultura empresarial através dos símbolos que fazem sentido para ela e que cumprem a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, não podendo estas serem contestadas, como bem aborda Bourdieu (1989).

A imposição de significados e símbolos à sociedade é uma das formas de influência às suas percepções e crenças, estando presente em todos os aspectos da vida social, ou seja, para além dos muros empresariais, inclusive. Além disso, o homem é um ser simbólico, logo social, que percebe a transmissão da memória através da linguagem, ao qual pode sofrer ressignificações. Sobretudo, o homem cria sua identidade cultural através dos símbolos que o mundo lhe apresenta e desta maneira, o poder simbólico é a força que descreve as relações sociais e de comunicação do homem, sendo este poder simbólico também passível de

transformações sociais através de grupos que podem contestá-lo (Bourdieu, 1989). O entende como uma possível estrutura, que constrói a realidade e dá sentido a esta, pois possuem a função de comunicação e integração social, sendo instrumentos estruturados e estruturantes desta comunicação e do conhecimento (patrimônio imaterial).

A relação da memória com o patrimônio também pode ser discutida por outros autores como Candau (2021), que aborda o conceito da memória como um esforço de salvaguarda, conservação e valorização de vestígios, de testemunhos e de impressões, tanto no aspecto material como imaterial (cultural), e que responde a uma demanda social ao qual prevê rememorar o passado, já que busca nos traços memoriais “encontrar as causas primeiras, ou seja, a origem” (Candau, 2021, p. 160).

Neste formato, através do compartilhamento de bens representativos dentro de um grupo social, cria-se a naturalização da cultura que remete a determinada comunidade, fortalecendo sua identidade coletiva a partir de traços, características e elementos em comum. Logo, “a elaboração do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades” (Candau, 2021, p. 163), ou seja, quando há uma multiplicidade de memórias, as identidades se consolidam, contudo, se os indivíduos distanciam-se da sua identidade, as memórias enfraquecem, retrocedendo.

Além disso, a memória e a identidade se concentram em lugares. Em Candau (2021), a concepção de lugar surge a partir do entendimento de Pierre Nora, ao qual define o lugar de memória com a função “de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” (Candau, 2021, p. 156 e 157). Sobretudo, o ambiente de trabalho pode ser entendido como um espaço que carrega elementos simbólicos e identitários do patrimônio memorial de um grupo, transformando-o em um lugar onde a memória está presente.

Para Nora (1993), os lugares de memória estão intrinsecamente ligados à história e a integração entre os fatores que são influenciados pela intenção de preservar a memória, contudo, na falta desta, restam os lugares de história. O conceito de memória-patrimônio, traduzida em um bem comum e herança de ordem coletiva, amplifica o entendimento de patrimônio da seguinte forma:

[...] desceu do céu das catedrais e dos castelos para se refugiar nos costumes esquecidos e em antigas maneiras de fazer, nas boas garrafas [de vinho], nas canções e nos dialetos; saiu dos museus nacionais para invadir os espaços

verdes ou se fixar sobre as pedras das velhas ruas (Nora, 1992, v.3, p. 995-996).

Assim, o patrimônio não só representa um objeto de proteção, mas também de celebração, pois evolui de um tipo histórico para uma passagem rememorativa e, conseqüentemente, comemorativa. Contudo, em alguns casos, há o esquecimento sobre o que está sendo rememorado, sobressaindo apenas a celebração (Nora, 1992). Essas dinâmicas simbólicas estão repletas de tradições e significados provenientes das narrativas, sentimentos, conhecimentos e saberes construídos ao longo do tempo por grupos sociais e industriais, os quais refletem suas memórias afetivas e de trabalho, consolidando seu patrimônio.

Dito isso, na sequência, traça-se um breve contexto histórico-econômico quanto à agricultura do trigo, considerando, principalmente, o estado do Rio Grande do Sul, prossegue-se com a resenha do processo de moagem desse grão a partir das atividades desenvolvidas no Moinho Estrela, empresa estudada nesta pesquisa.

2.3 Indústria moageira

Nesta parte versa-se, em um primeiro momento e de forma geral, sobre a economia do trigo no estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de apresentar a atividade da moagem do grão a partir de marcos econômicos que envolveram esse tipo de agricultura. Ressalta-se que a escrita desses recortes faz parte de um estudo mais aprofundado sobre o quadro econômico do Rio Grande do Sul desde a década de 1950, contextualizada na Dissertação de Mestrado da pesquisadora intitulada “Memória empresarial do Banrisul Armazéns Gerais S. A. (BAGERGS) e a sua contribuição para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul”¹. No entanto, na tese, faz-se uma aproximação entre o texto construído anteriormente e a atividade de moagem do trigo. Isso porque a pesquisa do doutorado está relacionada, mais diretamente, ao entendimento das transformações dos saberes do trabalho na indústria moageira. Contudo, é importante traçar e rememorar questões históricas e econômicas do passado gaúcho com o objetivo de entender como se chega ao presente e, talvez, como o futuro aspira seus feitos.

¹ A dissertação pode ser encontrada no repositório: <https://dspace.unilasalle.edu.br/handle/11690/2558>

Inicia-se lembrando que o projeto de industrialização surgiu em meados dos anos de 1950 a partir de mudanças na economia nacional à qual estava passando por um processo de modernização em vários setores, incluindo o setor agrícola (Gertz, 2007). No governo de Juscelino Kubitschek, esta reestruturação se deu via o programa conhecido como Plano de Metas que visava deixar o país mais industrial do que agrário e que englobava distintos setores e estados, entre eles o setor de alimentação e ampliação das estradas rodoviárias, contemplando, também, o Rio Grande do Sul, ao qual teve seus agricultores locais beneficiados (Moreira, 2017).

A história do trigo surge ainda na segunda metade da década de 1940, como uma cultura de inverno e, ao lado da soja, uma cultura de verão, proporcionava colheitas intercaladas durante todo o ano. O incentivo do plantio do trigo se deu pelo estímulo do governo federal à substituição das importações, objetivando o fornecimento do grão no mercado interno, em primeira instância.

Na década de 1950, a produção primária atingiu em média 40%, todavia o trigo entrou em crise no final do período, sendo substituído pela soja, responsável por 70% da produção gaúcha até 1978 (Dacanal; Gonzaga, 1979).

No ano de 1959, através da Instrução 204 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), antecessor ao atual Banco Central, o governo retomou o investimento do trigo via importação e isenção tarifária, contudo esse processo colaborou para a crise da triticultura (Kühn, 2007).

Entretanto, é importante dizer que a década de 1950, apesar do seu período de crise, foi um momento de transformação da economia gaúcha (Gertz, 2007). Crise esta que foi caracterizada pelo impacto do setor primário, atingido e reduzindo a produtividade das lavouras de trigo, arroz e soja, ao qual influenciou o mercado da indústria, elevando os preços das matérias primas e represando a renda nacional (Gertz, 2007).

Assim, enquanto em 1961 a economia nacional intensificava o processo de industrialização, o estado do Rio Grande do Sul, devido às suas limitações materiais, geográficas e políticas, direcionava a sua economia para o setor agropecuário. Ainda, na década de 1960, a economia industrial gaúcha encontrou concorrência no mercado centro-sul do Brasil (Dacanal; Gonzaga, 1979). Contudo, em 1963 o Rio Grande do Sul ainda tinha uma representatividade considerável na economia nacional, se destacando na produção de bens de consumo. A partir de 1968, a economia nacional retomou o seu crescimento, emergindo a lavoura do trigo (Gertz, 2007).

Em paralelo, na década de 1970, se constituía a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), ao qual recebeu várias estruturas que auxiliaram na sua consolidação, como um campo de industrialização pesada (Pesavento, 2014), recebendo duas importantes obras, a Refinaria de Petróleo de Canoas (atualmente, Alberto Pasqualini, 1968) e o Polo Petroquímico de Triunfo (início da década de 1980), que se somaram a Aços Finos Piratini, empresa estatal de produção de aço localizada em Charqueadas e controlada pelo Grupo Gerdau. Logo, a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) configurou-se como uma das mais relevantes concentrações industriais e urbanas a nível nacional (Soares; Fedozzi, 2016). Ainda neste período, no ano de 1974, havia o importante movimento de incentivo interno à agricultura do trigo, tornando o Rio Grande do Sul um referencial para os demais estados (Pesavento, 2014).

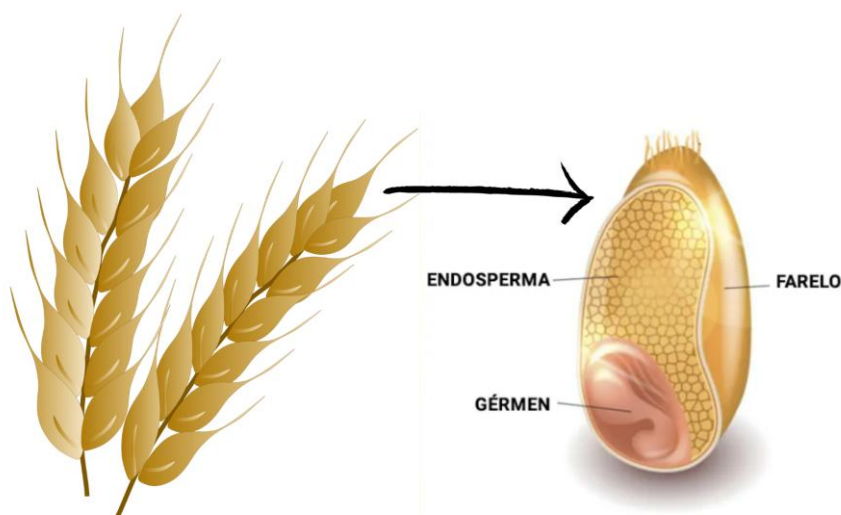
Até 1991, a indústria consumidora de trigo era bastante concentrada e o governo brasileiro controlava boa parte dos moinhos. Porém, a partir de 1991, abriu-se a comercialização de farinha de trigo no Brasil, levando, inclusive, muitas empresas à falência. Aquelas que sobreviveram, passaram por um processo de transformação produtiva, modernizando e profissionalizando seus maquinários e capital humano, a fim de se manter no mercado e buscar a equiparação com a indústria internacional (Júnior, Sidonio e Moraes, 2011).

Outro meio de sobrevivência dos moinhos foi realizar fusões e aquisições de empresas como um movimento estratégico para expandir as operações e ganhar escala. Através destas iniciativas, algumas organizações optaram por redistribuir a capacidade produtiva entre elas, mantendo o foco no segmento. Também, houve empresas que decidiram reduzir a ociosidade existente compartilhando moinhos ou mesmo, desativando as operações dos menos produtivos, a fim de diminuir os custos desnecessários (Júnior, Sidonio e Moraes, 2011).

A partir do exposto, inicia-se a discussão sobre a atividade de moagem do trigo, em especial, como forma de explicar acerca desse saber-fazer industrial. A proposta é apresentar a atividade a partir do material construído pelo Moinho Estrela, empresa estudada nesta pesquisa. A organização elaborou um infográfico que contempla os processos e detalhes da moagem do trigo em conjunto com a equipe de Marketing, o Coordenador de Controle da Qualidade, Sr. Luiz Paulo, e o Coordenador de Processos Industriais, Sr. André Silveira.

No primeiro momento, é apresentada a estrutura do trigo, conforme desenho abaixo. Na Figura 15 é possível verificar a espiga do trigo e o recorte de um dos grãos, exemplificando do que ele é constituído.

Figura 15 – Espigas de trigo e composição do grão



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagens livres (2024).

Uma espiga de trigo é composta por vários grãos e cada grão possui três elementos: o farelo, o endosperma e o germen, sendo este o embrião da planta, que origina uma outra. Para a confecção de farinha, o grão é submetido ao processo de moagem em que esta é separada do farelo.

O endosperma corresponde a mais de 80% do grão e é rico em amido. É dele que se extraem dois tipos de farinha: a farinha clara, extraída do centro, e a farinha escura, pigmentada devido a sua localização estar mais próxima da casca. Esse tipo de farinha é rico em fibras e proteínas.

Sobre a farinha clara, o Moinho Estrela a recomenda para o uso de massas e panificações claras. As marcas são Panfácil Premium Extra Clara e Panfácil Vermelha Tradicional. A farinha mais escura é utilizada na preparação de bolos e biscoitos, sendo esta, a farinha Amizade, fabricada pelo Moinho.

Acerca do trigo adquirido pelo Moinho Estrela, este é procedente do Brasil, Uruguai, Argentina ou Paraguai. O trigo importado é transportado via multimodal (barco e caminhão) ou apenas pelo meio rodoviário, podendo ser atendido pela frota

própria da empresa ou pela contratação de terceiros. Já o trigo nacional é comprado do próprio estado do Rio Grande do Sul, do Paraná ou de São Paulo. Da mesma forma, o transporte é via frota própria ou terceirizada.

Quanto ao recebimento e estocagem do trigo, o primeiro passo é a chegada do trigo, via caminhão, ao Moinho. Todo veículo é submetido à balança para a conferência do peso logo na entrada, conforme foto abaixo:

Figura 16 – Balança de pesagem de veículos



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Na sequência, é feita a coleta de algumas amostras do lote de trigo no caminhão, por meio do equipamento calador², conforme figura simplificada abaixo:

² Instrumento utilizado para coletar amostra representativa do trigo.

Figura 17 – Calador graneleiro



Fonte: Equipacenter (2024).

Nesse momento, a amostra é encaminhada ao laboratório para ser submetida à avaliação de qualidade. Esta avaliação dura, em média, 15 minutos e visa verificar: (a) o P.H. (Peso Hectolítrico) do volume das sementes; (b) a presença de impurezas e as matérias estranhas que não serão aproveitadas no processo de moagem; (c) a umidade - o ideal é de 11% a 13%; e (d) a presença ou ausência de infestações por meio da peneiração. Se identificada a presença de infestações, esse trigo é separado e enviado para depósitos externos aos quais serão submetidos ao processo de expurgo³.

Além disso, caso o trigo seja desconhecido, é realizada uma moagem experimental no laboratório para analisar a qualidade da farinha de trigo e, tendo uma boa avaliação, este trigo é destinado ao silo correspondente com as suas características reológicas⁴ e físico-químicas⁵, para ser tratado com os demais volumes.

Antes de chegar efetivamente a um silo, o trigo passa pelo processo de pré-limpeza, em que pó e palhas são sugados por aspiração e caules são separados por peneiras. Após esse processo, o trigo segue para a Moega (componente que recebe o insumo), é descarregado e transportado ao silo. Atualmente, o Moinho Estrela

³ Ação de expurgar, de limpar, de retirar as impurezas, a sujeira; expurgação.

⁴ Comportamento deformacional da matéria, incluindo propriedades como elasticidade, viscosidade e plasticidade.

⁵ Que se refere ao mesmo tempo à física e à química.

possui 22 silos em funcionamento, os quais, juntos, têm a capacidade total de 18.000 toneladas de trigo. Abaixo fotos de uma Moega (imagem livre) e silos do Moinho Estrela:

Figura 18 – Moega



Fonte: Oximag (2021).

Figura 19 – Silos Moinho Estrela



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Depois das etapas de recebimento e estocagem, o trigo armazenado nos silos é misturado entre os silos (de um silo para outro) com o objetivo de cumprir o planejamento de farinha comercializada e conforme os critérios do controle de qualidade. Essa mistura é destinada a outros silos onde será realizada a preparação do grão começando pela limpeza, umidificação e acondicionamento, removendo os contaminantes e promovendo a maleabilidade para a etapa de moagem, favorecendo a extração das melhores farinhas.

Esse processo de limpeza é composto por vários equipamentos como a balança, que controla o fluxo do trigo, o ímã que retém os fragmentos metálicos, o separador granulométrico que distingue as impurezas grossas (maior que o grão) e as finas (menor que o grão), a tarara que proporciona a retirada de impurezas leves e finas, a selecionadora óptica que detecta e remove do processo as cores indesejáveis, defeitos de sementes, materiais estranhos e micotoxinas, a saca-pedra que estratifica por atrito a fração leve e pesada do grão, assim como as pedras presentes no trigo, o desinfestador que destrói ovos de insetos que possam estar no trigo, o polidor que proporciona o tratamento da superfície do grão, retirando as impurezas de sulco e grãos vestidos, e, por fim, a aspiração, que está presente em todo o processo de moagem com o objetivo de retirar o pó e as partículas leves.

Após o processo de limpeza, é feita a umidificação do grão por meio de um dosador automático de água no qual são consideradas as variáveis como a umidade do trigo seco, a umidade desejada e o fluxo da quantidade de trigo que está passando. A umidificação tem como objetivo facilitar a separação da casca e do endosperma durante o processo de moagem.

Ao inserir esses parâmetros no dosador, o cálculo automatizado adiciona a quantidade de água necessária para obter a umidade ideal do trigo para o processo de moagem. Nesse dosador, há uma rosca para uniformizar a umidade na massa do grão. Essa etapa é acompanhada por análises e pela equipe de qualidade. Na sequência, o trigo é depositado nos silos (caixas de descanso) até que atinja as condições ideais de moagem, podendo esse período ser de 12 a 24 h. Por fim, após o tempo de descanso, o trigo é submetido a uma segunda limpeza com o objetivo de retirar as impurezas finas e leves que ainda possam permanecer no grão. Para este momento, normalmente é utilizado um polidor e um canal de aspiração.

O processo de moagem inicia-se em seguida, depois de o trigo estar preparado e limpo. A primeira etapa é realizada nos bancos dos cilindros por meio da trituração,

redução e compressão do trigo. O processo de trituração separa o endosperma do farelo e do gérmen, logo, o farelo é separado da farinha. A redução e a compressão vão reduzir as sêmolas (partículas grossas) gerando a granulometria da farinha.

Logo após o processo da moagem, ocorre o transporte pneumático que conduz a farinha através do ar nas tubulações metálicas. Este conduz o produto para máquinas como o Plansifter e o Sassor. O primeiro se refere à peneiração e à classificação do grão triturado proveniente do banco de cilindros, é formado por várias peneiras com distintas aberturas o que facilita a atividade de acordo com o produto e com o processo que se pretende alcançar. Já o Sassor separa os produtos de características distintas (sêmolas, sêmolas vestidas e casca) utilizando peneiras e uma corrente de ar. Essa separação ocorre em partículas de densidade diferente, porém do mesmo tamanho. Abaixo, fotos do Plansifter e o Sassor para melhor entendimento.

Figura 20 – Plansifter do Moinho Estrela



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Figura 21 – Sessor do Moinho Estrela



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Na sequência, por meio da Rosca Tripla (Figura 22), a farinha é recebida, resultando em três tipos de farinhas diferentes. A seleção dessas farinhas é realizada pelo profissional da moagem, conhecido como Moleiro (conforme Figura 23), que separa o produto por cor, teor de cinzas e características reológicas. A farinha mais clara geralmente é obtida já na primeira rosca, enquanto a última concentra a farinha mais escura.

Figura 22 – Rosca Tripla do Moinho Estrela



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Figura 23 – Farinha pré-selecionada na mão do Moleiro



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Depois, por meio do processo no dosador, a farinha é incrementada e enriquecida com ferro e ácido fólico. Isso porque o processo prevê o cumprimento de normas da saúde pública brasileira, auxiliando no tratamento de anemias por deficiência de ferro e ajuda no combate à má formação de fetos, em casos em que a mãe não ingere ácido fólico suficiente.

Após, há a coleta de amostras de farinha no final da Rosca Tripa, ao qual é encaminhada ao laboratório para análise quanto à coloração, aspecto, critério físico-químicas e reológicas. Ao final da moagem, obtêm-se três produtos: farinha, farelo e farinheta de trigo, os quais são direcionados para novos silos distintos.

Por fim, há a etapa de envase e expedição, na qual, no primeiro momento, a farinha moída deixa o silo de armazenamento, passando por um novo Plansifter de segurança para evitar contaminações físicas no produto. No começo do processo é coletada uma amostra para o laboratório analisar, antes da liberação para a produção de envase e granel.

A farinha que vai para envase consiste no produto doméstico que pode ser ensacado em embalagem de 1kg ou 5kg e é destinada a supermercados para a comercialização. Já as misturas de pães e bolos agregam ingredientes que passam pelo dosador e misturador antes de serem embalados. As sacas podem ser de 400g, 1kg, 5kg ou 25kg, e também visam a comercialização em pontos comerciais. Contudo, ainda há as farinhas industriais que são destinadas a indústrias de pães, massas e biscoitos, sendo acondicionadas em embalagens de 25kg ou big bags (variando entre 1.100kg e 1.200kg).

Abaixo, a Figura 24 mostra o processo de envase, incluindo dosadores e misturador, e a Figura 25 corresponde a uma big bag pronta para transporte.

Figura 24 – Processo de Envase



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Figura 25 – Big Bag de aproximadamente 1.200kg



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

O produto embalado é acondicionado em pallets e armazenado no depósito para posterior carregamento (Figura 26). Com o auxílio de empilhadeiras, os pallets estufados são retirados dos *drives* do depósito em direção às docas de carregamento. Quando o caminhão está carregado, ele passa pela balança para aferir o peso. Após essa verificação, os produtos seguem para seus clientes, como supermercados, padarias, confeitarias e indústrias de massas e biscoitos.

Figura 26 – Produtos embalados e transportados por empilhadeira no armazém do Moinho Estrela



Fonte: Imagem capturada pela autora (2024).

Há, ainda, a farinha a granel, também direcionada à indústria, e o farelo que é destinado à alimentação animal no campo. Para estes casos, após o processo no Plansifter e a verificação do laboratório, os produtos são conduzidos diretamente aos caminhões de carga, aos quais são submetidos à aferição de peso na balança e, em seguida, liberados para transporte até o cliente, dando por encerrado o processo de moagem.

Na sequência deste estudo, e com base na construção teórica exposta até aqui, apresenta-se o percurso metodológico traçado para dar conta desta investigação.

3 METODOLOGIA

O campo empírico construiu-se a partir do interesse na continuação dos temas inter-relacionados nos campos da memória social, da memória empresarial e do patrimônio industrial, surgidos a partir da pesquisa de mestrado. Com o intuito de avançar as pesquisas na área, chega-se ao Moinho Estrela como caso proposto para, por meio das memórias dos trabalhadores, visibilizar os saberes do trabalho vinculados à indústria da moagem de trigo no Estado do Rio Grande do Sul.

Para tal fim, se fez o primeiro contato com a empresa por telefone, transpondo por e-mail e por meio de reuniões virtuais, até se concretizar a intenção de pesquisa na visita presencial, onde a Gestora de Recursos Humanos e uma das herdeiras do Moinho Estrela, Sra. Ana Maria Ponzoni Pretto, recepcionou e conduziu a conversa de forma amigável e curiosa acerca do estudo proposto.

Iniciou-se a pesquisa com a aproximação do tema a partir dos contatos e visitas realizadas ao Moinho Estrela onde pôde-se conhecer, em uma visão macro, os principais eventos ocorridos na empresa desde sua fundação. Ademais, dialogou-se com a Sra. Ana Maria a fim de conhecer as narrativas que poderiam abarcar a pesquisa.

O objetivo do primeiro contato presencial foi apresentar e contextualizar a pesquisa de forma ainda mais clara, além de entender, de forma sucinta, quais são algumas das memórias que envolvem o Moinho Estrela como empresa e legado familiar, visto que, atualmente, encontra-se na terceira geração que administra os negócios. Ademais, buscou-se conhecer parte do processo de moagem de trigo e identificar se haveria materiais disponíveis para acesso, consulta e análise. Além disso, levantou-se possíveis nomes para realização de entrevistas, entre sucessores e funcionários.

Na sequência das visitas realizadas, pode-se perceber, a partir das falas expostas, a possibilidade de realizar entrevistas semiestruturadas com gestores e trabalhadores, o que enriqueceu o trabalho, pois foi possível entender acerca do saber-fazer da produção, o qual pode ser caracterizado como patrimônio industrial imaterial, por meio das memórias dos colaboradores da moagem desta empresa.

Reforça-se que foi enviada uma carta à empresa solicitando a sua aprovação para dar seguimento à pesquisa, conforme demonstra o Anexo A, e, na sequência, o Moinho Estrela concedeu seu aceite conforme demonstra o Anexo B, ambos dispostos no final deste trabalho.

Portanto, para dar o direcionamento a este estudo, sugeriu-se a pesquisa qualitativa e descritiva a qual, segundo Gil (2008), busca as várias formas de representação das vivências sociais no mundo e tem o objetivo de estudar as características de um grupo, suas atitudes e crenças, proporcionando uma nova visão para o problema e se aproximando da pesquisa exploratória e da coleta de dados, ideal para as análises organizacionais como esta. No caso da pesquisa exploratória, o autor contribui, pois, diz que o principal objetivo é esclarecer conceitos a partir de hipóteses pesquisáveis, além de envolver o levantamento bibliográfico, documental e entrevistas não padronizadas, crucial para este trabalho. Sobretudo, a pesquisa exploratória vai tratar de temas pouco explorados e que exigem investigação detalhada para aprofundamento (Gil, 2008).

Este estudo também se referiu à pesquisa documental que, segundo Gil (2008), consiste em dados obtidos a partir de livros, fotografias, entre outros registros que contribuem para a investigação. Quanto às fontes imagéticas, Mauad (2005) diz que, a partir das fotografias, pode-se rememorar o passado no tempo presente, pois há uma capacidade narrativa que direciona as referências culturais, representando acontecimentos, vivências, histórias e memórias. É uma fonte histórica e um testemunho válido, independentemente de o registro fotográfico ter sido realizado para descrever um fato ou um estilo de vida, pois a fotografia “atesta a existência de uma realidade” (Mauad, 2005, p. 136).

No caso desta pesquisa, os materiais utilizados foram o livro *De um só grão não se faz pão: memórias do fundador do Moinho Estrela*, escrito pelo criador do Moinho Estrela, Sr. Angelo Domingo Pretto junto ao jornalista Geraldo Hasse, o infográfico que detalha o processo de moagem, organizado por colaboradores do Moinho, e as fotografias realizadas pela própria autora para elucidar os fatos apresentados neste texto.

Além disso, Bardin (2021, p. 47) colabora quando diz que a análise documental “permite passar de um documento primário (em bruto) para um documento secundário (representação do primeiro)”, pois o objetivo é anunciar o documento em formato diferente do original possibilitando a análise de conteúdo. Neste sentido, a autora

comenta que a análise de conteúdo auxilia na interpretação dos dados secundários, o que pode representar a ausência ou a presença de determinado acontecimento, já que é um conjunto de instrumentos metodológicos diversificados.

Ressalta-se que Bardin (1977) não criou esta técnica, mas sim sistematizou e esclareceu um conjunto de técnicas de dados para a exploração de pesquisas qualitativas, surgindo, então, a expressão “análise de conteúdo”. Ela afirma que este conjunto de técnicas e análises visa obter procedimentos sistemáticos objetivando, através de indicadores quantitativos ou não, o conteúdo das mensagens para buscar a inferência de conhecimentos extraídos desta produção. Além disso, uma análise de conteúdo não se restringe a textos e escritas, mas abrange códigos semióticos como imagens, desenhos, elementos não verbais e até objetos, estendendo o conteúdo das mensagens para a linguagem verbal e não-verbal.

Logo, a análise de conteúdo vai tratar da manipulação dos dados para que seja possível a aferição das informações a partir do que foi levantado, pois está diretamente ligada a uma pesquisa qualitativa como esta, objetiva a manipulação de um determinado conteúdo primário que, através da categorização e tratamento, cria indicadores capazes de demonstrar a presença ou a ausência de um conjunto de características, ao qual se constrói uma nova realidade para a mensagem primária (Bardin, 1977). Sobretudo, por meio da análise de conteúdo, é possível reduzir a complexidade de textos e produzir inferências dentro de um contexto social. Esta metodologia é sistemática e utiliza-se de dados brutos e, por muita das vezes, históricos, como as próprias entrevistas, em que o pesquisador, através da seleção e da categorização das informações, pode produzir tendências sociais (Bauer, 2008).

Quanto às entrevistas, entende-se que para este tipo de trabalho, o formato semiestruturado, acompanhado da análise de conteúdo, viabilizou o estudo, uma vez que segundo Gil (2002), a entrevista semiestruturada permite ao entrevistador retomar a pergunta inicial para corrigir desvios na fala do que, de fato, foi questionado, bem como possibilita ao entrevistado ter autonomia e liberdade para fazer a sua narração de maneira aberta, sem a necessidade de seguir uma estrutura fixada. Além disso, a entrevista semiestruturada é uma maneira de explorar mais as questões propostas pelo entrevistador, direcionando-as para alcançar os objetivos da pesquisa (Marconi e Lakatos, 2004). Para tanto, esboça-se, no Anexo C, o roteiro de entrevista que foi utilizado como parte metodológica.

A partir da primeira visita realizada no Moinho Estrela, criou-se um documento, buscando mapear os nomes selecionados para as entrevistas, as idades, localidades de origem, cargos, posição hierárquica e o tempo de trabalho na empresa. Ao todo, somou-se doze trabalhadores e trabalhadoras que concederam suas falas e contribuições memoriais para este estudo.

A partir dos primeiros encontros, também foi possível analisar os materiais disponibilizados, bem como realizar o agendamento das entrevistas. Sobretudo, o intuito foi entender como as transformações do setor moageiro aconteceram ao longo dos anos e como o saber-fazer ou os saberes do trabalho, trazidos pelos conceitos relacionados ao patrimônio industrial imaterial, se deu neste período, em diferentes épocas e em distintos contextos econômico, regional e industrial, a partir de um acervo de memórias que foi criado, estruturado e analisado durante a investigação dos resultados desta pesquisa.

Para que as entrevistas fossem formalizadas de acordo, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), onde cada participante teve a oportunidade de realizar a leitura e assinar o documento antes de ser entrevistado, concedendo, assim, a concordância em colaborar com a pesquisa por meio das suas narrativas e expressões, visto que as entrevistas foram gravadas em som e imagem. O Termo assegurou: a) a garantia de utilizar os dados coletados apenas para fins deste estudo; b) a participação voluntária com possibilidade de retirar o consentimento a qualquer momento; c) as identificações como confidenciais, sendo utilizadas apenas para fins científicos; d) os participantes não teriam nenhuma despesa e não haveria compensação financeira relacionada à participação; e) os participantes poderiam solicitar atualizações sobre os resultados parciais do estudo. Ademais, a pesquisadora colocou-se à disposição para sanar qualquer dúvida e fornecer informações adicionais, dando início às gravações na sequência.

Quanto ao tratamento das entrevistas, a metodologia se deu da seguinte forma: após as visitas ao Moinho Estrela para as gravações das entrevistas agendadas, trabalhou-se na transcrição integral das narrativas dos doze entrevistados e entrevistadas. Para auxiliar nesse processo, utilizou-se a ferramenta *Transkriptor*⁶, um sistema que auxilia na transcrição de áudios para textos, sendo esta uma plataforma on-line. Ao todo, foram geradas 415 laudas transcritas.

⁶ <https://transkriptor.com/pt-br/>. Este é um *software* pago.

Ao final deste processo, percebeu-se que o instrumento gerou as informações, transformando as falas em escritas, porém num total aproximado de 70% de acuracidade. Isso só foi possível de identificar porque logo após esta etapa escutou-se, novamente, todas as doze entrevistas na íntegra com o objetivo de encontrar lacunas na captação exata das narrativas, tanto dos colaboradores entrevistados como da própria pesquisadora. Ademais, os 30% que o *Transkriptor* “não conseguiu interpretar” foi digitado manualmente para completar cada fala. Esta variação pode ter ocorrido por ruídos no ambiente, falha na captação do áudio devido à tonalidade da voz do narrador e/ou interferências técnicas no momento da gravação. Ressalta-se que a ferramenta utiliza-se de inteligência artificial para transcrição ao qual é passível de melhorias futuras.

Após a transcrição de todas as entrevistas, foi possível formar um acervo de memórias e deste, construiu-se uma base de dados utilizando o *Google Sheets*⁷, onde foi possível criar categorias e subcategorias a posteriori com os dados demográficos dos entrevistados e entrevistadas (nome, idade, país e cidade de origem, escolarização, cargo e tempo de trabalho na empresa). Ainda, criou-se uma coluna com a fala geral contendo os principais temas presentes em cada relato, e definiram-se quatro subcategorias dentro da classe: saberes do trabalho e do trabalhador, sendo a mobilização do conhecimento, a aquisição de conhecimento pessoal, a troca de conhecimento com concorrentes e a aquisição de conhecimento por meio de especialistas. Em cada subseção destas, junto a um resumo da fala de cada entrevistado(a), aproximaram-se as citações que corroboraram para determinar como o tipo de saber foi adquirido, além de classificar o destaque deste resumo e a melhor palavra-chave que o definiu.

A criação da base de dados foi possível com o auxílio de dois *softwares* de inteligência artificial: o *Copilot*⁸ e o *Perplexity*⁹. O objetivo foi selecionar trechos das entrevistas que remetem às possíveis respostas para resolver o problema de pesquisa desta tese. Inicialmente, criaram-se *prompts*¹⁰ para que os *softwares* de inteligência

⁷ Trata-se de um aplicativo de planilhas da *Google*, ao qual é disponibilizado on-line e permite a criação e a formatação de arquivos.

⁸ É um aplicativo de inteligência artificial de comandos, que possui versão paga e gratuita da Microsoft 365 e está disponível para sistema operacional Windows.

⁹ Refere-se a uma plataforma que utiliza a inteligência artificial para auxiliar na pesquisa e conversação. Usa como base fontes da *web* e documentos fornecidos via *upload* na conta pessoal do usuário.

¹⁰ São um conjunto de comandos fornecidos à uma inteligência artificial para que ela realize uma determinada tarefa ou responda a um questionamento, mais especificamente, de acordo com as

artificial pudessem efetuar a leitura e separar as citações adequadas. Estes, foram validados por um especialista da área de tecnologia¹¹ com o objetivo de garantir que os *prompts* criados pela pesquisadora estivessem com a linguagem técnica correta exigida em cada plataforma de inteligência artificial utilizada, desta forma, reduzindo os riscos de discrepâncias e alucinações da IA (informações enganosas que podem parecer corretas, mas não correspondem à realidade). Abaixo coloca-se os exemplos de *prompts* utilizados para este fim:

Quadro 2 – *Prompts* criados e aplicados nos *softwares* de inteligência artificial:

Copilot e Perplexity

A partir de agora você fará uma análise de conteúdo baseado na autora Laurence Bardin, com base neste arquivo, ok?
Por favor, faça a leitura flutuante e a identificação dos principais temas para a pré-análise deste texto, baseado na fala de "Rosana".
Preciso que você categorize a entrevista e uma categoria chamada saberes do trabalho e dentro dessa categoria existe quatro subcategorias que são elas: mobilização do conhecimento, aquisição de conhecimento pessoal, troca de conhecimento com concorrentes e aquisição de conhecimento por meio de especialistas.
Obrigada, mas vamos melhorar! Tome como exemplo: Mobilização de Conhecimento é: Ele destaca seu processo de aprendizado com o colega que entendia de moagem, suas viagens para feiras internacionais, e o contato com fornecedores e concorrentes. Aquisição de Conhecimento Pessoal é: Compartilha como adquire conhecimento sobre novos processos e equipamentos, destacando a importância de pesquisa contínua, troca de informações com colegas e fornecedores, e a humildade de aprender com a experiência dos outros. A Troca de Conhecimento com Concorrentes é: Destaca a importância da troca de informações e o aprendizado contínuo por meio da comunicação com outros profissionais do setor, como fornecedores e concorrentes. Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas é: Menciona como a empresa, à medida que cresce, passa a contratar pessoas especializadas em áreas em que a empresa tinha deficiências, como TI e controle de qualidade na moagem. Ele também destaca a importância de ter um time qualificado para melhorar o processo.
Obrigada. Neste momento eu quero que em cima da subcategoria Mobilização do conhecimento, me traga os trechos do texto que foi analisado pois eu preciso apontar em que parte da entrevista foi identificada essa subcategoria.
Neste momento eu quero que em cima da subcategoria Aquisição de Conhecimento Pessoal, me traga os trechos do texto que foi analisado pois eu preciso apontar em que parte da entrevista foi identificada essa subcategoria.
Neste momento eu quero que em cima da subcategoria Troca de Conhecimento com Concorrentes, me traga os trechos do texto que foi analisado pois eu preciso apontar em

instruções solicitadas pelo usuário.

¹¹ Jéferson dos Santos Gonçalves. Mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano e Especialista em Qualidade de *Software* há 14 anos.

que parte da entrevista foi identificada essa subcategoria.

Neste momento eu quero que em cima da subcategoria Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas, me traga os trechos do texto que foi analisado pois eu preciso apontar em que parte da entrevista foi identificada essa subcategoria.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Abaixo é possível ver parte da planilha criada e que foi essencial para as próximas fases, a qual compreende a aplicabilidade de fórmulas para gerar o documento que foi importado para o *software* Iramuteq (detalhamento a seguir), dando vida aos resultados desta pesquisa a partir do cruzamento de tais informações.

Figura 27 – Recorte 1 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas

CATEGORIAS:	DADOS DEMOGRÁFICOS						RESUMO
SUBCATEGORIAS:	Nome do(a) entrevistado(a)	Idade	País/Cidade de origem	Escolarização	Cargo	Tempo de trabalho na empresa	Resumo da fala
	Gerson Pretto	60	Brasil / Rio Grande do Sul / Porto Alegre	Graduação em Engenharia Mecânica	Diretor	31 anos	Relata sua experiência de transição de um ambiente de multinacionais para uma empresa familiar. Ele descreve a falta de estrutura inicial da empresa familiar, o desafio de reconstruir a organização e a sensação de evolução ao longo do tempo.
CITAÇÕES							

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 28 – Recorte 2 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas

ANÁLISE DE CONTEÚDO SEGUNDO BARDIN			
SABERES DO TRABALHO			
Mobilização de Conhecimento	Aquisição de Conhecimento Pessoal	Troca de Conhecimento com Concorrentes	
Ele destaca seu processo de aprendizado com o colega que entendia de moagem, suas viagens para feiras internacionais, e o contato com fornecedores e concorrentes.	Compartilha como adquire conhecimento sobre novos processos e equipamentos, destacando a importância de pesquisa contínua, troca de informações com colegas e fornecedores, e a humildade de aprender com a experiência dos outros.	Destaca a importância da troca de informações e o aprendizado contínuo por meio da comunicação com outros profissionais do setor, como fornecedores e concorrentes.	
"No início foi muito estranho, eu tive que bolar mão, arrumar, arrumar a máquina, fazer coisas que eu nunca tinha feito na minha vida, mas a gente aprende, né? Então foi bem, mas foi, foi um processo bem interessante porque eu comecei do zero, praticamente."	"O meu processo de conhecimento, ele se dá de maneira clássica... leio bastante, me informo bastante."	"A gente visita bastante. Visitei bastante concorrentes, havia essa possibilidade. A própria empresa, essa que vendia equipamentos, permitia que tu visitasse outras empresas, então a gente ali a gente vai aprendendo, né? Então, desde o início eu conheci bastante, porque eu me abri a conhecer, né, e comecei a participar de até entidades, né. Nós temos hoje, em termos de Brasil, tem a Abitrigo, né?"	
Então eu não cheguei, não cheguei com ninguém. Eu tinha uma pessoa que ficou comigo até 2 anos atrás que ele faleceu, né? Ele conhecia bastante de moagem, né?	"Tenho a humildade de quando estou em dúvida, eu pergunto."	"Participando da Abitrigo, tu tem muita informação, né? Eu sou hoje conselheiro da Abitrigo."	
"Eu fui aprendendo com ele no dia a dia, né? Eu tenho facilidade de aprender."	"Quem indica é uma pergunta óbvia, né? Quem é que já tem? Quem não tem?"	"E também a nível de Sindicato no Rio Grande do Sul, também, tem bastante troca e de informações. E naquela época a troca de informações era bastante mais frequente assim, né? Hoje até deu uma diminuída, porque as empresas cresceram bastante, né? Mas as empresas eram menores, então peguei um momento de mudança."	
"Em 97. Eu fiz uma viagem para a Suíça para conhecer um pouco mais do que que existia, então a principal empresa fornecedora de equipamentos para Moinho, hoje, é uma empresa Suíça. Então passei um mês e meio lá na Suíça com eles, aprendendo um pouco do que que era o modelo de moagem."		"Mas assim, eu ainda troco muita informação, me ligam bastante ainda sobre, o que que tu acha disso? o que que tu acha daquilo Mesmo no concorrente, há uma troca ainda. Essa troca ainda existe, né?"	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Figura 29 – Recorte 3 da base de dados criada a partir da transcrição das entrevistas

Citações	Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas (Resumo)	Destaque	Palavra Chave / Categoria
<p>"Na medida em que tu vais se tomando uma empresa um pouco maior, aí tu compra conhecimento, aí tu compra pessoas que conheçam."</p> <p>"Estou com uma deficiência em TI, eu vou contratar alguém que conhece TI."</p> <p>"Hoje eu tenho o meu Gerente de Produção que cuida da moagem... Ele é carioca, rodou o Brasil, ele conheceu, ele fez outras coisas."</p> <p>"A minha Gerente de Qualidade, ela estava em São Paulo... passou por 3, 4 Moinhos."</p> <p>"Até gente, até pessoas de outros Moinhos, porque não? Assim, daqui da região."</p>	<p>Menciona como a empresa, à medida que cresce, passa a contratar pessoas especializadas em áreas em que a empresa tinha deficiências, como TI e controle de qualidade na moagem. Ele também destaca a importância de ter um time qualificado para melhorar o processo.</p>	<p>Profissionalização</p>	<p>Qualificação</p>
<p>"A minha gerente é uma pessoa que tem vinte e poucos anos de moinho, então a gente conversa muito sobre, então essa troca de experiências é muito legal, então a gente tem bastante isso."</p> <p>"Eu fiz também, no ano passado, curso online de farinha internacional, aonde leve alguns aspectos de farinha lá de fora, as condições, como é que eram as características, teve bastante pessoas dando curso de fora, então teve uma outra visão também como é a farinha de lá, isso é legal também, as suas."</p>			

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A íntegra deste mapeamento em Planilha do *Google* é apresentada, de forma completa, no capítulo Coleta de Dados.

Quanto ao *software* Iramuteq¹², segundo Camargo (2020), este permite a análise de textos como material proveniente de questões abertas, a exemplo de entrevistas. Por meio do sistema, tem-se a organização de vocabulários em dados estatísticos e representações gráficas derivadas das investigações que se pretende realizar. Para tanto, Camargo (2020) também diz que o Iramuteq trata um material transcrito, ou seja, uma análise textual ou de dados, comparando as diferentes variáveis do *corpus* selecionado. Inicialmente, os textos são separados por linhas de comando para que o *software* possa realizar a leitura, bem como se faz necessário delinear a pesquisa com variáveis importantes como: sexo, idade, naturalidade, escolarização, cargo, tempo de empresa, entre outros.

Além disso, o Iramuteq engloba um dicionário o qual auxilia na análise textual, utilizando a lematização para transformar as palavras com as suas várias flexões (de número, de gênero etc.) ou formas reduzidas (singular, plural, masculino, feminino

¹² Para um melhor entendimento da aplicabilidade e do uso do *software* Iramuteq, é possível consultar as videoaulas por meio do *link*: https://www.youtube.com/watch?v=SoOzkpSedgQ&list=PLWkv7mRAPYY_u765r-KPEnKQ-CvURayNA

etc.). Seu dicionário facilita a permissão de testes estatísticos de associação, selecionando as frequências das ocorrências (Camargo, 2020).

Por fim, o Iramuteq forma um conjunto de técnicas e métodos que permite transformar dados qualitativos em dados estatísticos, facilitando as análises textuais e, sobretudo, possibilitando avanços na investigação e novas perspectivas. Para esta tese, a versão do Iramuteq utilizada foi a *Version 0.8 alpha 7*, sendo esta a mais recente até o momento da construção deste estudo.

Na sequência deste trabalho e com base no percurso metodológico exposto acima, passa-se a apresentação e análise dos dados coletados nesta pesquisa.

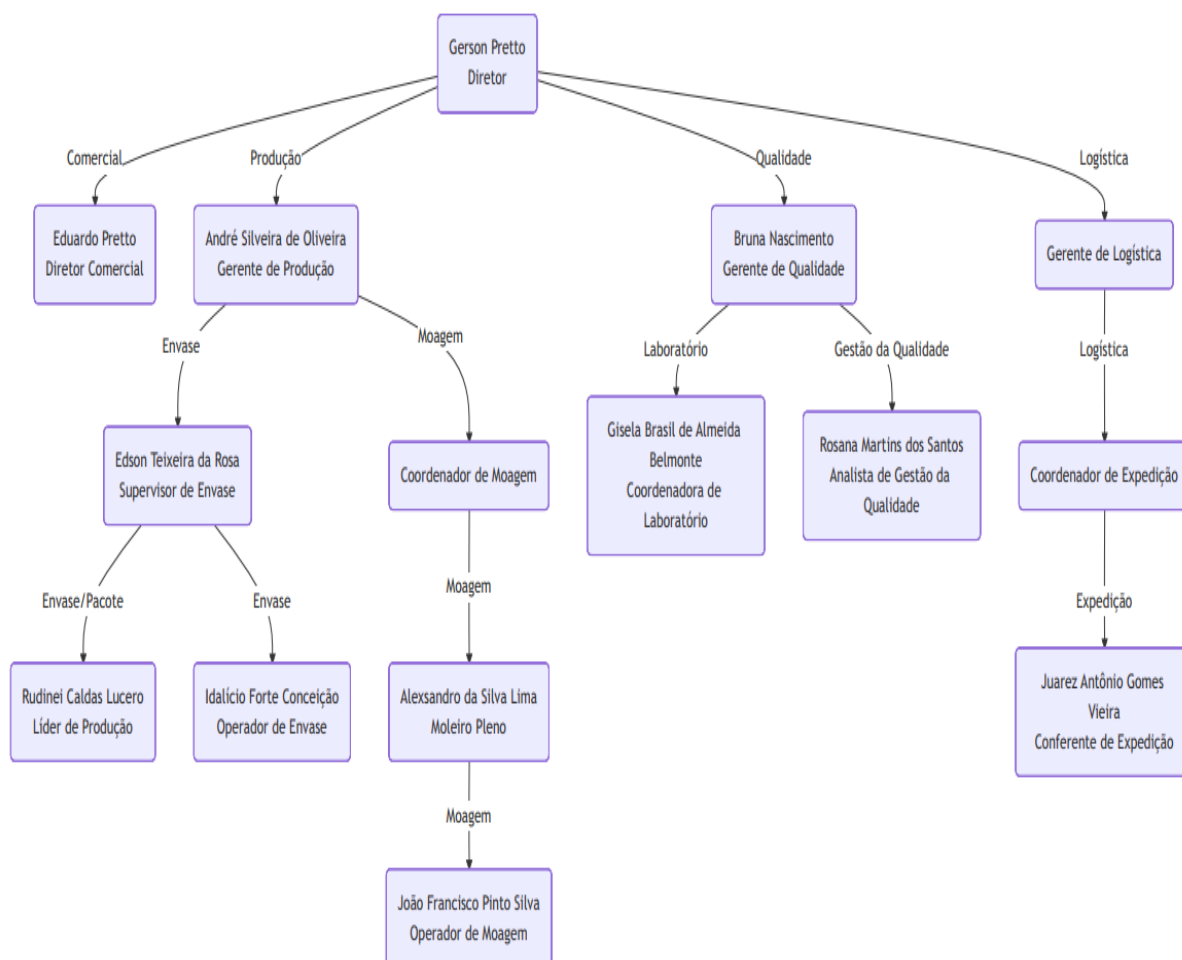
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme mencionado anteriormente, além da análise dos textos descritos no livro e o infográfico aos quais se teve acesso para uma melhor compreensão dos fatos históricos da família Pretto, da construção do Moinho Estrela e do seu processo de moagem, a coleta de dados deu-se, principalmente, por meio de entrevistas realizadas na empresa.

Desta forma, o tipo de entrevista aplicada a este estudo foi a semiestruturada, no qual foi possível discorrer sobre os saberes do trabalho e do trabalhador por meio das narrativas coletadas. Inicialmente, a partir do mapeamento dos profissionais que seriam abordados, bem como após a conferência e validação da Sra. Ana Maria Ponzoni Pretto (*Business Partner*¹³ do Moinho Estrela), chegou-se ao seguinte modelo de organograma, destacando apenas os colaboradores e as colaboradoras que foram entrevistados(as):

¹³ *Business Partner* (HRBP) é o profissional responsável por atuar como um elo estratégico entre a área de Recursos Humanos e as demais áreas de negócio de uma empresa.

Figura 30 – Organograma dos colaboradores e das colaboradoras entrevistados(as) no Moinho Estrela



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao mencionar cada entrevistado, totalizando 12 (doze), destaca-se o Sr. Gerson Pretto no topo do organograma, assumindo a Diretoria Geral, seguido dos quatro setores nos quais cada um dos demais entrevistados está alocado, nas áreas: Comercial, Produção, Qualidade e Logística. Hierarquicamente, pode-se citar na esfera Comercial, o entrevistado Sr. Eduardo Pretto, Diretor Comercial; na Produção, o Sr. André Silveira de Oliveira, Gerente; e na Qualidade a Sra. Bruna Nascimento, também com posição de Gestora.

Do setor de Produção é que surge o maior número de entrevistados, em especial das subáreas de Envase e Moagem. No primeiro, foram entrevistados os Srs.

Edson Teixeira da Rosa (Supervisor de Envase), Rudinei Caldas Lucero (Líder de Produção) e Idalício Forte Conceição (Operador de Envase). Já na Moagem, entrevistaram-se os Srs. Alexsandro da Silva Lima (Moleiro Pleno) e João Francisco Pinto Silva (Operador de Moagem).

Na sequência, no setor de Qualidade, conversou-se, além da Gerente, com a Coordenadora de Laboratório Sra. Gisela Brasil de Almeida Belmonte e a Analista de Gestão da Qualidade, Sra. Rosana Martins dos Santos. Por fim, na área de Logística, foi possível dialogar com o Sr. Juarez Antônio Gomes Vieira.

Abaixo é possível verificar os dados demográficos de cada entrevistado(a). Essas categorias fizeram parte do roteiro de entrevista previamente estruturado e foram selecionadas para trazer uma melhor identificação dos colaboradores.

Quadro 3 – Dados demográficos dos(as) entrevistados(as)

Entrevistados(as)	Idade	País/Cidade de origem	Escolarização	Cargo	Hierarquia	Tempo na empresa
1	60	Rio Grande do Sul / Porto Alegre	Graduação em Engenharia Mecânica	Diretor	Gestão	31 anos
2	49	Rio Grande do Sul / Porto Alegre	Técnica em Química, Licenciatura em Química	Coordenadora de Laboratório	Gestão	9 anos
3	45	Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro	Técnico em Química de Alimentos, Licenciatura em Matemática, Processos Gerenciais, Pós em Engenharia de Produção (em andamento)	Gerente de Produção	Gestão	5 anos
4	45	São Paulo / Santos	Graduação em Engenharia Química, Pós-Graduação em Projetos	Gerente de Qualidade	Gestão	3 anos
5	31	Rio Grande do Sul / Canoas	Graduação em Biologia, Pós-Graduação em Controle e	Analista de Gestão da Qualidade	Operacional	3 anos

Entrevistados(as)	Idade	País/Cidade de origem	Escolarização	Cargo	Hierarquia	Tempo na empresa
			Gestão de Segurança do Alimento			
6	60	Rio Grande do Sul / Lajeado	Graduação em Administração (incompleta)	Diretor Comercial	Gestão	45 anos
7	52	Rio Grande do Sul / Porto Alegre	Ensino Médio incompleto	Moleiro Pleno e Encarregado de Entorno	Operacional	26 anos
8	54	Rio Grande do Sul / Cerro Grande do Sul	Ensino Fundamental completo	Operador de Envase	Operacional	28 anos
9	45	Rio Grande do Sul / Cachoeira do Sul	Tecnólogo em Processos Gerenciais, Técnico em Administração	Supervisor de Envase	Gestão	7 anos
10	62	Rio Grande do Sul / Cachoeira do Sul	Ensino Fundamental incompleto	Conferente de Expedição	Operacional	46 anos
11	57	Rio Grande do Sul / São Gabriel	Ensino Fundamental completo	Operador de Moagem	Operacional	9 anos
12	54	Rio Grande do Sul / Santo Antônio das Missões	Técnico em Agropecuária/Agrícola	Líder de Produção	Gestão	15 anos

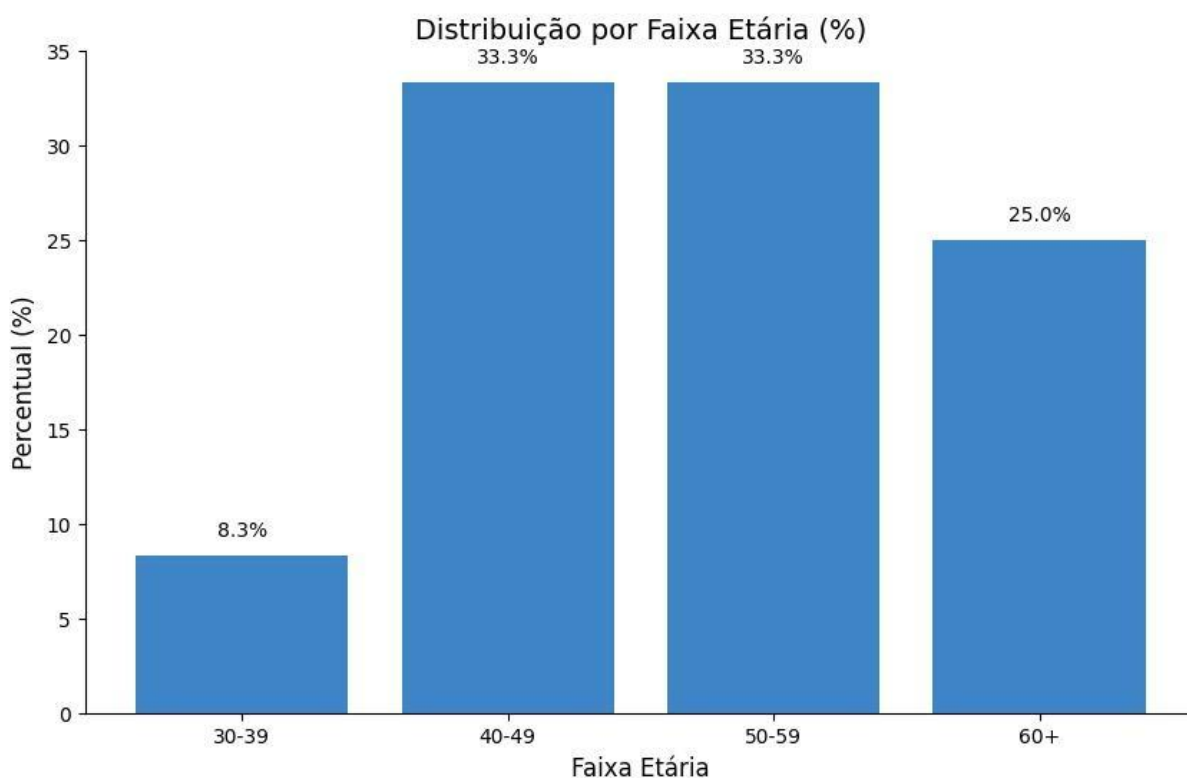
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Com base na Tabela 6 acima apresentada, percebe-se o panorama geral do perfil dos entrevistados e entrevistadas do Moinho Estrela, refletindo tanto aspectos demográficos quanto características de experiência profissional e formação acadêmica.

Desta forma, aponta-se que a maioria dos participantes nasceu no estado do Rio Grande do Sul (10 colaboradores), representando 83,33% do total de entrevistados, enquanto 16,67% dos participantes (2 colaboradores) são de outras localidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Esse dado sugere uma forte presença da força de trabalho gaúcha, o que pode remeter à transmissão de saberes e práticas regionais, considerando um contexto cultural local dentro da empresa.

Outro dado, conforme demonstra o Gráfico 1, diz respeito à faixa etária dos(as) entrevistados(as) com predominância observada no intervalo de idades intermediário e mais experiente, destacando-se com 33,33% a faixa entre 40 e 49 anos (4 pessoas) e 50 e 59 anos (4 pessoas), bem como 25% com 60 anos ou mais (3 pessoas). Assim, apenas 8,3% dos participantes estão na faixa dos 30 a 39 anos (1 pessoa), indicando um grupo de colaboradores com maior experiência acumulada. Ademais, esse dado sugere que a memória empresarial e o saber-fazer são fortemente influenciados por colaboradores de longa trajetória no Moinho Estrela, impactando diretamente nos processos de transmissão do conhecimento dentro da organização.

Gráfico 1 - Distribuição por faixa etária dos(as) entrevistados(as)



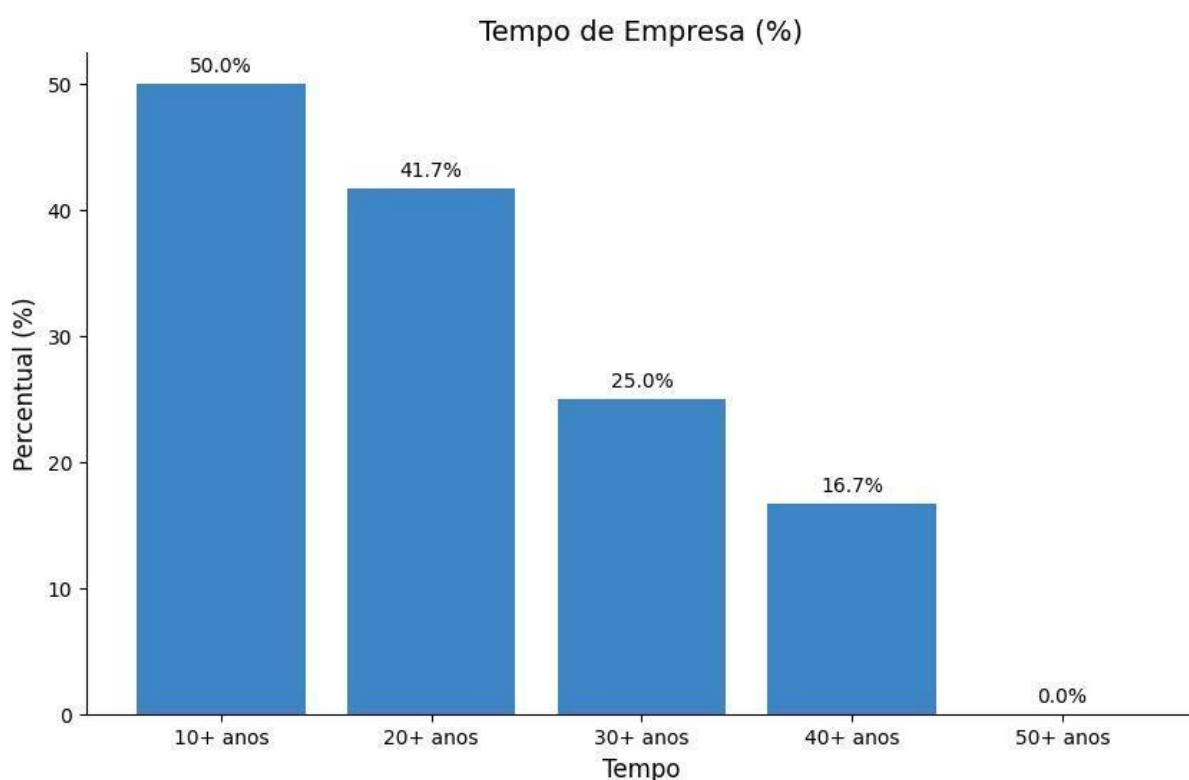
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que tange às posições hierárquicas, 58,3% ocupam cargos de gestão, remetendo a uma amostra composta por indivíduos com responsabilidades de liderança e poder de decisão. Da mesma forma, este dado interage com o nível de escolarização, no qual também 58,3% dos(as) entrevistados(as) possuem ensino superior, incluindo pós-graduação e casos de cursos superiores incompletos,

destacando um perfil profissional mais qualificado e preparado para gerir práticas processuais.

A última análise que se apresenta neste mapeamento diz respeito ao tempo de permanência dos colaboradores no Moinho Estrela, conforme demonstra o Gráfico 2 abaixo. Dos dados apresentados, entende-se que o capital humano é experiente, pois metade dos entrevistados possui mais de 10 anos de trabalho; 41,7% estão há mais de 20 anos; 25% estão há mais de 30 anos; e 16,7% estão há mais de 40 anos. Não há entrevistados com vínculo empregatício superior a 50 anos na empresa. Assim, este histórico auxilia no entendimento de que as práticas e saberes são transmitidos por uma base de profissionais mais experientes, corroborando o fortalecimento da identidade e da memória industrial.

Gráfico 2 - Tempo de empresa dos(as) entrevistados(as)



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Por fim, o perfil dos entrevistados e entrevistadas do Moinho Estrela remete a uma força de trabalho predominantemente regional, qualificada e experiente, fundamentando o processo de consolidação e transmissão do conhecimento dentro da empresa, refletindo na construção da sua memória laboral.

Ademais, foram identificados os principais temas na fala geral de cada entrevistado(a), como forma de entender a essência em cada narrativa daquilo que mais se destacou, além de apresentar, de maneira mais organizada, quais elementos foram mais considerados para cada trabalhador(a). Essas informações foram cruciais para possibilitar uma melhor análise dos resultados após elas serem estudadas por meio do *software* Iramuteq, conforme detalha a metodologia desta tese.

Abaixo, mostra-se o mapeamento dos principais temas na fala geral de cada entrevistado(a):

Quadro 4 – Mapeamento dos principais temas narrados por cada entrevistado(a)

Entrevistado(a)	Fala geral
1	O entrevistado relata sua experiência de transição de um ambiente de multinacionais para uma empresa familiar. Ele descreve a falta de estrutura inicial da empresa familiar, o desafio de reconstruir a organização e a sensação de evolução ao longo do tempo.
2	A entrevistada fala sobre sua experiência anterior na Ambev e sua transição para o novo desafio no moinho. Menciona os desafios de trabalhar com pessoas e a motivação de ver o crescimento e desenvolvimento de sua equipe. Ela destaca a importância de otimizar processos e adquirir novos equipamentos para melhorar a rotina do laboratório. Fala sobre a importância de continuar estudando e adquirindo novos conhecimentos, tanto técnicos quanto de gestão.
3	O entrevistado compartilha sua jornada desde o início de sua carreira, passando por diferentes empresas e cargos, até chegar à sua posição atual. Ele fala sobre os desafios enfrentados ao longo dos anos, como a necessidade de adaptação a novas tecnologias e processos de automação. Destaca a importância de sua formação acadêmica e como ela influenciou sua carreira. A implementação de novas tecnologias e a automação dos processos de moagem são temas recorrentes na entrevista. Ele compartilha histórias pessoais e profissionais que moldaram sua trajetória e contribuíram para seu desenvolvimento.
4	A entrevistada comenta sobre a importância da qualidade e segurança alimentar no processo de produção de farinha, incluindo a implementação de boas práticas de fabricação e a adaptação às regulamentações da Anvisa. Ela relata sobre a sua trajetória profissional como Gerente de Qualidade no Moinho Estrela e acerca das suas experiências em diferentes Moinhos ao longo dos anos.
5	A entrevistada menciona que enfrentou dificuldades para se inserir no mercado de trabalho como bióloga, o que a levou a buscar uma especialização em segurança do alimento. Ela destaca a importância da microbiologia e da análise crítica na sua área de atuação. Além disso, ela compartilha suas experiências pessoais, como a enchente que afetou sua casa e a necessidade de reconstrução. No trabalho, a entrevistada lida com

Entrevistado(a)	Fala geral
	<p>a gestão de não conformidades vindas de consumidores finais e a qualificação de fornecedores. Ela enfatiza a importância da segurança do alimento e a necessidade de processos bem estruturados para garantir a qualidade dos produtos. Também fala sobre a resistência à mudança de cultura dentro da empresa e a importância de educar os colaboradores sobre a segurança do alimento. Ela expressa o desejo de, no futuro, trabalhar na área de microbiologia de alimentos e menciona a possibilidade de a empresa abrir um laboratório de microbiologia. Também destaca a importância do Moinho Estrela para a economia local e a confiança que os consumidores têm na qualidade dos produtos da empresa.</p>
6	<p>O entrevistado compartilha a trajetória do Moinho Estrela, desde o início em Lajeado até a expansão para Canoas e Porto Alegre. Ele menciona a evolução dos processos de moagem e a adaptação às mudanças no mercado de farinha de trigo.</p> <p>Ele discute as mudanças significativas no setor de farinha de trigo no Brasil, especialmente após 1991, quando o governo liberou a comercialização de farinha de trigo. Destaca a diversificação dos produtos e a introdução de novas tecnologias. Aborda os desafios enfrentados pelo Moinho Estrela, como variações cambiais, impactos da pandemia e enchentes. Ele explica como a empresa se adaptou a essas dificuldades, investindo em qualificação profissional e inovação tecnológica.</p> <p>O entrevistado enfatiza a importância da qualificação profissional e do investimento em recursos humanos para o sucesso do Moinho Estrela. Ele menciona a necessidade de conhecimento técnico e sensibilidade dos profissionais para operar as máquinas e garantir a qualidade dos produtos. Fala sobre a relação do Moinho Estrela com a comunidade de Canoas, destacando as doações e o apoio a entidades assistenciais. Ele também menciona a importância do Moinho para a economia local e os desafios enfrentados na expansão da empresa.</p>
7	<p>O entrevistado compartilha detalhes sobre sua carreira, começando aos 14 anos na empresa Motriza e passando por várias outras empresas até chegar ao Moinho Estrela, onde trabalha há 26 anos.</p> <p>Ele descreve como o processo de moagem de trigo evoluiu ao longo dos anos, passando de um trabalho manual para um processo altamente automatizado. Menciona a introdução de novas máquinas e tecnologias que melhoraram a eficiência e reduziram o barulho no ambiente de trabalho.</p> <p>Ele fala sobre as condições de trabalho ao longo dos anos, incluindo a carga horária, a necessidade de trabalhar de domingo a domingo no passado, e as melhorias nas medidas de segurança. Também menciona os desafios de encontrar mão de obra qualificada no setor de moagem.</p> <p>Relata experiências pessoais com acidentes de trabalho, incluindo implosões e explosões devido à poeira do trigo, e como as medidas de segurança evoluíram para prevenir tais incidentes.</p> <p>Discute como sua carreira impactou sua vida pessoal, incluindo o tempo que passou longe da família e as dificuldades financeiras que enfrentou, bem como o apoio que recebeu da empresa durante momentos difíceis.</p>
8	<p>O entrevistado compartilha suas experiências e memórias relacionadas ao trabalho no Moinho Estrela. Ele menciona como o processo de envase de farinha de trigo mudou ao longo do tempo, desde métodos manuais até a introdução de novas tecnologias, destacando como essas mudanças impactaram o trabalho diário.</p>

Entrevistado(a)	Fala geral
	<p>Ele menciona a importância das relações de trabalho e como a colaboração entre colegas é fundamental para o aprendizado e a adaptação às novas tecnologias. Também fala sobre a cultura de apoio e respeito dentro da empresa. Destaca a importância do Moinho Estrela para a comunidade local, mencionando como a empresa gera empregos e contribui para a economia da região.</p>
9	<p>O entrevistado menciona várias vezes a modernização dos processos de produção, especialmente com a introdução da máquina Haver, que automatizou muitas tarefas que antes eram manuais.</p> <p>Fala sobre a importância da formação e dos cursos de capacitação para se adaptar às novas demandas do mercado. Ele menciona seus próprios cursos em Processos Gerenciais e Técnico em Administração, além de treinamentos específicos oferecidos pela empresa.</p> <p>A valorização da experiência dos profissionais mais antigos é um tema recorrente. O entrevistado destaca como a experiência dos trabalhadores mais antigos é útil para a resolução de problemas e como a combinação de experiência e novas tecnologias é benéfica para a empresa.</p> <p>Discute os desafios enfrentados pelos profissionais na adaptação às mudanças tecnológicas e organizacionais, bem como as oportunidades de crescimento e desenvolvimento na carreira. Ele enfatiza a importância de transmitir conhecimento de forma clara e simples para os novos funcionários, evitando erros e garantindo a continuidade dos processos produtivos.</p>
10	<p>O entrevistado possui 46 anos de experiência no Moinho Estrela, tendo iniciado como empacotador e passado por funções como auxiliar de moagem, encarregado e conferente. Ele destaca a importância de aproveitar as oportunidades, especialmente devido à sua baixa escolaridade, e menciona que sua experiência prática foi essencial para seu crescimento profissional.</p> <p>Ele relata as mudanças significativas no processo produtivo ao longo dos anos, como a introdução de máquinas que realizam o trabalho manual anteriormente feito por várias pessoas. Menciona os desafios iniciais para se adaptar às novas tecnologias, mas reconhece os benefícios, como a redução do esforço físico.</p> <p>A sua fala evidencia a valorização dos saberes acumulados pela prática diária, especialmente na resolução de problemas operacionais. O entrevistado é frequentemente consultado por colegas e superiores devido à sua experiência e habilidade em lidar com situações complexas. Ele enfatiza o respeito mútuo entre colegas e superiores, destacando a boa relação com o diretor da empresa.</p> <p>O entrevistado também menciona conflitos ocasionais entre trabalhadores mais novos e experientes, especialmente em relação ao comprometimento com o trabalho. A alta rotatividade de funcionários é apontada como um problema, especialmente entre os mais jovens, que muitas vezes não demonstram compromisso com as atividades. Ele relata dificuldades relacionadas ao retrabalho em processos manuais durante períodos críticos, como enchentes.</p>
11	<p>O entrevistado iniciou sua vida laboral no setor de curtumes, onde trabalhou por mais de 20 anos, antes de ingressar no moinho.</p> <p>Relata a adaptação ao trabalho no moinho, partindo do desconhecimento inicial sobre o processamento de farinha até se tornar um operador experiente. Enfatiza que adquiriu seus conhecimentos "na prática", sem</p>

Entrevistado(a)	Fala geral
	<p> cursos formais, aprendendo diretamente no dia a dia. A interação com colegas é destacada como fundamental para o aprendizado e transmissão de conhecimento.</p> <p> Ele descreve a transição para sistemas mais modernos e o suporte recebido durante esse processo. Detalha seu papel na preparação do trigo para moagem, incluindo etapas como condicionamento, medição, cálculo de volumes e controle da qualidade. Menciona o uso de cadernos e anotações manuais para registrar informações importantes sobre o trabalho. Explica os procedimentos específicos relacionados à manipulação do trigo (ex.: tempo de descanso do trigo condicionado). O entrevistado descreve como ensina os recém-chegados, mostrando máquinas e explicando processos no dia a dia. Não há manuais ou intervenções formais do RH, o aprendizado ocorre majoritariamente por meio da observação prática. Apesar da ausência formal de suporte externo, ele menciona uma dinâmica colaborativa entre os colegas.</p>
12	<p> O entrevistado compartilha sua trajetória no setor agrícola e industrial, desde o trabalho inicial com soja até sua atuação em moinhos e na produção de pré-misturas. Ele teve experiências em empresas como Serval Alimentos, Santista, Bunge, e atualmente no Moinho Estrela. Longa permanência em empresas (15 anos no Moinho Estrela) e a valorização do aprendizado contínuo.</p> <p> Fala sobre o conhecimento técnico adquirido ao longo da carreira, como técnico agrícola e operador de máquinas, domínio de processos específicos, como misturas para pães e bolos, controle de qualidade e operação de maquinários modernos. Passou por adaptação às mudanças tecnológicas e automação nos processos produtivos.</p> <p> Valoriza a cultura organizacional e dos colegas de trabalho e reflete sobre o impacto do trabalho na vida pessoal e familiar. Diz que superou as adversidades, como desastres naturais que impactaram a produção e que enfrentou situações críticas com resiliência e motivação para reerguer a empresa. Ele reforça a importância do comprometimento, gostar do que faz e seguir normas para manter a estabilidade profissional. Também faz reflexões sobre a integração entre conhecimento técnico manual e automação, aposentadoria futura e legado profissional.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Desta forma, a Tabela 7 reflete uma síntese das falas dos(as) entrevistados(as), destacando os principais temas abordados nas suas narrativas. Sinteticamente, estas revelam um percurso histórico e cultural, transitando entre os processos tecnológicos e as práticas tradicionais, considerando o setor de moagem de trigo. Os testemunhos relatam as experiências, as dificuldades de inserção no mercado, os treinamentos das equipes, os avanços profissionais e a adaptação às constantes mudanças.

As narrativas demonstram que a automação dos processos fabris impactou diretamente as dinâmicas produtivas, exigindo o aprimoramento dos conhecimentos

técnicos laborais. Neste sentido, a transmissão dos saberes se dá, principalmente, de maneira informal, por meio das interações entre os colegas de trabalho e o aprendizado prático cotidiano, não reduzindo a importância da busca pela formação acadêmica para uma melhor capacitação com o objetivo de atender às demandas do setor.

Sobretudo, os relatos revelam vínculos identitários com a empresa e com a comunidade local, traduzindo o pertencimento, reconhecimento e relevância socioeconômica da empresa no contexto no qual está inserida, articulando a memória e o patrimônio imaterial envolvidos.

Na sequência, também criaram-se quatro grandes categorias: Mobilização de Conhecimento, Aquisição de Conhecimento Pessoal, Troca de Conhecimento com Concorrentes e Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas. O objetivo com esta construção foi fragmentar as falas que remetem aos saberes do trabalho e do trabalhador, buscando classificar dentro da esfera “saber-fazer” cada um dos trechos trazidos pelos(as) entrevistados(as).

Salienta-se a aplicabilidade do conjunto de técnicas apontadas por Bardin (1977) para definir as categorias, bem como os processos de separação e tratamento. Os quadros abaixo mostram essa organização e as citações relacionadas a cada categoria estudada, bem como a síntese e palavras de maior destaque, analisando as narrativas de cada trabalhador(a). Inicia-se pela apresentação da categoria “Mobilização de Conhecimento”:

Quadro 5 – Categoria “Mobilização de Conhecimento”

Entrevista do(a)	Citações	Mobilização de Conhecimento (Resumo)	Destaque	Palavra-Chave / Categoria
1	<p>"No início foi muito estranho, eu tive que botar mão, arrumar, arrumar a máquina, fazer coisas que eu nunca tinha feito na minha vida, mas a gente aprende, né? Então foi bem, mas foi, foi um processo bem interessante porque eu comecei do zero, praticamente."</p> <p>"Então eu não cheguei, não cheguei com ninguém. Eu tinha uma pessoa que ficou comigo até 2 anos atrás que ele faleceu, né? Ele conhecia bastante de moagem, né?"</p> <p>"Eu fui aprendendo com ele no dia a dia, né? Eu tenho facilidade de aprender."</p> <p>"Em 97. Eu fiz uma viagem para a Suíça para conhecer um pouco mais do que que existia, então a principal empresa fornecedora de equipamentos para Moinho, hoje, é uma empresa Suíça. Então passei um mês e meio lá na Suíça com eles, aprendendo um pouco do que que era o modelo de moagem."</p> <p>"Visitei bastante concorrentes, havia essa possibilidade. A própria empresa, essa que vendia equipamentos, permitia que tu visitasse outras empresas."</p> <p>"A evolução que se deu de lá para cá foi absurda, no sentido de que a gente teve que qualificar a compra de trigo, né? Então, hoje, por exemplo, a compra de trigo é uma coisa tão essencial por questões de valor quanto por questões de qualidade, que está na minha mão. Eu eu não largo isso na mão de ninguém hoje em dia, né? Eu vou ter que largar, em algum momento eu vou ter que largar porque eu estou ficando com uma certa idade, mas assim é é essencial."</p>	<p>Ele destaca seu processo de aprendizado com o colega que entendia de moagem, suas viagens para feiras internacionais, e o contato com fornecedores e concorrentes.</p>	Aprendizado internacional	Aprendizagem
2	<p>"Então, é legal chegar uma pessoa, um adolescente com nenhuma experiência dentro de um setor e tu, tipo, proporcionar esse conhecimento, trocar ideias, né? Dar um direcionamento."</p> <p>"como vem com o conhecimento de outra empresa, que era uma multinacional, a gente tem um pouco mais de know-how de alguns equipamentos para melhorar a rotina"</p> <p>"tentar entender e tentar colocar a pessoa no lugar certo ali, por exemplo, na rotina certa"</p> <p>"Antes a gente também trouxe um grupo de crianças para fazer massinha e se instiga também a essa questão em casa, né? Daí a gente fez massinhas, eu trouxe uns corantinhos, daí fazia as massinhas coloridas, eu botava pra assar, depois cada um levava o seu."</p> <p>"A questão também que eu vejo que motiva bastante o pessoal do laboratório, não só a questão de trabalho, mas também da empresa em ajudar em faculdade, dar um percentual de ajuda. Isso para eles é muito bom, porque depois de um ano a empresa ajuda no custeio."</p>	<p>A entrevistada menciona que trouxe conhecimentos de sua experiência anterior em uma multinacional para melhorar a rotina do laboratório. Ela também fala sobre a importância de entender e colocar as pessoas na rotina certa, aproveitando suas habilidades e conhecimentos.</p>	Aproveitamento de competências	Autodidata

3	<p>"Eu comecei a olhar para o processo de uma maneira diferente, buscando entender porque que eu tava batendo pá, né? Tentando é me apropriar das informações para que o produto não caísse no chão, para que eu não precisasse bater pá, e conseguisse ajudar de alguma maneira, de modo mais técnico no processo."</p> <p>"Eu tive contato aqui com a automação, quando eu entrei em 2015, eu entrei como Coordenador de Moagem, mas atendendo as 2 unidades, então tanto matriz como filial, e aí com esse objetivo de melhoria, com esse objetivo de proposta de compra de equipamentos."</p> <p>"É a oportunidade de desenvolvimento, a oportunidade de trazer uma coisa nova, trazer algo que vai melhorar o resultado, trazer algo que vai fazer com que a equipe trabalhe por um caminho que é um caminho melhor, é muito grande, é muito grande. E fora que a relação com, eu costumo dizer que, o Moinho familiar."</p> <p>"Eu consegui acessar no meu telefone o Moinho, né? É uma ferramenta que em casa eu consigo tirar falha, eu consigo ligar o Moinho." "Eu consigo tirar relatório, eu consigo saber o que que tá produzindo, aonde tá produzindo, se existe algum gap de produção, eu consigo, da onde for."</p> <p>"A gente tem hoje um sistema de entrega que é um RP, né? Que eu pego todos os dados de balança pra poder fazer a entrega de produção nesse RP, é no computador, então ele tem que saber fazer isso."</p> <p>"Ele pode simplesmente abrir o computador, tirar o relatório, pegar o relatório, copiar o dado do relatório, colar lá e entregar, copiar o dado lá e colar. Mas não, ele tira o relatório, olha, pega o caderno dele, anota no caderno direitinho, ali, pá, pá, e tem todas as entregas de produção anotadas no caderno dele."</p>	<p>O entrevistado menciona como ele aplicou seu conhecimento técnico em matemática e química de alimentos para resolver problemas práticos no Moinho. Ele também fala sobre a implementação de novas tecnologias e processos de automação para melhorar a eficiência do trabalho.</p>	Inovação tecnológica	Inovação
4	<p>"Em maio do próximo ano, eu faço 25 anos de Moinho."</p> <p>"Eu me lembro assim até hoje. Assim é quando as portas assim da área produtiva se abriram e eu vi aquele monte de tubulação, um monte de tubulação e eu fiquei totalmente assim. É instigada saber o porquê de tudo aquilo."</p> <p>"Então eu tenho para mim que não há trigo ruim, há trigos é que você precisa direcionar para o segmento correto. Então tem trigos que são muito bons para fazer o pão francês, por exemplo. Só que para fazer o wafer ele não atende. Então, por mais que esse trigo pão, ele seja, é bem comercializado no mercado, ou seja, é um valor de trigo, né, que você tem que pagar, né, um valor acima."</p> <p>"Então essas análises, né? Que você precisa ter para fazer a leitura de qual percentual que você pode mexer, trabalhar com cada trigo para formar a mescla e aí sim entrar para dentro do moinho para para se ter a farinha desejada, já começa daí."</p> <p>"A qualidade ela tem que estar presente. Ela deve estar presente em várias etapas do processo produtivo. A gente inicia já desde o recebimento da matéria prima, ou seja, do trigo. Então a gente recebe carga amostra, a gente faz várias análises, faz uma preparação do trigo, mói ele no moinho experimental, pequenininho, e aí a gente faz todas essas análises."</p> <p>"Os equipamentos ainda não analisam 100% da característica. E aí a gente faz a interdição."</p>	<p>A entrevistada fala sobre a importância de entender as características do trigo e como isso impacta a produção de farinha, destacando a necessidade de segregar os trigos e moê-los no segmento correto</p>	Gestão da matéria-prima	Técnica

5	<p>"Senti bastante dificuldade, principalmente na questão de segurança mesmo do alimento, ainda é um ponto que eu preciso estar estudando frequentemente, porque a legislação muda, muitas informações chegando de novidades."</p> <p>"Porque como eu não sou do processo, não sou de dentro do processo, teriam os procedimentos operacionais padrões, que é os POPS, que aí sim, seria uma pessoa que iria treinar, outra, por aquele procedimento pra ser seguido."</p> <p>Mas como é pra mim ter o conhecimento geral, aí é mais umas pinceladas mesmo do processo."</p> <p>"No início, não tinha tanto contato com o pessoal interno em relação a processos, né? Então aí foi solicitação minha de entender melhor os processos pra que eu conseguisse fazer tratamento de não conformidade de forma mais assertiva, que realmente funcionassem, né?"</p> <p>"Então a gente tem todo um diálogo mais tranquilo ali, mais na questão de ensinar mesmo, né, o porquê que aquilo é importante, porque que a função dele é importante, né, pra segurança do alimento, mais do que ditar a regra pra eles."</p> <p>"Teve uma época que a gente teve várias reincidências de problemas e aí que a gente tinha que estar fazendo reuniões frequentes, que foi a forma que a gente achou de mais efetivo, né? Pra solucionar os problemas."</p> <p>"É explicando de uma forma bem mais simples, né? Do que a gente trata dentro da qualidade entre nós. O porquê que a gente faz cada atividade, cada ação, o porquê que é importante tu reportar que teve algum problema, que é justamente para essas melhorias."</p>	<p>A entrevistada menciona que, para entender melhor os processos e tratar as não conformidades de forma mais assertiva, ela solicitou conhecer os processos junto com os responsáveis. Ela também fala sobre a importância de educar os colaboradores sobre a segurança do alimento e a necessidade de processos bem estruturados. Ela destaca a necessidade de reuniões frequentes para solucionar problemas e melhorar processos. Ela menciona a importância de explicar de forma simples e clara a importância das atividades de qualidade para os colaboradores.</p>	Educação contínua	Qualificação
6	<p>"Então, farinha não é, para quem não conhece, farinha não é aquilo ali que tu vê no supermercado, aquele pacotinho ali, né? Tem N divisões que tu pode fazer a partir de uma moagem de trigo. Por exemplo, a melhor farinha para uma indústria aqui de Canoas, por exemplo, pode ser a farinha de menos qualidade que os Moinhos produzem, mas para aquele produto específico dela é a excelência. É a excelência, mas que para um padeiro não serve. Para o cara que vai fazer uma pizza não serve, mas para aquele produto dele. É o que tem de melhor. Então, essas variações. O mercado começou a aprender nos últimos anos em função do que os Moinhos puderam oferecer de tecnologia, né?"</p> <p>"Então se abriu muito o leque do que é um grão de trigo, do que é uma moagem, do que que é farinha de trigo. Então, o entendimento desse mercado, ele mudou muito de 91 para cá. Quando se abriu as produções, começou a desenvolver novos produtos dentro das plantas de moagem, né?"</p> <p>"Sim, tu sabe que, quem é de Moinho conhece, conhece o que o equipamento tem, conhece o grão de trigo e sabe que dali tu pode fazer. Vários produtos diferentes, isso já, isso a gente já sabe, como diz. Bom, aliado a isso"</p>	<p>O entrevistado menciona como a empresa se adaptou às mudanças no mercado de farinha de trigo, investindo em qualificação profissional e inovação tecnológica. Ele destaca a importância de estar atento ao mercado e às inovações para se manter competitivo</p>	Adaptação	Benchmarking

7	<p>"Eu no computador, ou no celular, né? Tem, inclusive tem até hoje o celular. Nós temos N farinhas, né? Então cada farinha lá tem umas 30 válvulas. Então, cada farinha é uma composição, né? Eu tenho no celular guardado, né? Porque de cabeça eu não sei, nem nem os outros, sabe, né?"</p> <p>"Ah, sim, aprendendo junto com a automatização chegou e nós tivemos que se adaptar ao sistema e, mas não foi nada muito difícil, não. Eu até achei que seria muito mais difícil, né?"</p> <p>"Hoje é tudo de engrenagem, hoje tem correia dentada, entendeu? Era um barulhão do cão, chegada a dar 80 decibéis, porque era tudo caixa de engrenagem, grenagem com engrenagem. Hoje são tudo correias duplo V. Eliminou o barulho assim Fora de Série."</p> <p>"Tudo depois é colocado no sistema e ele te diz o que que tem que fazer. E outra coisa, nós estamos no computador, na sala, tem tudo, qualquer coisinha de normal. Ele nos avisa, toca uma sirene, aí nos avisa, ó, está faltando água lá, ó, isso aqui, aí o operador vai lá, vê o que que está acontecendo. Até nisso melhorou bastante. Antigamente não, era tudo manual."</p>	O entrevistado menciona como ele e seus colegas precisam constantemente adaptar e aplicar seus conhecimentos no trabalho, especialmente com a introdução de novas tecnologias e processos automatizados. Ele também fala sobre a importância de liderar e gerenciar a equipe, garantindo que todos estejam alinhados com os procedimentos e normas de segurança.	Adaptação	Qualificação
8	<p>"A gente aprende, ainda até hoje, a gente vai aprendendo no dia a dia um com outro, né?"</p> <p>"E sempre quando a gente tiver com dificuldade, a gente sempre pede ajuda, né? É, uns ajuda o outro ali sempre, a gente é uma equipe, né?"</p>	O entrevistado menciona como ele e seus colegas colaboram e se ajudam mutuamente no dia a dia, compartilhando experiências e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.	Compartilhamento de conhecimento	Networking
9	<p>"Hoje o trabalho é muito mais minucioso, digamos assim, não braçal do que era antigamente. Antigamente era muito mais braçal, os equipamentos eram mais braçais."</p> <p>"Uma informação distorcida às vezes pode ocasionar numa perda. Um atraso de carregamento por causa disso... quanto mais explicado e mais bem direcionado, evitar erros."</p> <p>"Eu tento sempre ser o mais simples possível e mais específico possível para eles, porque às vezes a pessoa fica com aquela pequena dúvida assim, ah, o cara falou assim, faz isso, isso e isso. Ah, eu entendi isso e isso, mas isso daqui eu não entendi. Então eu sempre tento explicar."</p> <p>"Tipo o cara que já sabe do que está fazendo. E um paralelo, tem as máquinas mais modernas, que aí eles precisam da gente que conhece um pouco mais assim, digamos, uma máquina um pouco mais moderna de mexer aí. Eles precisam muito mais da gente para poder ajudar eles ali."</p>	O entrevistado menciona como a experiência dos trabalhadores mais antigos é útil para a resolução de problemas e como a combinação de experiência e novas tecnologias é benéfica para a empresa. Ele também fala sobre a importância de transmitir conhecimento de forma clara e simples para os novos funcionários, evitando erros e garantindo a continuidade dos processos produtivos.	Transferência de conhecimento	Aprendizagem
10	<p>"Demorou um pouco, porque lá a gente era encarregado, era conferente, carregava caminhão. Até tirar esse vício do cara aqui foi difícil, porque a gente não conseguia ver o serviço e não ir lá fazer. E a ordem é não, para te cuidar e mandar"</p> <p>"Hoje nós temos uma máquina que faz serviço de no mínimo umas 8, 9 pessoas... E lá nós fazia a metade daquilo lá manual"</p> <p>"É, eu ensinei muita gente aí. Ensinei conferente, ajudante, tudo passava pela minha mão, né? Então era quem instruía eles era eu né. Tem gente aí que eu ensinei que foi embora, que já foi embora e às vezes me liga: bha, tu ainda tá aí, cara?"</p>	O entrevistado destaca que sua experiência prática em diferentes setores da empresa (empacotador, auxiliar de moagem, encarregado, conferente) foi essencial para resolver problemas operacionais e atender às demandas do trabalho. Ele menciona que, mesmo com a introdução de novas tecnologias, o conhecimento prático continua sendo indispensável, especialmente em situações de retrabalho manual, como durante as enchentes. A habilidade de priorizar tarefas e garantir a eficiência no cumprimento das ordens também reflete essa mobilização.	Experiência prática	Aprendizagem

11	"Eu me surpreendi, eu digo pra eu que não tive contato com informático, esse negócio, né? Pelo menos o básico pra mim virar, eu sei fazer, né"	Solução de problemas técnicos no dia a dia. Adaptação às ferramentas e tecnologias disponíveis. Tomada de decisões práticas para garantir a eficiência dos processos.	Solução prática	Técnica
12	"Eu já tinha esse conhecimento na Bunge, que era o meu trabalho, então eu já tinha esse conhecimento, entrei em contato com eles e vim aqui..." "Ao passar do tempo as máquinas foram se automatizando, foram cada vez mais se modernizando, mas sempre com o auxílio de máquinas..." "como eu que tenho muita experiência, a gente percebe às vezes o operador errar, o operador mesmo, né? Até mesmo o peso"	O entrevistado utiliza sua experiência acumulada para operar máquinas, liderar equipes e garantir a qualidade dos produtos. A mobilização do conhecimento também inclui a adaptação às mudanças tecnológicas e a automação dos processos.	Aplicação prática de conhecimento	Técnica

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir das narrativas reunidas na categoria “Mobilização de Conhecimento”, evidencia-se que os colaboradores do Moinho Estrela adquiriram e compartilharam seus saberes do trabalho num contexto socioindustrial definido pelas transformações tecnológicas, além das complexidades exigidas pelo mercado e pela própria organização. Os testemunhos reforçam que a estrutura do aprendizado, bem como as experiências práticas foram submetidas a processos formais de qualificação, considerando múltiplas estratégias para mobilizar o conhecimento, por meio de treinamentos, viagens e aprendizagem coletiva.

Além disso, a adaptação às novas tecnologias e à automação produtiva impulsionou a constante necessidade da absorção contínua do conhecimento, demandando profissionais tanto com habilidades técnicas, quanto de gestão de processos e pessoas para que as experiências pudessem ser transmitidas com maior segurança e eficácia, uma vez que o compartilhamento de saberes entre pares, ou mesmo num coletivo maior, emerge como fatores efetivos para o aprimoramento operacional, bem como para a transmissão da memória do trabalho.

Contudo, a mobilização do conhecimento não se restringe à capacitação técnica. Ela envolve estratégias direcionadas para o engajamento e conscientização de equipes, permeadas por desafios ao longo do tempo, como resistência às mudanças e à integração de gerações com níveis distintos de familiaridade tecnológica. Logo, as narrativas desta categoria apontam para um modelo de aprendizagem híbrido, no qual os saberes práticos e o conhecimento formal se interligam, resultando num elemento estruturante da identidade fabril coletiva. Na

sequência, apresenta-se a categoria “Aquisição de Conhecimento Pessoal”.

Quadro 6 – Categoria “Aquisição de Conhecimento Pessoal”

Entrevista do(a)	Citações	Aquisição de Conhecimento Pessoal (Resumo)	Destaque	Palavra-Chave / Categoria
1	<p>"O meu processo de conhecimento, ele se dá de maneira clássica... leio bastante, me informo bastante."</p> <p>"Tenho a humildade de quando estou em dúvida, eu pergunto."</p> <p>"Quem indica é uma pergunta óbvia, né? Quem é que já tem? Quem não tem?"</p>	O entrevistado compartilha como adquire conhecimento sobre novos processos e equipamentos, destacando a importância de pesquisa contínua, troca de informações com colegas e fornecedores, e a humildade de aprender com a experiência dos outros.	Aprendizagem contínua	Aprendizagem
2	<p>"o ano que vem eu quero voltar a estudar. Já é o meu projeto."</p> <p>"Área de gestão."</p> <p>"quando eu entrei, eu também, como eu não tinha nenhum conhecimento sobre, eu fiquei uma semana em São Paulo fazendo um treinamento. Isso também me ajudou também a trazer e a trocar ideias lá pra ver o que a gente pode melhorar, enfim, dentro do laboratório, ver o contexto do laboratório pronto, assim, algumas coisas"</p> <p>"Acho que é uma fundação que trabalha só com essa parte de insumos, de panificação, de embala, de farinha. Lá tem um laboratório, onde tem todos os equipamentos que eu tenho aqui, então foi um período bem prático assim."</p> <p>Então, me ajudou bastante."</p> <p>"Eu até, assim, quando entrei fiquei meio um pouco assustada porque eu não conhecia ainda nada. Talvez eu tivesse ficado um pouquinho mais aqui e depois fosse fazer."</p> <p>Mas, enfim, deu um bom resultado."</p> <p>"Tem plataformas aqui também que o RH te disponibiliza pra te ver, pra te aprender sobre gestão, um pouco de pessoas, né."</p> <p>"recebi bastante curso também na minha outra empresa"</p> <p>"a gente tem muito essa troca de experiência, a gente fazer isso, dar isso."</p>	A entrevistada relata que, ao entrar na empresa, fez um treinamento em São Paulo para adquirir conhecimentos específicos sobre os equipamentos e processos do moinho. Ela também menciona que pretende voltar a estudar para continuar se desenvolvendo profissionalmente.	Desenvolvimento profissional	Qualificação

3	<p>"Eu sou formado em Licenciatura em Matemática. Em Matemática, e eu tenho Processos Gerenciais. Eu iniciei uma Pós em Engenharia de Produção e agora tô com um projeto de iniciar uma Pós para Gestão de Pessoas, mas eu sou Técnico em Química de Alimentos também. Tenho uma vertente na área de Programação."</p> <p>"Eu vim de uma família humilde, né? E meu pai não pude pagar meu ensino médio na época. E aí eu disse para ele: bha, pai eu preciso buscar um estudo porque no Rio de Janeiro o ensino médio público. É ruim demais. Eu não tinha aula, não tinha professor, os alunos iam para aula para trocar ideia, bater papo, eu nunca fui. É de perder tempo, né? De perder muito tempo. Eu conheci uma menina nessa escola do ensino médio, que eu acabei indo para o ensino médio público, e lá a gente começou a estudar para uma escola federal, que o nível de estudo é muito maior, e na escola federal, que era Escola Técnica de Química, eu escolhi Química de Alimentos, a gente iniciou. A Química de Alimentos juntos e finalizamos junto."</p> <p>"Eu sempre fui muito fã de matemática, tanto que quando a gente estudava, eu dizia para ela assim, Aline, é, eu comprei um livro de matemática com mais de 2000 questões, eu vou fazer todas e tudo que eu tiver de novidade eu te passo e o que tu tiver de português, que ela era muito boa em português tu me passa. E foi assim, e cara, nós passamos junto, né? E a matemática vem disso, vem do. É do gostar da matemática,</p>	<p>O entrevistado compartilha sua trajetória educacional, incluindo sua formação em Licenciatura em Matemática, Processos Gerenciais e Técnico em Química de Alimentos.</p> <p>Ele destaca a importância de sua formação acadêmica e como ela influenciou sua carreira.</p>	Formação acadêmica	Autodidata
	<p>gostar de fazer cálculos, gostar de análises, de fazer análises, né? Mas quando eu finalizei a Escola Técnica Federal de Química, aí surgiu uma oportunidade de eu entrar em Moinho."</p> <p>"Eu fui para a Suíça fazer um curso. Aí fiz o curso que eles chamam de um Curso de Moagem Avançada. Na época desse curso, fluente em espanhol, só tinha espanhol ou inglês. Meu inglês ainda não estava tão fluente. Eu não ia conseguir me comunicar e nem absorver a as informações. Mas o espanhol era mais tranquilo, hoje já tem esse curso em português. Tanto que em 2014, quando eles migraram, pro Moinho Fluminense novo, toda a equipe do Fluminense novo foi fazer esse curso em português."</p>			
4	<p>"Eu fui a primeira mulher a ir, não tinha tido nenhuma mulher ainda, que foi em 2003."</p> <p>"eu ia nos meus dias de folga, eu ia para o Moinho para eu poder aprender, porque eu gostava muito. Naquela época, não tinha muito essa questão de hora extra, esse controle tudo, né, essa tanta rigidez. Então eu acabava indo, tinha treinamentos, eu participava, então acho que eles também viram, né?"</p> <p>"Eu trabalhei 2 anos na área industrial. Aí eu saí da área da qualidade, fui assim para a área industrial. Mas eu vi assim que não era não é o meu perfil. Eu avalio assim que tem que ter um conhecimento na parte de manutenção, que agrega, agrega muito pra área da moagem, né? Para ocorrer os processos, tudo né, certo?"</p> <p>"Eu até tive oportunidade, né, de fazer o curso de moleiro."</p>	<p>A entrevistada compartilha sua trajetória profissional, mencionando que começou a trabalhar em Moinhos de trigo em Santos e que fez um curso de moleiro, sendo a primeira mulher a participar desse curso na empresa onde trabalhava. Ela também fala sobre a importância de aprender e se adaptar às novas tecnologias e processos ao longo de sua carreira.</p>	Quebra de barreiras	Autodidata

5	<p>"Então aí foi solicitação minha de entender melhor os processos pra que eu conseguisse fazer tratamento de não conformidade de forma mais assertiva, que realmente funcionassem, né? Então, conheci os processos junto com os responsáveis principalmente porque moagem não é algo simples, não é algo tão fácil de se ter conhecimento já."</p> <p>"Eu fiz a graduação e aí depois, em função da pandemia, eu pensei no que eu poderia me inserir. Como bióloga, acabei não conseguindo me inserir em nenhum dos campos que eu tinha já mais afinidade. E aí eu pensei na parte de segurança do alimento, né? Por mais que a biologia tivesse, né, bem diferente, fosse num ramo bem diferente, a gente tem a parte de microbiologia, tem toda a parte de análise e criticidade que a gente trata a parte de alimentos e segurança do alimento bem, bem forte. Então, aí eu segui pra, pra essa parte da gestão e segurança."</p> <p>"Por mais que a biologia tivesse, né, bem diferente, fosse num ramo bem diferente, a gente tem a parte de microbiologia, tem toda a parte de análise e criticidade que a gente trata a parte de alimentos e segurança do alimento bem, bem forte."</p> <p>"A minha vontade e o meu sonho, pra daqui um tempinho, é entrar na parte de microbiologia de alimentos." "É algo que eu ainda quero fazer, ainda quero estudar."</p>	A entrevistada compartilha que enfrentou dificuldades para se inserir no mercado de trabalho como bióloga, o que a levou a buscar uma especialização em segurança do alimento. Ela destaca a importância da microbiologia e da análise crítica na sua área de atuação. Além disso, menciona que busca informações em plataformas de alimentos, legislações da Anvisa e do Ministério da Agricultura, e cursos externos.	Atualização profissional	Qualificação
6	<p>"Comecei com os meus 14 anos trabalhando na filial do grupo Estrela lá e tô até hoje, 45 anos aí no grupo."</p> <p>"Eu com meus 45 anos, então eu tenho muita história nesse grupo aqui, no grupo Estrela, né? E obviamente, passei pelos principais cenários de farinha de trigo no país e principalmente aqui no estado do Rio Grande do Sul, né?"</p> <p>"Com 18 eu vim aqui para Porto Alegre, na unidade do Moinho Estrela de Porto Alegre. E aí eu comecei no envolvimento com a parte de moinho primeiro, passando por parte de contábeis, faturamento, até ingressar na área comercial."</p> <p>"Eu cheguei aqui em Porto Alegre com 18 anos. Passei, passei pela contabilidade, depois o auxílio ao financeiro, depois ao faturamento, depois à TI. Até eu chegar na parte da farinha de trigo nela, eu sentei na mesa e estou nela aqui até hoje e não teve nenhum processo evolutivo a não ser o aprendizado do dia a dia."</p> <p>"Que define porque que para você a farinha serve, para ti não serve, né? Essas características de que dizem, né? Então isso, isso sim, esse foi o aperfeiçoamento mais em cima do processo de conhecer farinha de trigo e trigo também, né?"</p> <p>Mas tudo aqui internamente, tá? Nada de buscar cursos fora, não precisa, porque a gente tem aqui dentro ferramenta suficiente para esse aprendizado."</p> <p>"Até eu chegar na parte da farinha de trigo nela, eu sentei na mesa e estou nela aqui até hoje e não teve nenhum processo</p>	O entrevistado compartilha sua trajetória pessoal dentro do Moinho Estrela, desde o início em Lajeado até se tornar Diretor Comercial. Ele menciona como aprendeu sobre o negócio de farinha de trigo e a importância de conhecer o produto para poder vendê-lo de forma eficaz.	Conhecimento do produto	Autodidata
	<p>evolutivo a não ser o aprendizado do dia a dia."</p> <p>"Obviamente que eu preciso conhecer o meu produto. E isso me levou a aprender mais sobre ele, não simplesmente comercializar. Eu preciso falar de uma coisa de farinha de trigo que no passado ninguém nem sabia que existia, que são alguns termos técnicos aí e eu como vendedor de farinha, eu preciso conhecer."</p>			

7	<p>"Eu fui, eu era, eu era filho único, né? Até os 18 anos era filho único e é, eu estudava, os meus pais, pobre, né? Eu tinha que ajudar em casa, né? Aí carregava tijolo, carregava pedra, aquelas coisas assim, né, para ajudar, né?"</p> <p>"Eu eu não tenho muito estudo, tenho pouco estudo né, não tenho muito estudo e outra coisa, o meu aprendizado sempre foi meio difícil né? Desde colégio né, eu aprendo, mas a longo prazo, entendeu?"</p> <p>"E até que tirei de letra até, até inclusive o meu, o meu superior pegou e disse pra mim: bah Alex, tu que eu achei que ia ter mais dificuldade para aprender o Mercury que é o sistema né, aí tem um rapaz X aí que tem até a faculdade e tu está, bom menos mal né, que bom né, mas bom, mas é no caderninho na mão ali direto né, o amansa burro como eles diz né?"</p> <p>"E um caderninho na mão e direto, eu digo: não, cara, não te preocupa, deixa para mim, mas também depois de fazer 10, 15 vezes aí, né?"</p> <p>"Tem, inclusive tem até hoje o celular. Nós temos N farinhas, né? Então cada farinha lá tem umas 30 válvulas. Então, cada farinha é uma composição, né? Eu tenho no celular guardado, né? Porque de cabeça eu não sei, nem nem os outros, sabe, né?"</p> <p>"Entendeu? Tem que ser tudo, ou tá numa planilha. E assim foi indo."</p>	<p>O entrevistado compartilha sua trajetória de aprendizado, desde o início de sua carreira aos 14 anos até se tornar um Moleiro Pleno. Ele destaca como aprendeu a operar novos sistemas e tecnologias, mesmo com pouca escolaridade, e como o apoio de supervisores e colegas foi crucial nesse processo.</p>	Crescimento profissional	Qualificação
8	<p>"O dia a dia, a gente vai pegando a experiência, vai pegando a experiência, né? Uns com os outros."</p> <p>"E sempre quando a gente tiver com dificuldade, a gente sempre pede ajuda, né? É, uns ajuda o outro ali sempre, a gente é uma equipe, né?"</p> <p>"Algumas a gente tem um pouco de dificuldade, né, porque é um conhecimento, né, a gente tem que adquirir o conhecimento ali, né?"</p>	<p>O entrevistado fala sobre como ele aprendeu muitas coisas ao longo dos anos, principalmente através da experiência prática e do aprendizado com colegas mais experientes. Ele também menciona que, apesar das dificuldades iniciais, ele foi adquirindo conhecimento sobre o funcionamento das máquinas e a tecnologia envolvida no processo de envase.</p>	Aprendiza do prático	Aprendizagem
9	<p>"Nesse meio tempo que eu me qualifiquei, digamos assim, para poder optar por um cargo de gestão. Aí eu fiz o curso de Técnico em Administração e ainda fiz o de Processos Gerenciais para poder... uma oportunidade apareceu."</p> <p>"Cursos fora mesmo, foi esse do La Salle, né, Processos Gerenciais. E na QI eu fiz Técnico em Administração."</p> <p>"São cursos mais voltados ali dentro de processos... 4 a 8 horas assim são, são pequenos treinamentos assim, tipo aperfeiçoamentos também."</p>	<p>O entrevistado destaca a importância da formação e dos cursos de capacitação para se adaptar às novas demandas do mercado. Ele menciona seus próprios cursos em Processos Gerenciais e Técnico em Administração, além de treinamentos específicos oferecidos pela empresa. Ele também fala sobre como a qualificação foi essencial para sua transição de um cargo operacional para um cargo de gestão.</p>	Qualificação profissional	Qualificação

10	<p>"Foi uma barra até eu me acostumar, mas com o tempo o cara vai pegando"</p> <p>"Trabalhar o cara tem que trabalhar igual, né? Só que daí pra mim me favoreceu mais, porque daí eu trabalho menos do que eu trabalhava antes"</p> <p>"Sim, tem, cada coisa nova, eles colocam um instrutor pra explicar como é que funciona, como é que. Antes da gente trabalhar no seguinte, um sistema diferente, foi bem difícil pra gente aprender às vezes em implantar esse sistema de WMS."</p> <p>"Foi assim na prática, ali faz assim."</p> <p>"Diminuir o esforço físico. E a idade do cara também já não dá mais. Essa gurizada aí às vezes tem uns que perde pro cara ainda"</p>	<p>O entrevistado relata que aprendeu "com o tempo", especialmente ao se adaptar às transformações tecnológicas, como a introdução de máquinas que substituíram processos manuais.</p> <p>Ele menciona que a convivência com desafios operacionais e a necessidade de resolver problemas contribuíram para seu crescimento profissional, mesmo com baixa escolaridade formal.</p> <p>A transição de funções manuais para posições de supervisão também exigiu um esforço pessoal para mudar hábitos e adquirir novas competências.</p>	Aprendiza do adaptativo	Aprendiza gem
11	<p>"Eu comecei e não conhecia nada de farinha, né? Eu sempre trabalhei em Novo Hamburgo, sempre trabalhei com coturno, sempre trabalhei com couro. Eu, pra mim, farinha eu conhecia no pacote. Não tinha nem noção, assim, básica de como era."</p> <p>"Daí eu cheguei aqui e comecei do zero também. Aí fui aprendendo aqui, comecei na limpeza e ajudando aqui, ajudando ali, né?"</p> <p>"Daí me perguntaram se eu não queria aprender na preparação, que é o que eu faço hoje, né?"</p> <p>"É, até que peguei. A gente que eu, no caso, nunca tive nada, acesso a um computador assim, né? Sempre foi o meu trabalho, sempre foi manual, mas até que deu pra pegar"</p> <p>"Não, não, não... Eu aprendi na prática mesmo."</p> <p>"Porque tem muita coisinha que só no dia a dia que a gente pega mesmo."</p> <p>"Até o meu caderno que eu tinha, na verdade, desde que eu peguei aí, a enchente agora matou ele. Quando veio a enchente, tava no meu armário ali. Tava virado só em orelha o meu caderno."</p> <p>"Mas eu sempre ando com o bolso cheio de papel, alguma coisa, eu sempre tenho que estar anotando alguma coisa."</p>	<p>O entrevistado fala sobre o aprendizado empírico durante a execução das tarefas, desenvolvimento de habilidades específicas sem cursos formais e construção de saberes por meio da observação e repetição.</p>	Aprendiza do empírico	Aprendiza gem

12	<p>"a gente como eu estudava em colégio agrícola meu pai plantava e eu tinha uma bolsa de estudo que era uma escola técnica muito cara na época a escola técnica era Federal, era caro então eu tinha uma bolsa de estudo essa bolsa como o pai era produtor custeava parte do estudo."</p> <p>"Eu, por ser técnico agrícola, sou formado em técnico agrícola, estudei em colégio agrícola."</p> <p>"Quando eu cheguei aqui, na produção, passei basicamente pelo mesmo processo, só que aqui no caso eu comecei a trabalhar com misturadores com a parte do produto acabado."</p> <p>"Eu fiz cursos exteriores para me aprimorar na área, né?"</p> <p>"como eu ia trabalhar muito com computador, técnico informática, eu procurei me aperfeiçoar nisso, né?"</p> <p>"a gente ia aprender na área mesmo de trabalho ali, então a gente teve que buscar o aperfeiçoamento."</p> <p>"à princípio, como o curso de técnico era um curso que abrangia todas as áreas, né, agricultura, pecuária, parte da administração também, né, então a gente, depois a gente fez o curso, a gente fez estágio, né. E aí foi os cursos de aperfeiçoamento, então é computação, cursos de boas práticas, cursos de controle de proteção de produtos químicos."</p>	<p>O entrevistado refere-se ao aprendizado individual obtido por meio de formação técnica, experiência prática ou autodidatismo. Ele exemplifica essa subcategoria ao mencionar sua formação como técnico agrícola e o aprendizado adquirido diretamente no ambiente de trabalho, como operar maquinários e dominar processos produtivos. Essa aquisição é essencial para o desenvolvimento das competências necessárias ao desempenho eficiente no trabalho.</p>	Autodidata	Autodidata
----	--	---	------------	------------

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Quanto às narrativas presentes na categoria "Aquisição de Conhecimento Pessoal", estas articulam experiências formais e informais, relacionadas ao desenvolvimento tanto técnico quanto profissional, evidenciando que a aquisição de conhecimento ocorre por meio de formações acadêmicas, cursos de especialização, treinamentos internos, aprendizagem autodidata e práticas cotidianas.

Além disso, entre os relatos, destacam-se os esforços individuais para superar os desafios educacionais e socioeconômicos, assim como a busca contínua por qualificação. Como elemento central, emerge o aprendizado na prática, em especial quando não há formação técnica adequada para cumprir as exigências do setor de moagem, valorizando, assim, a iniciativa e persistência individual na busca deste aperfeiçoamento.

As entrevistas também corroboram quanto ao papel desempenhado pela empresa no estímulo à aprendizagem, proporcionando a oferta de treinamentos específicos ou o incentivo à educação formal. Desta maneira, a interação entre os saberes teóricos e práticos contribui para a construção de competências, para a condução da gestão de processos e para a adaptação de novas tecnologias.

Em suma, a aquisição de conhecimento pessoal não se restringe a uma dimensão instrumental, mas reforça um processo contínuo na construção da identidade e da memória industrial, consolidando a *expertise* necessária para a eficácia da produção fabril, onde a formação acadêmica e a experiência empírica se

inter-relacionam. A próxima categoria a ser apresentada é a “Troca de Conhecimento com Concorrentes”, conforme abaixo:

Quadro 7 – Categoria “Troca de Conhecimento com Concorrentes”

Entrevista do(a)	Citações	Troca de Conhecimento com Concorrentes (Resumo)	Destaque	Palavra-Chave / Categoria
1	<p>"A gente visita bastante. Visitei bastante concorrentes, havia essa possibilidade. A própria empresa, essa que vendia equipamentos, permitia que tu visitasse outras empresas, então a gente ali a gente vai aprendendo, né? Então, desde o início eu conheci bastante, porque eu me abri a conhecer, né, e comecei a participar de até entidades, né. Nós temos hoje, em termos de Brasil, tem a Abitrigo, né?"</p> <p>"Participando da Abitrigo, tu tem muita informação, né? Eu sou hoje conselheiro da Abitrigo."</p> <p>"E também a nível de Sindicato no Rio Grande do Sul, também, tem bastante troca e de informações. E naquela época a troca de informações era bastante mais frequente assim, né? Hoje até deu uma diminuída, porque as empresas cresceram bastante, né? Mas as empresas eram menores, então peguei um momento de mudança."</p> <p>"Mas assim, eu ainda troco muita informação, me ligam bastante ainda sobre, o que que tu acha disso? o que que tu acha daquilo? Mesmo no concorrente, há uma troca ainda. Essa troca ainda existe, né?"</p> <p>"Na época havia 2 grandes empresas de fora, né, que acabaram saindo, então ficou aqui hoje no Rio Grande do Sul, basicamente só empresas familiares."</p>	Destaca a importância da troca de informações e o aprendizado contínuo por meio da comunicação com outros profissionais do setor, como fornecedores e concorrentes.	Networking	Networking
	<p>"E tem umas 4, 5 empresas do nosso porte assim, que estão, que já estão bem consolidadas"</p> <p>"Eu não tenho vergonha de ligar pra alguém no Rio de Janeiro, São Paulo."</p> <p>"Eu acho que essa troca é muito importante."</p>			
2	<p>"Eu trago muito essa bagagem minha da outra empresa, desse conhecimento adquirido lá."</p> <p>"De outra empresa, que era uma multinacional, a gente tem um pouco mais de know-how de alguns equipamentos para melhorar a rotina, né? Então, eu trouxe algumas coisas novas para o laboratório que seria para auxiliar e ganhar ganho de tempo, porque hoje o laboratório tem que ganhar tempo, porque é muita coisa, né?"</p> <p>"A minha gerente é uma pessoa que tem vinte e poucos anos de moinho, então a gente conversa muito sobre, então essa troca de experiências é muito legal, então a gente tem bastante isso"</p>	A entrevistada não menciona diretamente a troca de conhecimento com concorrentes na entrevista. No entanto, ela fala sobre a troca de experiências com sua gerente, que tem muitos anos de experiência no Moinho.	Mentoria	Aprendizagem

3	<p>"Eu fui para a Suíça fazer um curso. Aí fiz o curso que eles chamam de um Curso de Moagem Avançada. Na época desse curso, fluente em espanhol, só tinha espanhol ou inglês. Meu inglês ainda não estava tão fluente. Eu não ia conseguir me comunicar e nem absorver as informações. Mas o espanhol era mais tranquilo, hoje já tem esse curso em português. Tanto que em 2014, quando eles migraram, pro Moinho Fluminense novo, toda a equipe do Fluminense novo foi fazer esse curso em português."</p> <p>"Eu fui no Moinho Galópolis, eu vim aqui nesse Moinho. Eu fui a Curitiba porque em Curitiba o diretor em Curitiba era meu amigo do Rio de Janeiro. Então ele me chamou para fazer uma entrevista lá. Eu fiz uma entrevista para uma empresa de equipamentos de Moinho. E uma outra que eu não segui no processo porque eu achei que não era legal e aí não, não fui. Então, de todas as propostas, a melhor era a empresa de equipamentos de Moinho, né? O valor de salário era bem alto e tudo. Só que eu precisava ficar viajando o Brasil inteiro, América Latina inteira."</p>	<p>O entrevistado menciona a participação em cursos e treinamentos, como o curso de Moagem Avançada na Suíça, onde ele teve a oportunidade de aprender e trocar conhecimentos com outros profissionais do setor.</p>	<p>Aprendizado especializado</p>	<p>Aprendizagem</p>
4	<p>"Eu comecei em Santos mesmo. Foi quando eu trabalhei no Moinho de trigo. Santos, por ser Porto, acaba sendo um local aonde se tem Moinhos, né? E isso ocorre também em outros estados do Brasil. E por essa possibilidade de receber trigos de outros países, né? Então tem essa facilidade. E lá em Santos não é diferente."</p> <p>"Eu passei por alguns Moinhos. É, é engraçado tinha um Moinho que eu passei, que tinha a definição, que a qualidade tinha que passar por determinado equipamento. Ah, era visto que o melhor para se avaliar a qualidade da farinha era um brabender do farinógrafo. Aí já passei por outro que não era era o chopin para fazer uma alveografia. Aí tive outros que fez estudo de estatística, diversas análises assim e de forma estatística."</p> <p>"No Moinho Anaconda, que tem unidade em São Paulo e também em Curitiba."</p> <p>"Eu trabalhei quase 5 anos, foi na J Macedo, na unidade de Salvador. São Paulo é como corporativo e depois fui para unidade de Salvador, que era para os lançamentos do retorno, né? Da J Macedo. Pro B to B, que são as sacarias de 25 kg. Teve toda a parte de desenvolvimento que ela estava fora do mercado e retornou."</p> <p>"Aí depois eu voltei para Santos, né? De Salvador eu voltei para Santos. Trabalhei, aí foi um pouquinho mais de 6 anos no Moinho Paulista. Que fica em Santos. E aí a gente, trabalhei até 3 anos atrás, quando quase vim para cá."</p>	<p>A entrevistada menciona que trabalhou em diferentes Moinhos ao longo dos anos, incluindo Moinho Santista, Moinho Anaconda e J Macedo, onde adquiriu diversas experiências e conhecimentos que aplicou em sua carreira. Ela também destaca a importância de trocar experiências e aprender com outros profissionais do setor.</p>	<p>Experiência diversificada</p>	<p>Aprendizagem</p>
5	<p>"E aí claro, a ideia de qualificação de fornecedor não é desqualificar o fornecedor. Aí, tô feliz, tirei o fornecedor da nossa... É realmente manter essa melhoria contínua do processo também do fornecedor. Não só do nosso processo. Porque a gente precisa também do insumo que ele está nos fornecendo. Então, a gente quer que ele melhore para que o nosso processo também fique melhor."</p>	<p>A entrevistada não menciona diretamente a troca de conhecimento com concorrentes, mas fala sobre a importância de manter a melhoria contínua do processo também do fornecedor, não só do próprio processo.</p>	<p>Melhoria contínua</p>	<p>Benchmarking</p>
6	<p>"A gente foi se adaptando a cada. Cada ano é um ciclo novo para Moinho, porque tudo depende de safra, né? De trigo. E o trigo é uma, é viva que ele muda de ano para ano, de safra para safra, de lavoura para lavoura. E tu tem que estar muito bem preparado para poder se adaptar a essas mudanças que são de safra para safra. Senão tu te perde, fica no meio do caminho. Então, assim, é muita qualificação de pessoas."</p> <p>"Então essa essa foi a. Como é que a gente se adaptou a isso, né? Foi estando muito atento ao mercado, olhando sempre a concorrência, o que é que tem de inovação? O que é que eles podem estar fazendo diferente, se adaptando."</p>	<p>O entrevistado fala sobre a necessidade de observar a concorrência e aprender com as inovações que eles estão implementando. Ele menciona que a empresa se adaptou às mudanças no mercado, observando o que os concorrentes estavam fazendo de diferente.</p>	<p>Análise competitiva</p>	<p>Benchmarking</p>

7	<p>"Comecei com 14 anos aqui quando era Motriza. [...] Aos 14 anos eu cheguei aqui, aí trabalhei 7 anos aqui. Daí saí daqui, fui trabalhar no Moinho Popular, onde é a filial deles lá, na frente do Avião. Lá eu trabalhei mais de 8 anos."</p> <p>"Não tinha, não tinha. Até porque talvez custos, alguma coisa assim, né? E que não tinha também. Muito sinistro, né? É que assim o que acontece, eu, eu, conforme vai aumentando a demanda, né? O troço vai crescendo, a demanda vai aumentando. E o fluxo aumentando, a coisa aumentando, a poeira vai aumentando mais, né? É, é uma engrenagem, né? Mas nesse ponto não, eles são bem para controlar correto."</p> <p>"Sim, evoluindo, com certeza. E muito, né? Aqui não. Até bem. Bem, bah, fez bastante isso aí. Tanto é a segurança de trabalho, coisa assim né? A gente fez bastante. E foi modificado bastante coisa."</p> <p>"Inclusive, naquela época, ainda era Motriza velha lá na faixa. Era um outro Moinho lá na frente da Prifal, eles estavam terminando de montar aqui, de construir. Ficamos um ano lá e depois viemos para cá. E nós inauguramos aqui, essa parte aqui no caso, né?"</p>	<p>Embora não haja menção direta à troca de conhecimento com concorrentes, o entrevistado fala sobre a evolução das práticas de segurança e como as empresas do setor de moagem de trigo têm adotado medidas semelhantes para prevenir acidentes.</p> <p>Ele também menciona a importância de estar atualizado com as melhores práticas do setor para garantir a qualidade e segurança do trabalho.</p>	Boas práticas	Benchmarking
8	Não houve menções específicas sobre a subcategoria "Troca de Conhecimento com Concorrentes"	Não há menção específica na entrevista sobre troca de conhecimento com concorrentes. Este aspecto pode não ter sido abordado diretamente na conversa.	Não houve menções específicas sobre a subcategoria "Troca de Conhecimento com Concorrentes"	Nada
9	<p>"Como na minha outra empresa, lá eu trabalhava fazendo misturas para fazer pães... aqui a nossa Haver tem esse processo de fazer pré-misturas... como eu tinha experiência com misturas, quando fiz a entrevista aqui eles me direcionaram exatamente para a Haver."</p> <p>"Na outra empresa eu trabalhei por 19 anos lá, né? Entrei desde o auxiliar e tinha auxiliar 1, 2 e 3, depois tinha operador 1, 2 e 3 e assim vai."</p> <p>"Lá na outra empresa tinham mais cargos assim divididos do que aqui no Moinho Estrela. Mas lá eu passei por todos os processos, digamos, de auxiliar até virar líder de linha, um líder de produção, o operador técnico, quem era o nome do meu cargo. Então, assim, lá, o que é as maiores dificuldades que a gente tem hoje, que eu acho que lá também era..."</p> <p>"Muita gente disponível no mercado... porque os processos têm alguma semelhança entre as empresas."</p>	<p>O entrevistado menciona que, quando a unidade fabril da Seven Boys foi transferida para São Paulo, muitos colaboradores ficaram disponíveis no mercado, e ele foi indicado para o Moinho Estrela por um gerente conhecido. Isso sugere uma troca de conhecimento e experiência entre profissionais de diferentes empresas do setor.</p>	Mobilidade profissional	Networking

10	<p>"Eu já trabalhei em vários lugares, bastante. Trabalhei de cobrador na Soul. Trabalhei na metalúrgica ali atrás do Cristo Redentor, aí depois vim pra cá e aí, daqui..."</p> <p>"Lá em Porto Alegre eu trabalhei, acho que uns 30 anos fechados, não fechou quase. E aqui já tá 16."</p>	<p>Após uma análise cuidadosa da entrevista, não foram encontrados trechos específicos que se relacionem diretamente à subcategoria "Troca de Conhecimento com Concorrentes". O entrevistado não menciona explicitamente interações ou trocas de informações com profissionais de outras empresas do setor. Ele trabalhou em outros locais antes de ingressar no Moinho Estrela, incluindo empresas em Porto Alegre. Essa vivência pode ter contribuído para sua visão sobre diferentes métodos produtivos. A comparação entre os processos manuais e mecanizados em diferentes períodos também sugere uma percepção crítica sobre as práticas do setor.</p>	Experiência diversificada	Aprendizagem
11	<p>"O estrangeiro em geral, ele é mais duro mesmo."</p> <p>"Tanto que a gente põe mais um pouco de água nele do que no nacional."</p> <p>"Acho que é uma questão climática... porque esse trigo ele chega do exterior mais duro, mais resistente."</p>	<p>O entrevistado faz uma comparação entre insumos ou materiais utilizados (como trigo nacional versus importado). Comenta sobre a percepção das diferenças regionais ou externas que impactam os processos internos e a influência indireta de padrões externos na rotina laboral.</p>	Influência de fatores externos	Benchmarking
12	<p>"Era uma concorrência que eles tinham com as marcas da Santista na época. A Flor, Sol, então o objetivo deles não era o Moinho, era tirar a marca Veneranda que era do Motriza e foi o que eles conseguiram."</p> <p>"Uma linha que eles não tinham no mercado, a gente acabou, ao longo do tempo, a gente foi concretizando esse sonho que eles tinham de linhas de pré-mistura, e hoje eles estão no patamar uma concorrência bem, digamos, elevada."</p>	<p>O entrevistado destaca a observação das práticas de empresas concorrentes, que contribuíram para o aprimoramento das operações internas no Moinho Estrela. Essa troca pode ocorrer por meio de benchmarking ou pela análise estratégica das ações dos concorrentes no mercado.</p>	Benchmarking	Benchmarking

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A categoria "Troca de Conhecimento com Concorrentes" destaca a interação entre os colaboradores e outras organizações do setor de moagem visando a construção de saberes de forma coletiva e o aprimoramento das práticas fabris. As narrativas demonstram que essa troca ocorre em diferentes níveis e por meio tanto

de visitas técnicas a outras empresas como da participação em entidades representativas do setor, como a Abitrigo e sindicatos da área. Através do desenvolvimento deste *networking*, há possibilidades de difusão das informações estratégicas, assim como de fortalecimento da rede de relacionamento presente, cooperando com a competitividade no segmento.

Ainda, os testemunhos trazem que essa prática foi mais intensa em períodos anteriores, quando o porte das empresas era menor, logo havia maior proximidade entre as organizações do setor moageiro. Porém, mesmo após o desenvolvimento das empresas e da diminuição dessas interações, alguns dos entrevistados demonstraram interesse em continuar compartilhando as suas experiências, seja para se manterem atualizados perante as mudanças do segmento ou por entender a importância do processo de inovação que a área exige.

Sobretudo, o papel dos fornecedores é fundamental, pois por meio do *benchmarking* possibilitado, torna-se viável a aprendizagem decorrente da troca de conhecimento técnico, incorporando novos procedimentos e tecnologias à medida que estas avançam. Além disso, emergem experiências adquiridas em outras organizações e reproduzidas no contexto atual, destacando a mobilidade como fator de circulação do saber. Observa-se, ainda, que cursos e treinamentos estratégicos internacionais corroboram com essa dinâmica, ampliando as referências para além do contexto local.

Desta forma, as narrativas trouxeram o entendimento de que a troca de conhecimentos com os concorrentes da área moageira auxilia na consolidação da aprendizagem fabril, na manutenção da competitividade do setor e na melhoria contínua dos processos produtivos ao longo do tempo. Por fim, demonstra-se a categoria “Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas”.

Quadro 8 – Categoria “Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas”

Entrevista do(a)	Citações	Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas (Resumo)	Destaque	Palavra-Chave / Categoria
1	<p>"Na medida em que tu vais se tornando uma empresa um pouco maior, aí tu compra conhecimento, aí tu compra pessoas que conheçam."</p> <p>"Estou com uma deficiência em TI, eu vou contratar alguém que conhece TI."</p> <p>"Hoje eu tenho o meu Gerente de Produção que cuida da moagem... Ele é carioca, rodou o Brasil, ele conheceu, ele fez outras coisas."</p> <p>"A minha Gerente de Qualidade, ela estava em São Paulo... passou por 3, 4 Moinhos."</p> <p>"Até gente, até pessoas de outros Moinhos, porque não? Assim, daqui da região."</p>	Menciona como a empresa, à medida que cresce, passa a contratar pessoas especializadas em áreas em que a empresa tinha deficiências, como TI e controle de qualidade na moagem. Ele também destaca a importância de ter um time qualificado para melhorar o processo.	Profissionalização	Qualificação
2	<p>"A minha gerente é uma pessoa que tem vinte e poucos anos de moinho, então a gente conversa muito sobre, então essa troca de experiências é muito legal, então a gente tem bastante isso."</p> <p>"Eu fiz também, no ano passado, curso online de farinha internacional, aonde teve alguns aspectos de farinha lá de fora, as condições, como é que eram as características, teve bastante pessoas dando curso de fora, então teve uma outra visão também como é a farinha de lá, isso é legal também, as suas, como é que era a parte de industrialização, a parte tecnológica também, até pra gente poder entender um pouquinho"</p> <p>"E eu acho que com agora, com essa minha promoção, eu acho que talvez eles vão querer me dar mais cursos, tentar, eu também vou solicitar também, que eu acho que é legal também, a gente também vida a gente, não só esperar, né, essa questão."</p>	A entrevistada participou de cursos online sobre farinha internacional, onde aprendeu sobre aspectos técnicos e tecnológicos de farinhas de outros países. Ela também menciona que a empresa oferece plataformas e cursos para aprender sobre gestão de pessoas.	Capacitação	Autodidata
3	<p>"Foi Moinho, na época, Moinho Marilu, que era da Santista Alimentos."</p> <p>"E aí eu fui para um outro Moinho, que era um Moinho maior da Bunge, Moinho Fluminense, que hoje esse Moinho Fluminense foi tombado como patrimônio histórico e eles construíram um outro, uma outra unidade em Duque de Caxias. Que é o benchmarking Brasil, né? É o Moinho mais é tecnológico da América Latina, é um Moinhozão."</p> <p>"A gente iniciou um processo de implementação dos indicadores de rendimento. Com o professor André Sider, da Universidade La Salle. E aí eles precisavam de uma pessoa para ajudar o Sider na melhoria contínua."</p>	O entrevistado fala sobre a importância de aprender com especialistas e colegas mais experientes, como o encarregado da moagem, que o ajudou a entender melhor os processos de automação. Ele também menciona a colaboração com o professor André Sider da Universidade La Salle para implementar melhorias contínuas no Moinho.	Colaboração de especialistas	Aprendizagem

4	<p>"Eu tive a sorte, né? No decorrer assim da minha, da minha vida profissional, eu tive um momento que eu fiz o curso de moleiro. Apesar de ser mulher, apesar de estar na área da qualidade, não na área produtiva, né, de moagem eu participei no momento, era uma seleção, né? Tinha que fazer provas, enfim, da parte de processo eu consegui passar, né? E aí até da unidade da empresa que eu tava, que eu fui, né, que me deram oportunidade. Eu fui a primeira mulher a ir, não tinha tido nenhuma mulher ainda, que foi em 2003"</p> <p>"Eu me lembro que eu trabalhava no 12 por 36. Que era o trabalho dia sim, dia não, né? Mas eu ia nos meus dias de folga, eu ia para o Moinho para eu poder aprender, porque eu gostava muito. Naquela época, não tinha muito essa questão de hora extra, esse controle tudo, né, essa tanta rigidez. Então eu acabava indo, tinha treinamentos, eu participava, então acho que eles também viram, né? A minha vontade assim de de aprender, e eles abriram oportunidade para qualidade, que até então ninguém tinha participado. Apenas o pessoal da produção mesmo que participava, né?"</p> <p>"Eu tive momentos. É também de trabalhar em desenvolvimento de produto que eu tinha desenvolvido era em torno de 23, 22 produtos e o trigo que ia chegar à navio, veio completamente diferente do que eu tinha desenvolvido todos os produtos. Isso foi também meio desafiador. Acho que foi o mais desafiador. Esse eu consegui dormir, pelo menos, fui 3 horinhas pro hotel dormir, voltei. E ter que desenvolver tudo e fazer teste, porque já tinha data marcada para o início de produção, com aquela.</p>	<p>A entrevistada fala sobre a importância de participar de treinamentos e cursos, como o curso de moleiro, para adquirir conhecimentos especializados que ajudam a melhorar a qualidade e a eficiência do processo produtivo. Ela também menciona a importância de trabalhar com especialistas em diferentes áreas, como controle de qualidade, desenvolvimento de produtos e gestão, para garantir a excelência na produção de farinha.</p>	Qualificação especializada	Qualificação
	<p>Coisa toda, né? Ah, vamos voltar, vamos iniciar. Tinha data certa já a venda"</p> <p>"A gente tem colaborador que tem uma experiência na implementação, da parte de segurança do alimento, então que faz parte da nossa equipe, colabora para essas implementações, a gente também tem na equipe, colaborador que tem essa característica."</p> <p>"Eu comecei a buscar as soluções, né, porque ficava mais rápido ali e aí isso fez com que eu já começasse o trabalho de desenvolvimento, né? Que é você entender o que que você precisa de característica da farinha. Para você ter um bom resultado de performance, né? No produto final"</p>			

5	<p>"Nossa, até hoje a gente, né, pesquisando, estudando bastante sobre vários temas, né, a gente tem contato direto com áreas diferentes, né. No início, não tinha tanto contato com o pessoal interno em relação a processos, né?"</p> <p>"A gente busca em plataformas de alimento mesmo. Daí são as legislações, né, da Anvisa, do Ministério da Agricultura, que é o embasamento que a gente tem hoje dentro da indústria de alimentos como um todo. E o Ministério da Agricultura como a gente sendo uma indústria vegetal, né, de produto vegetal. Então tem várias legislações e em cursos externos também, né, pagos. E que nos, claro, dão um conhecimento diferente só da legislação."</p> <p>"A gente recebe. Tem as plataformas e a gente consegue se registrar por e-mail. Tem a de legislação, a Biblioteca de Alimentos, que é da Anvisa. News da semana tal, e daí a gente recebe o que foi atualizado, o que que teve de notícia."</p> <p>"A gente tem o Instituto Federal, que a gente tem vários cursos online gratuitos, até que a gente indica pros inspetores, né, que normalmente é o pessoal mais jovem que tá entrando na indústria."</p> <p>"Irmãos atualizando o conhecimento e SENAC tem curso de alimentos e dentro das graduações de alimentos a gente tem os cursos tipo de extensão, para conseguir ir melhorando o conhecimento e que muitas vezes são conhecimentos que a gente já tem, mas sempre tem algo, alguma pincelada ali de diferente que a gente consegue agregar no nosso dia a dia, até no processo."</p>	<p>A entrevistada menciona que busca informações em cursos externos e plataformas de alimentos, além de receber atualizações de legislações por e-mail. Ela também fala sobre a importância de treinamentos e da troca de conhecimento com colegas de setor e gerência.</p>	<p>Busca por conhecimento</p>	<p>Autodidata</p>
	<p>"por o conhecimento do restante dos colegas, que já conhecem as plataformas, o RH às vezes nos passa algumas plataformas para cursos e para as extensões."</p> <p>"E realmente pela internet, pelo Instagram, notícias assim mais aleatórias que a gente acaba filtrando exatamente como sendo útil pra nós aqui no dia a dia."</p> <p>"A gente tem uma proximidade muito grande da nossa gerente, Como a gente tá há um bom tempo sem supervisão, sem supervisor, ela acaba sendo a nossa guia ali do que fazer, do que esperar pra fazer, do que a gente pode já ir dando andamento."</p> <p>"E com as colegas de setor a mesma coisa, como a gente tá sem os inspetores, muitas vezes a gente se divide também pra fazer algumas atividades operacionais lá, que seria dos inspetores."</p>			
6	<p>"não passei por fase nenhuma de aprendizado para chegar na área comercial, não, eu fui incorporando ela, já que a gente tem essa veia comercial na família, né? A família Pretta ela é."</p> <p>"Aliado a isso, vem o que? Vem as empresas de fora, com enzimas, com aditivações, e relaxamento de massa, deixar a massa mais leve. Essas coisas começaram a vir de fora para dentro, né?"</p> <p>"Empresas de fora do país, né? Tecnologia agregada aos Moinhos. Então é daí que começou essa diversificação."</p>	<p>O entrevistado menciona a importância das tecnologias e inovações que vieram de fora do país, como enzimas e aditivações, que ajudaram a diversificar os produtos do Moinho Estrela. Ele destaca como essas inovações foram cruciais para a evolução da empresa.</p>	<p>Inovações tecnológicas</p>	<p>Inovação</p>
7	<p>"É, ele pegou e disse, né, e aí ele instruiu, né? É um negócio assim, funciona assim, funciona assado, e eu no computador, ou no celular, né?"</p> <p>"Tem, inclusive tem até hoje o celular. Nós temos N farinhas, né? Então cada farinha lá tem umas 30 válvulas."</p>	<p>O entrevistado relata como recebeu treinamento e orientação de seus supervisores e como isso foi fundamental para seu desenvolvimento profissional. Ele menciona a importância de seguir as instruções e aprender com especialistas para garantir a eficiência e segurança no trabalho.</p>	<p>Treinamento e orientação</p>	<p>Aprendizagem</p>

8	<p>"É, através dos colegas a gente vai tendo conhecimento né?"</p> <p>"Não porque assim, sempre quando tem dúvida, a gente tira as dúvidas, né?"</p> <p>"Logo que eu comecei, no início que eu tive dificuldade ali, podia ser encarregado, podia ser gerente, sempre dava ajuda para gente. Às vezes eu eu tinha dificuldade que a gente não entendia. Até para o gerente a gente pedia ajuda. Ele ajudava a gente bastante, era uma ótima pessoa que ajudava."</p>	<p>O entrevistado menciona que, no início de sua carreira, ele recebia ajuda e orientação de encarregados e gerentes, que eram considerados especialistas no setor. Ele também destaca a importância do apoio e do respeito dentro da empresa, o que facilitou o aprendizado e a adaptação às novas tecnologias.</p>	Apoio no ambiente de trabalho	Aprendizagem
9	<p>"Os ajustes e configurações principais foram passados por técnicos especializados durante o processo de implantação."</p> <p>"Quando temos algum problema mais complexo, chamamos os especialistas que entendem melhor da máquina para nos orientar."</p> <p>"O suporte técnico é essencial, porque algumas coisas não conseguimos resolver sozinhos, principalmente no início."</p> <p>"Sim, tem os cursos que a empresa dá assim, que qualifica a gente, digamos assim. Tem muito curso online também, que a gente tem algumas plataformas que a gente acho que a gente tem acesso, digamos assim, esses cursos que tem, sei lá, algum tipo de desconto, alguma coisa assim. Tem cursos que muitos que vem de fora para dar curso para a gente também tem.</p> <p>Tem alguns, algumas capacitações aqui dentro também que a gente usa bastante."</p> <p>"Claro, não são cursos longos que nem esses 2, né? Mas são cursos voltados ali para aquele assunto que está sendo tratado, um certificado que a gente corre atrás sempre. Então, tipo, às vezes vem, vem pessoas para fazer, dar treinamento de como a gente chegar a esse, nesse nível, digamos, para conseguir essa certificação."</p> <p>"No dia a dia, de todo esse tempo que eles têm é muita coisa eles já sabem quando dá um problema, ah, eu sei que é isso aqui.</p> <p>Só de olhar."</p>	<p>O entrevistado fala sobre os cursos e treinamentos oferecidos pela empresa, muitos dos quais são ministrados por especialistas externos. Ele menciona que esses cursos são voltados para assuntos específicos e ajudam a melhorar a qualificação dos funcionários. Ele participou de treinamentos oferecidos pelos fabricantes das máquinas, como a <i>Haver</i>, para aprender a operar e realizar manutenções básicas. Em situações específicas, a empresa contrata especialistas para capacitar os funcionários ou resolver problemas técnicos mais complexos.</p>	Capacitação especializada da	Qualificação

10	<p>"É uma pessoa que muitos problemas que eu tenho, posso contar com ele para sempre, não tem hora."</p> <p>"Ele ajudou e na empresa aqui ele ajuda muito, ali os cara arruma os abacaxi que não consegue resolver. E fica em cima do muro, pergunta para mim, eu vou direto nele, ele resolve a parada."</p> <p>"Mas ele não se esqueceu da gente. E ele foi meu instrutor lá. Ele era um cara que era responsável por tudo lá em Porto Alegre. Ele praticamente se criou com o seu Domingos, o dono da empresa."</p> <p>"Ele é uma pessoa que diz: faz, tu pode fazer sem medo que ele assume."</p>	<p>O entrevistado menciona o apoio do diretor da empresa como uma fonte importante de orientação e resolução de problemas complexos. Ele destaca que o diretor assume responsabilidades e oferece suporte direto quando necessário.</p> <p>A convivência com colegas mais experientes e superiores hierárquicos também parece ter influenciado positivamente seu desenvolvimento profissional.</p>	Apoio de liderança	Aprendizagem
11	<p>"Foi só quando os caras implantaram o sistema novo, eles ficaram uns dias auxiliando nós, que funcionava o programa ali e foi dali que a gente..."</p> <p>"cada um ajuda um pouco, quem sabe mais ensina quem sabe menos, né?"</p>	<p>O entrevistado descreve sobre a transferência de conhecimento por supervisores ou encarregados, dando suporte técnico durante a implementação de novos sistemas ou tecnologias.</p> <p>Considera a formação prática por meio da interação com colegas mais experientes.</p>	Transferência de conhecimento	Aprendizagem
12	<p>"Os supervisores carregados nos passam a programação do que será feito durante o dia."</p> <p>"Depois a gente fazia a mistura, trazia para o controle de qualidade para eles fazerem o bolo e ali fazia os ajustes que teriam que ser feitos."</p> <p>"E a gente foi treinado, teve treinamento pra isso, e aí a gente buscou, a gente foi."</p> <p>"gente fez cursos de trabalhar com produtos químicos também, né? Veio uma empresa terceirizada."</p> <p>"A gente teve agora uma reciclagem, o ano passado a gente fez reciclagem."</p>	<p>Relembra o aprendizado obtido através da orientação ou colaboração com especialistas, supervisores ou profissionais técnicos.</p> <p>Menciona o papel dos supervisores na programação diária e na garantia da qualidade dos produtos. Ele também descreve o processo colaborativo com o controle de qualidade para ajustar receitas e assegurar que os produtos atendam aos padrões exigidos.</p>	Orientação técnica	Aprendizagem

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na categoria "Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas" evidencia-se as estratégias adotadas pelas organizações e pelos profissionais para promover a qualificação contínua, visando suprir lacunas de conhecimento. Os relatos indicam que à medida que a empresa cresce, se torna mais complexa, tornando imprescindível a contratação de especialistas em áreas específicas, como tecnologia da informação, controle da qualidade e processo de moagem. Além disso, também reflete na inserção de programas de capacitação interna e cursos externos para manter a atualização contínua de aprendizado.

Entre as múltiplas formas de aprendizagem citadas nas falas, destacam-se os treinamentos práticos com supervisores, a orientação de lideranças diretas e indiretas, as consultorias e os professores universitários, promovendo interações com especialistas para implantação de novos sistemas, por exemplo. Para além deste entendimento, os relatos também trazem a valorização da formação autodidata, justificada pela procura por conteúdos e cursos digitais, além de legislações voltadas à indústria de alimentos. Com isso, observa-se a postura proativa dos trabalhadores frente às constantes mudanças tecnológicas e normativas do setor, buscando o aprimoramento dos seus próprios saberes.

Para além desta dimensão, destaca-se a circulação do conhecimento por meio da mobilidade profissional e colaborativa entre os distintos setores internos, a exemplo da área tecnológica, onde a inserção de novos aditivos e sistemas automatizados impulsiona a necessidade de contratação de especialistas, salientando a dependência do saber técnico para garantir a eficiência das atividades envolvidas em setores relacionados.

Por fim, a aquisição de conhecimento por meio de especialistas é um eixo central para sustentar a inovação, otimizar processos, garantir a conformidade e consolidar a prática estratégica para o desenvolvimento produtivo e organizacional.

Desta forma, apresentaram-se as quatro categorias selecionadas (Mobilização de Conhecimento, Aquisição de Conhecimento Pessoal, Troca de Conhecimento com Concorrentes e Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas) utilizando a aplicabilidade do conjunto de técnicas trazidas por Bardin (1977) e delimitando os trechos narrados dentro do entendimento sobre os saberes do trabalho e do trabalhador. Os quadros expostos mostraram a organização e a categorização, considerando os doze entrevistados(as), suas citações relacionadas a cada divisão, o nome de cada categoria estudada adicionada de uma síntese, o destaque remetendo à compreensão principal das falas em cada categoria e as palavras-chave para reforçar esta percepção.

A seguir, no próximo capítulo, a partir do cruzamento dos dados coletados, apresentam-se os resultados desta pesquisa a fim de esboçar, de forma estatística e gráfica, com o auxílio do *software* Iramuteq, as análises das narrativas dos trabalhadores e trabalhadoras do Moinho Estrela.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados das análises dos dados produzidos na pesquisa que foram trabalhados por meio do *software* Iramuteq. As análises foram realizadas a partir do estudo do *corpus* total de entrevistas conduzidas no Moinho Estrela, no período de outubro a dezembro de 2024. As informações coletadas têm por objetivo descrever as apurações identificadas e as correspondentes evidências, considerando, conforme aborda Hobsbawm (1990), que indivíduos e empresas possuem um passado, à qual remete a memória construída coletivamente (Worcman, 2004).

Contudo, inicialmente, explica-se, com base na investigação aplicada nesta produção e compreendendo as reflexões apontadas por Bardin (1977) sobre o tratamento das várias técnicas de análise que remetem a expressão “análise de conteúdo”, que seguiu-se a recomendação da autora e aplicou-se as três fases sugeridas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Após a definição dos objetivos desta pesquisa, preocupou-se em construir o *corpus* a ser analisado, decompondo-o em categorias e subcategorias, para que fosse possível o agrupamento de mensagens e posterior análise dos dados levantados. Segundo Camargo (2020, p. 73), baseado nos estudos de Bardin (1977), “a categorização envolve uma operação de classificação dos elementos de um conjunto (*corpus*) por diferenciação e semelhança e reagrupamentos por meio de critérios objetivos”.

Para definição do *corpus* deste estudo, utilizou-se o total de doze entrevistas semiestruturadas ao qual foi submetido à decomposição e reconstrução deste *corpus* até a extração do resumo dos seus conteúdos efetivos.

No que se refere à primeira fase de pré-análise, assim como sugere a autora, foi realizada uma leitura flutuante a partir das entrevistas transcritas para que as primeiras impressões dos materiais fossem formadas, bem como as possíveis hipóteses. Na segunda fase, onde o material é explorado, surge a oportunidade de transformar os dados brutos em unidades segmentadas, permitindo a descrição do conteúdo do material, e isso foi feito a partir do *software* Iramuteq. Por fim, na terceira fase segundo Bardin (1977), é quando ocorrem o tratamento dos resultados e as interpretações do que foi gerado, através da elaboração de esquemas, gráficos,

diagramas, entre outros, que auxiliem na relação entre os dados coletados, a revisão teórica e a hipótese proposta. Para este objetivo, propicia-se a apresentação dos resultados e suas discussões.

Inicialmente, apresenta-se uma visão geral dos dados produzidos por meio da Figura 31, onde mostra a quantidade de entrevistas examinadas no Iramuteq, totalizando 12 documentos do *corpus* geral, dos quais extraiu-se 312 recortes de Segmentos de Textos¹⁴ (ST) em todo o *corpus* textual e 10.797 ocorrências, ou seja, proposições/palavras/vocabulários. Destas, 1.997 são proposições diferentes, logo, palavras distintas que aparecem inseridas nas 10.797 ocorrências, e 1.060 como número *Hapax*¹⁵.

Figura 31 – Dados estatística descritiva coletada

Número de textos	12
Número de ST	312
occurrences	10797
Número de formas	1997
Número de hapax	1060 - 53.08 % des formes - 9.82 % des occurrences

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Para além dos dados estatísticos gerados no *software* Iramuteq, reforça-se que o *corpus* textual geral diz respeito à quantidade total de entrevistas realizadas no Moinho Estrela, considerando colaboradores de áreas distintas, em especial dos setores de Produção e Qualidade. Dentre as 12 entrevistas conduzidas (número de textos), 312 segmentos correspondem às subdivisões do *corpus*, construídos com aproximadamente três linhas cada um e seguindo a classificação de todas as palavras, sejam elas diferentes ou similares, afastando-se ou aproximando-se, conforme aparece nas próximas análises.

A partir deste entendimento inicial, aprofunda-se para a primeira e uma das mais detalhadas análises que o *software* Iramuteq proporciona. Trata-se da Classificação Hierárquica Descendente - CHD¹⁶, da qual é responsável por agrupar

¹⁴ Trata-se do ambiente das palavras e, na maior parte das vezes, tem o tamanho aproximado de três linhas, dimensionadas em função do tamanho do *corpus* textual (Camargo, 2020).

¹⁵ *Hapax* são palavras que foram mencionadas uma única vez no *corpus* geral.

¹⁶ Denominada como “método de *Reinert*” onde os segmentos de textos são classificados em função dos seus vocabulários, e o conjunto destes é distribuído em função da frequência das formas reduzidas ou palavras lematizadas (Camargo, 2020).

os segmentos dos textos e vocabulários, correlacionando-os por conteúdo e semelhança, considerando um esquema hierárquico de classes. Por meio dos tópicos gerados nesta classificação, foi possível nomear cada uma das classes, bem como apropriar-se do tema que emergiu a partir das narrativas dos(as) entrevistados(as) agrupados em cada uma delas.

A Figura 32 mostra os dados gerados, considerando o conjunto de palavras e sua frequência, o que facilita a compreensão das possíveis classes geradas.

Figura 32 – Dados da Classificação Hierárquica Descendente – CHD

```

+-+--+--+--+--+
|i|R|a|M|u|T|e|Q| - Thu Jun 19 21:52:51 2025
+-+--+--+--+--+

Número de textos: 12
Número de ST: 312
Número de formas: 1997
Número de ocorrências: 10797
Número de lemas: 1435
Número de formas ativas: 1293
Número de formas suplementares: 136
Número de formas ativas com a frequência >= 3: 415
Média das formas por segmento: 34.605769
Número de classes : 4
220 Segmentos classificados em 312 (70.51%)

#####
tempo : 0h 0m 12s
#####

```

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Ainda, na Figura 32, é possível ver a continuação dos dados estatísticos inicialmente coletados. Dos resultados gerados pelo sistema, destaca-se o número de classes geradas pelo Iramuteq (4), bem como dos segmentos de texto aproveitados (220), do total do *corpus* geral (312). Esse dado é importante, pois expõe que mais de 70% do *corpus* geral (entrevistas realizadas) foram favoráveis à construção das métricas que serão apresentadas na sequência, possibilitando achados interessantes que viabilizaram a leitura e o entendimento das evidências anunciadas e analisadas.

A próxima Figura 33 visa mostrar os perfis e a representatividade de cada classe. Ou seja, do total de segmentos de texto criados (220), a figura apresenta a participação, em percentagem, das quatro classes estabelecidas, ajudando a entender como as palavras foram distribuídas ao longo do *corpus* analisado.

Figura 33 – Perfis e representatividade das classes

CHD	Perfis	×	AFC
1 Classe 1 43/220 19.55%	×	2 Classe 2 56/220 25.45%	3 Classe 3 66/220 30%
			4 Classe 4 55/220 25%

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

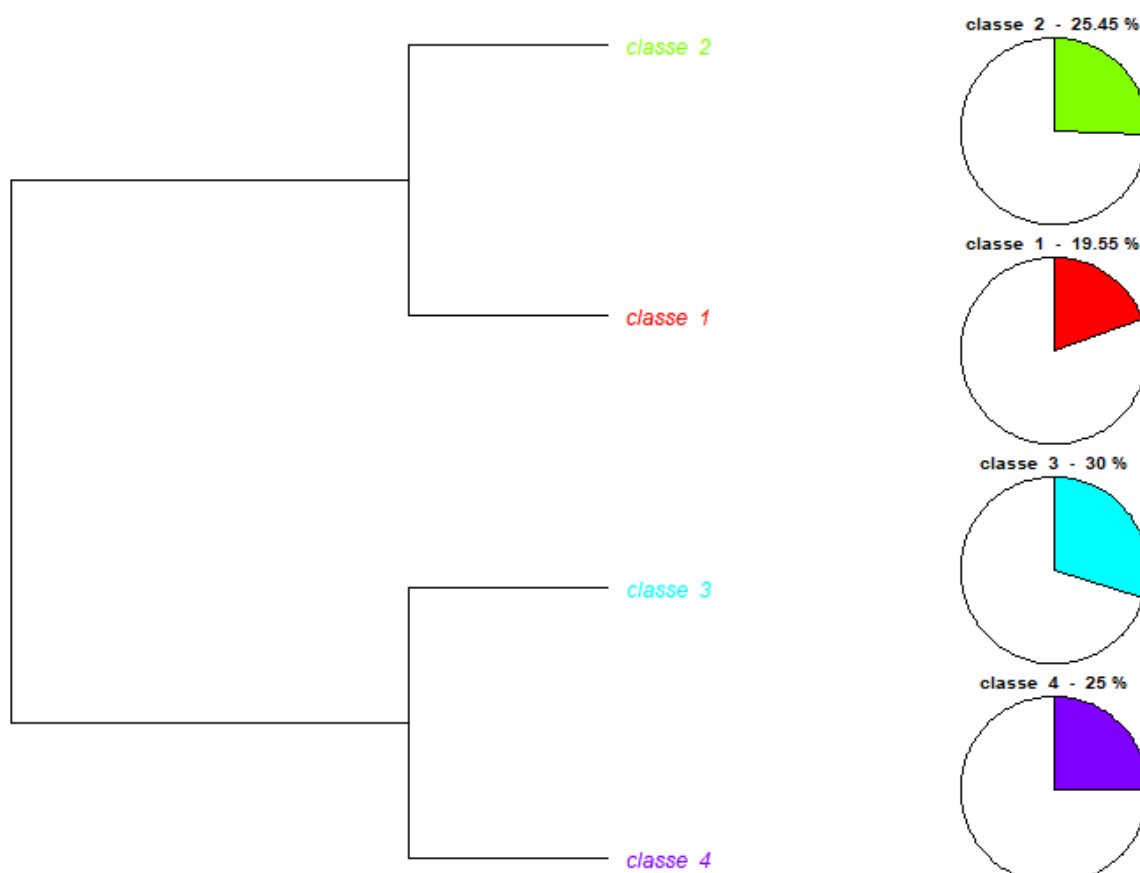
Desta forma, pode-se perceber a representatividade de cada classe no total dos segmentos de textos classificados para a análise (220), aos quais foram aglutinados em quatro classes: Classe 1 com 43 ST do total de 220 segmentos de texto analisados, representando 19,55% dos segmentos de texto do *corpus*; Classe 2 com 56 ST do total, correspondendo a 25,45%; Classe 3 apresentando 66 ST e 30%, e a Classe 4 apresentando 55 ST e 25% da representatividade dos 220 segmentos analisados.

Após esta verificação, foi possível gerar o Gráfico 3 abaixo, conhecido como dendrograma, ou seja, um diagrama em formato de árvore que mostra a relação entre objetos comuns, agrupando-os e formando uma espécie de *clusters*¹⁷. Este possibilita a visualização de análises e resultados por agrupamento, considerando níveis de similaridade ou distância dos objetos.

O Gráfico 3 demonstra, visualmente, cada classe e sua representatividade, em percentuais e cores distintas (cedidas pelo próprio Iramuteq). Nota-se que elas estão interligadas por ramificações as quais são explicadas na sequência.

¹⁷ Tradução: agrupamentos

Gráfico 3 - Dendrograma 1 CHD



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

O dendrograma acima inicia com duas grandes ramificações (lado esquerdo da imagem), seguidas de mais duas ramificações cada, dando origem, assim, às classes geradas pelo Iramuteq. As divisões iniciais são conhecidas como “Subcorpus” que concebem as demais sessões, denominadas “Classes”.

A partir da leitura e análise dos textos narrados em cada classe, foi possível entender o contexto que envolveu cada uma dessas ramificações para definir os nomes tanto dos Subcorpus como das Classes. Para um melhor entendimento, manteve-se a identificação dos Subcorpus como: A e B, permanecendo, também, a divisão das Classes como: 1, 2, 3 e 4.

Na análise, verificou-se que as classes 1 e 2, apesar de distintas em alguns aspectos, compartilham semelhanças que as situam em uma mesma ramificação. Da mesma forma, as classes 3 e 4 também se originam de uma mesma divisão, permitindo uma interpretação similar, já que, mesmo apresentando diferenças entre si, convergem em textos que se articulam.

Após o aprofundamento dos recortes dos textos gerados, o subcorpus A foi nomeado como “Adaptabilidade Técnica e Tecnológica” e foi composto pelas Classes 1 “Avanços Tecnológicos” e 2 “Conhecimento Técnico”, pois referiu-se ao impacto que as mudanças tecnológicas recorrentes trazem ao processo de produção, modernizando, cada vez mais, o saber fazer fabril, bem como à aderência do conhecimento técnico para realização de determinada tarefa a partir das habilidades práticas dos pares mais experientes, além da absorção de conteúdos por meio de cursos e treinamentos específicos.

Os trechos das entrevistas que seguem podem fortalecer esse entendimento:

“Eu comecei a olhar para o processo de uma maneira diferente, buscando entender porque que eu tava batendo pá, né? Tentando é... me apropriar das informações para que o produto não caísse no chão, para que eu não precisasse bater pá, e conseguisse ajudar de alguma maneira, de modo mais técnico no processo. Eu tive contato aqui com a automação, quando eu entrei em 2015 (...).”

(Entrevistado 3, Homem, 45 anos, natural do Rio de Janeiro/RJ)

“Hoje o trabalho é muito mais minucioso, digamos assim, não braçal do que era antigamente. Antigamente era muito mais braçal, os equipamentos eram mais braçais”.

“São cursos mais voltados ali dentro de processos... 4 a 8 horas assim são, são pequenos treinamentos assim, tipo aperfeiçoamentos também”.

(Entrevistado 9, Homem, 45 anos, natural de Cachoeira do Sul/RS)

“Eu comecei e não conhecia nada de farinha, né? Eu sempre trabalhei em Novo Hamburgo, sempre trabalhei com coturno, sempre trabalhei com couro. Eu, pra mim, farinha eu conhecia no pacote. Não tinha nem noção, assim, básica de como era”.

“Daí eu cheguei aqui e comecei do zero também. Aí fui aprendendo aqui, comecei na limpeza e ajudando aqui, ajudando ali (...).”

“(...) cada um ajuda um pouco, quem sabe mais ensina quem sabe menos”.

(Entrevistado 11, Homem, 57 anos, natural de São Gabriel/RS)

Nos trechos selecionados acima, os entrevistados rememoram suas experiências no trabalho fabril, lembrando que as atividades no passado exigiam maior força física e relatam que a modernidade e a automação possibilitaram novos processos industriais, transformando o saber-fazer técnico. Contudo, as novas técnicas precisaram ser aprendidas pelos menos experientes ou por aqueles que adentraram o mercado da farinha, sem conhecimento prévio de como se dava a produção.

Quanto à nomenclatura do subcorpus B, está estabeleceu-se como “Esforços Laborais no Conhecimento da Farinha”, sendo distribuído nas Classes 3 “Compreensão sobre a Farinha de Trigo” e 4 “Dificuldades no Aprendizado”, pois

tratou-se de demonstrar o conhecimento adquirido pelos(as) entrevistados(as), ao longo dos anos, para que estes pudessem se apropriar da funcionalidade do mercado de farinha de trigo e dos moinhos por onde passaram, bem como relatar acerca das adversidades enfrentadas pelos colaboradores, desde os métodos manuais de produção até a introdução de novas tecnologias e a absorção de conhecimentos técnicos específicos para desempenhar as atividades cotidianas. Alguns trechos dos(a) entrevistados(a) podem reforçar essa conclusão:

"Então, farinha não é, para quem não conhece, farinha não é aquilo ali que tu vê no supermercado, aquele pacotinho ali, né? Tem N divisões que tu pode fazer a partir de uma moagem de trigo. Por exemplo, a melhor farinha para uma indústria aqui de Canoas, por exemplo, pode ser a farinha de menos qualidade que os Moinhos produzem, mas para aquele produto específico dela é a excelência (...). O mercado começou a aprender nos últimos anos em função do que os Moinhos puderam oferecer de tecnologia".

"Então se abriu muito o leque do que é um grão de trigo, do que é uma moagem, do que que é farinha de trigo. Então, o entendimento desse mercado, ele mudou muito de 91 para cá. Quando se abriu as produções, começou a desenvolver novos produtos dentro das plantas de moagem".

(Entrevistado 6, Homem, 60 anos, natural de Lajeado/RS)

"Algumas a gente tem um pouco de dificuldade, né, porque é um conhecimento, né, a gente tem que adquirir o conhecimento ali".

"Logo que eu comecei, no início que eu tive dificuldade ali, podia ser encarregado, podia ser gerente, sempre dava ajuda para gente. Às vezes eu eu tinha dificuldade que a gente não entendia".

(Entrevistado 8, Homem, 54 anos, natural de Cerro Grande do Sul/RS)

"É, até que peguei. A gente que eu, no caso, nunca tive nada, acesso a um computador assim, né? Sempre foi o meu trabalho, sempre foi manual, mas até que deu pra pegar".

"Porque tem muita coisinha que só no dia a dia que a gente pega mesmo."

"Até o meu caderno que eu tinha, na verdade, desde que eu peguei aí, a enchente agora matou ele. Quando veio a enchente, tava no meu armário ali. Tava virado só em orelha o meu caderno."

"Mas eu sempre ando com o bolso cheio de papel, alguma coisa, eu sempre tenho que estar anotando alguma coisa".

(Entrevistado 11, Homem, 57 anos, natural de São Gabriel/RS)

"Senti bastante dificuldade, principalmente na questão de segurança mesmo do alimento, ainda é um ponto que eu preciso estar estudando frequentemente, porque a legislação muda, muitas informações chegando de novidades".

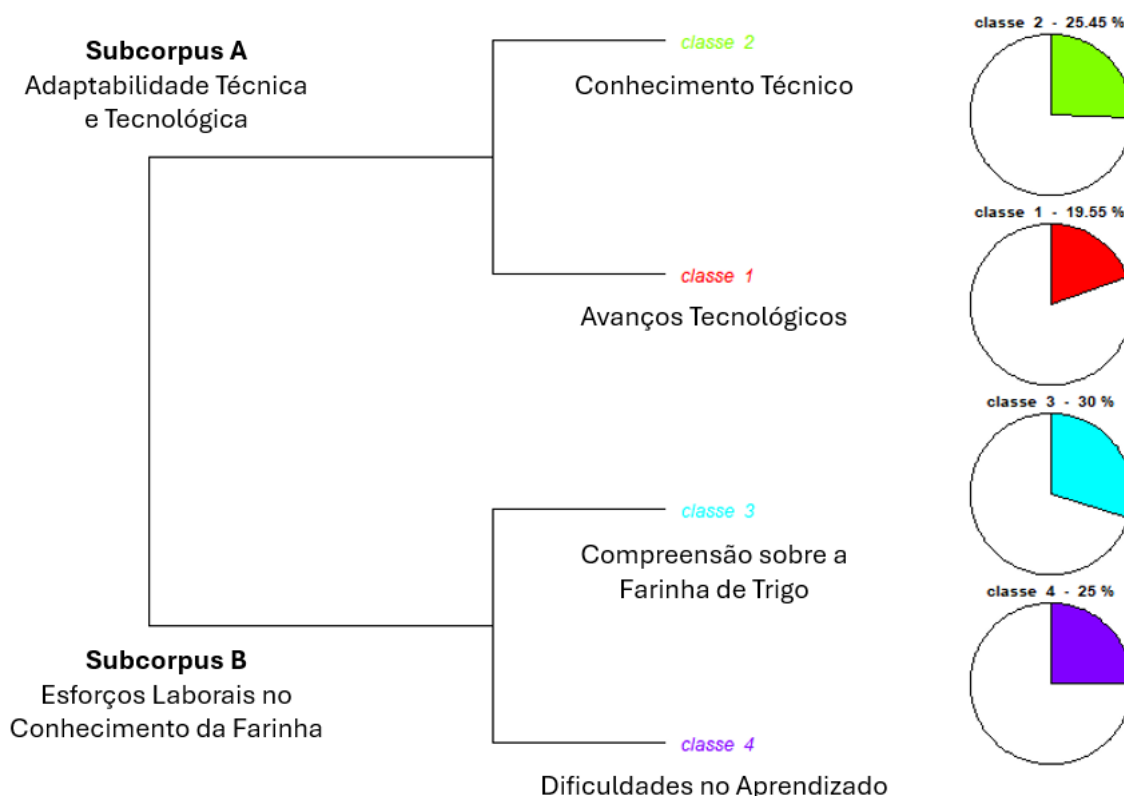
"Eu fiz a graduação e aí depois, em função da pandemia, eu pensei no que eu poderia me inserir. Como bióloga, acabei não conseguindo me inserir em nenhum dos campos que eu tinha já mais afinidade. E aí eu pensei na parte de segurança do alimento, né? Por mais que a biologia tivesse, né, bem diferente, fosse num ramo bem diferente, a gente tem a parte de microbiologia, tem toda a parte de análise e criticidade que a gente trata a parte de alimentos e segurança do alimento bem, bem forte. Então, aí eu segui pra, pra essa parte da gestão e segurança."

(Entrevistada 5, Mulher, 31 anos, natural de Canoas/RS)

Nestas narrativas, os(a) entrevistados(a) relatam sobre a evolução do mercado de farinha, dialogando que os próprios moinhos se equiparam com tecnologias para atender às diversas demandas do mercado ao qual tornou-se exigente, em especial a partir da década de 1990. O perfil dos consumidores evoluiu e com a diversificação dos itens ofertados, de acordo com a necessidade de cada cliente, os profissionais tiveram que buscar maior qualificação. Independentemente do nível de escolaridade e das dificuldades no aprendizado prático e tecnológico, houve um grande esforço para compreender o processo de moagem e suas características, bem como para adquirir o conhecimento técnico apropriado para execução das tarefas. Nota-se, a partir das narrativas, que esse processo foi mais vagaroso para alguns colaboradores do que para outros.

Na sequência, um novo dendrograma surge, trazendo agora o nome dos subcorpus e das classes que compõe a análise geral:

Gráfico 4 – Dendrograma 1 CHD: Nome dos Subcorpus e das Classes



Dentro de cada classe, ainda é possível verificar as características sociodemográficas dos sujeitos entrevistados(as) que mais se destacam. Ao

menção a classe 1 (Avanços Tecnológicos), evidencia-se o Entrevistado 12, de 54 anos, natural de Santo Antônio das Missões, no estado do Rio Grande do Sul, formado em Técnico em Agropecuária/Agrícola, com 15 anos de trabalho no Moinho Estrela e que, atualmente, ocupa o cargo de líder de produção. Este colaborador alcançou 47,06% de ocorrência dos segmentos de texto desta classe em relação ao *corpus*, conforme evidenciado na Figura 34:

Figura 34 – Perfil entrevistado da classe 1

CHD	Perfis	AFC							
1 Classe 1 43/220 19.55%		2 Classe 2 56/220 25.45%		3 Classe 3 66/220 30%		4 Classe 4 55/220 25%			
n...	eff. s.t.	eff. total	pourcentage	chi2	Type	forme	p		
71	8	17	47.06	8.869		ID_012	0.00290		

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Na classe 2 (Conhecimento Técnico), destacou-se o entrevistado 11, de 57 anos, natural de São Gabriel, no estado do Rio Grande do Sul, com Ensino Fundamental completo e 9 anos de trabalho no Moinho Estrela, ocupando atualmente o cargo de operador de moagem. Este colaborador alcançou 52,94% de ocorrência dos segmentos de texto desta classe em relação ao *corpus*, conforme mostra a Figura 35 a seguir:

Figura 35 – Perfil entrevistado da classe 2

CHD		Perfis		AFC			
1 Classe 1 43/220 19.55%		2 Classe 2 56/220 25.45%		3 Classe 3 66/220 30%		4 Classe 4 55/220 25%	
n...		eff. s.t.		eff. total		pourcentage	
119		9		17		52.94	
						chi2	
						Type	
						forme	
						ID_011	
						0.00676	

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Na classe 3 (Compreensão sobre a Farinha de Trigo), destacou-se o entrevistado 6, de 60 anos, natural de Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul, com graduação em Administração incompleta, 45 anos de trabalho no Moinho Estrela e atuante como diretor comercial. Este colaborador alcançou 61,54% de ocorrência dos segmentos de texto desta classe em relação ao *corpus*, conforme mostra a Figura 36 a seguir:

Figura 36 – Perfil entrevistado da classe 3

CHD		Perfis		AFC					
1 Classe 1 43/220 19.55%		2 Classe 2 56/220 25.45%		3 Classe 3 66/220 30%		4 Classe 4 55/220 25%			
n...		eff. s.t.		eff. total		pourcentage		chi2	
64		16		26		61.54		13.965	
								Type	
								forme	
								*ID 006	
								p	
								0.00018	

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Por fim, a classe 4 (Dificuldades no Aprendizado) evidencia a entrevistada 5, de 31 anos, natural de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul, graduada em Biologia e pós-graduada em Controle e Gestão de Segurança do Alimento. Representando o sexo feminino nesta parte da análise, a entrevistada possui 3 anos de trabalho no Moinho Estrela e ocupa o cargo de analista de gestão da qualidade. Esta colaboradora alcançou 55,56% de ocorrência dos segmentos de texto desta classe em relação ao *corpus*, conforme mostra a Figura 37 a seguir:

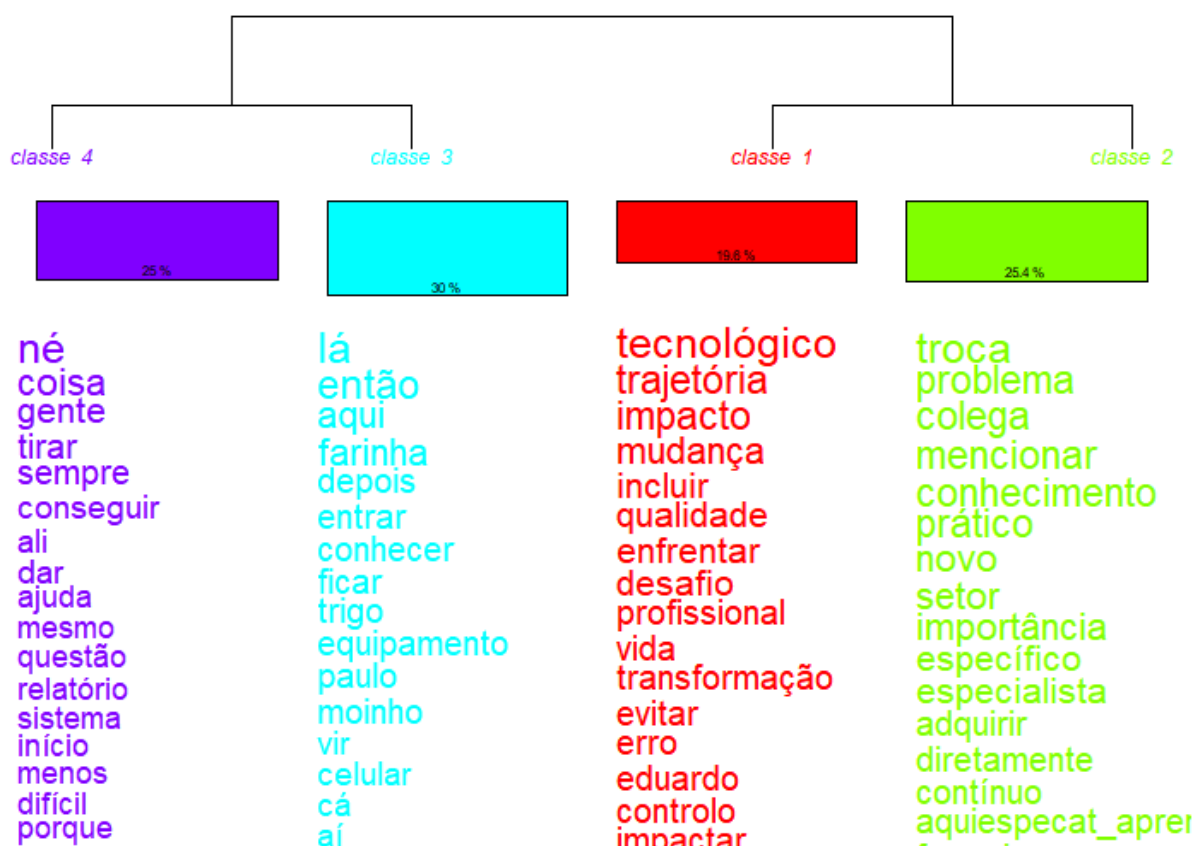
Figura 37 – Perfil entrevistado da classe 4

CHD		Perfis		AFC			
1 Classe 1 43/220 19.55%		2 Classe 2 56/220 25.45%		3 Classe 3 66/220 30%		4 Classe 4 55/220 25%	
n...		eff. s.t.		eff. total		pourcentage	
72		5		9		55.56	
						4.673	
						Type	
						forme	
						ID_005	
						0.03064	

Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Uma outra forma de visualização das palavras em destaque pode ser percebida na distribuição abaixo a partir do dendrograma apresentado. O Gráfico 5 visa mostrar as quatro classes que emergiram da análise textual, a participação, em percentuais, e as palavras que mais se destacaram em cada uma delas.

Gráfico 5 - Dendrograma 2 CHD



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Neste formato, é possível ver, ao mesmo tempo, as palavras de maior frequência nos segmentos de texto analisados em cada classe (lê-se de cima para baixo). Os termos que apresentam maior tamanho são os que se destacam em cada uma, seguidos dos de fonte menor, os vocabulários estão representados em cores, obedecendo a lógica de sinalização de cada classe. Num primeiro estágio aparecem os dois “Subcorpus” (ou subcorpóra): A - “Adaptabilidade Técnica e Tecnológica” e B - “Esforços Laborais no Conhecimento da Farinha”, seguidos das suas respectivas classes: 1 - “Avanços Tecnológicos”, 2 - “Conhecimento Técnico” (Subcorpus A), 3 - “Compreensão sobre a Farinha de Trigo” e 4 - “Dificuldades no Aprendizado” (Subcorpus B).

Ressalta-se também que as contrações coloquiais, como a palavra “né” e os advérbios “ali”, “lá” e “aqui”, aparecem em grande número nos textos por fazerem parte do *corpus* das entrevistas transcritas na íntegra. Essas formas foram mantidas devido à veracidade, à simplicidade e às expressões das falas dos colaboradores, não afetando, assim, os resultados obtidos nem a análise posterior da pesquisadora.

Logo, a organização das quatro classes apresentadas neste estudo, bem como seus vocabulários, aparece distribuída no plano, e as cores das palavras em cada quadrante acompanham os padrões cromáticos já definidos para cada classe.

A partir dessa disposição, observa-se que cada quadrante trata de um tema diferente, conforme a distribuição nas ramificações já apresentadas anteriormente, os textos são associados conforme suas palavras e incidência de frequência. Nota-se que poucas são as palavras que ultrapassam o seu próprio quadrante. As palavras das classes 1 e 2 estão mais próximas, como “importância” e “manual”; “processo” e “atividade”; “receber” e “pessoal”; porém a classe 1 não interage com as demais classes. O mesmo ocorre com a classe 3, em que há palavras mais próximas relacionadas às classes 2 e 4 como “função” e “produção”; “possibilidade” e “área”, respectivamente. Esta classe não interage com a classe 1. Com isso, reforça-se a distinção significativa presente entre as classes definidas a partir do *corpus* textual.

5.1 Reflexões sobre os resultados apresentados

A partir desta investigação e para atingir uma melhor visualização das classes, apresenta-se, na sequência, o Quadro 9, com as evocações de vocabulários semelhantes entre si e também diferentes das outras classes, aos quais emergiram da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

O Quadro 9 vai apresentar os detalhamentos sobre o *corpus* textual, como as classes identificadas, o percentual de segmentos de texto em cada uma delas, as características demográficas dos(as) entrevistados(as) em destaque e sua distribuição nas classes, além das palavras e suas frequências de maior visibilidade, considerando o total do material analisado.

Quadro 9 – *Corpus* geral do texto, classes, perfis sociodemográficos e palavras em destaque

Corpus do Texto							
220 Segmentos de Textos (ST)							
Classe 1 - Avanços Tecnológicos	Percentual do ST	Classe 2 – Conhecimento Técnico	Percentual do ST	Classe 3 – Compreensão sobre a Farinha de Trigo	Percentual do ST	Classe 4 – Dificuldades no Aprendizado	Percentual do ST

43 ST	19,55%	56 ST	25,45%	66 ST	30%	55 ST	25%
Características Demográficas	Percentual da Classe 1	Características Demográficas	Percentual da Classe 2	Características Demográficas	Percentual da Classe 3	Características Demográficas	Percentual da Classe 4
Entrevistado 12, 54 anos, naturalidade Santo Antônio das Missões, Técnico em Agropecuária/Agrícola, 15 anos de Moinho Estrela, Líder de Produção	47,06%	Entrevistado 11, 57 anos, naturalidade São Gabriel, Ensino Fundamental completo, 9 anos de Moinho Estrela, Operador de Moagem	52,94%	Entrevistado 6, 60 anos, naturalidade Lajeado, Graduação em Administração incompleta, 45 anos de Moinho Estrela, Diretor Comercial	61,54%	Entrevistada 5, 31 anos, naturalidade Canoas, Graduada em Biologia e Pós-Graduada em Controle e Gestão de Segurança do Alimento, 3 anos de Moinho Estrela, Analista de Gestão da Qualidade	55,56%
Palavras em destaque	Frequência	Palavras em destaque	Frequência	Palavras em destaque	Frequência	Palavras em destaque	Frequência
Tecnológico	85,71%	Troca	100%	Lá	89,96%	Né	58,21%
Trajetória	100%	Problema	84,62%	Então	72,73%	Coisa	80%
Impacto	100%	Colega	76,47%	Aqui	71,43%	Gente	62,86%
Mudança	88,89%	Mencionar	65,38%	Farinha	67,74%	Tirar	100%
Incluir	87,50%	Conhecimento	58,33%	Depois	83,33%	Sempre	83,33%
Qualidade	56,52%	Prático	72,22%	Entrar	100%	Conseguir	100%
Enfrentar	100%	Novo	61,54%	Conhecer	75%	Ali	71,43%
Desafio	77,78%	Setor	70,59%	Ficar	88,89%	Dar	80%
Profissional	52,17%	Importância	55,88%	Trigo	60%	Ajuda	75%
Vida	100%	Específico	81,82%	Equipamento	76,92%	Mesmo	60%
Transformação	100%	Especialista	87,50%	Paulo	100%	Questão	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com base no mapeamento acima, reforça-se a possibilidade de definição de cada Subcorpus (A e B), bem como suas Classes (1, 2, 3 e 4), por meio dos segmentos de textos aproveitados do *corpus* total das entrevistas realizadas no Moinho Estrela.

A análise foi factível por meio das informações geradas pelo *software* Iramuteq acerca das narrativas produzidas por cada entrevistado(a), as quais serviram de base para o entendimento sobre o que cada conteúdo abordou. O comparativo pode ser observado no Quadro 10 a seguir:

Quadro 10 - Categorização de subcorpus e classes

Subcorpus	Nome Subcorpus	Classe	Nome Classe	Definição
A	Adaptabilidade Técnica e Tecnológica	1	Avanços Tecnológicos	Impacto que as mudanças tecnológicas recorrentes trazem ao processo de produção, modernizando, cada vez mais, o saber fazer fabril.
		2	Conhecimento Técnico	Aderência do conhecimento técnico para realização de determinada tarefa a partir das habilidades práticas dos pares mais experientes e absorção de conteúdos por meio de cursos e treinamentos específicos.
B	Esforços Laborais no Conhecimento da Farinha	3	Compreensão sobre a Farinha de Trigo	Conhecimento adquirido pelos entrevistados ao longo dos anos para que estes pudessem se apropriar da funcionalidade do mercado de farinha de trigo e dos moinhos por onde passaram.
		4	Dificuldades no Aprendizado	Adversidades enfrentadas pelos colaboradores, desde os métodos manuais de produção até a introdução de novas tecnologias e a absorção de conhecimentos técnicos específicos para desempenhar as atividades cotidianas.

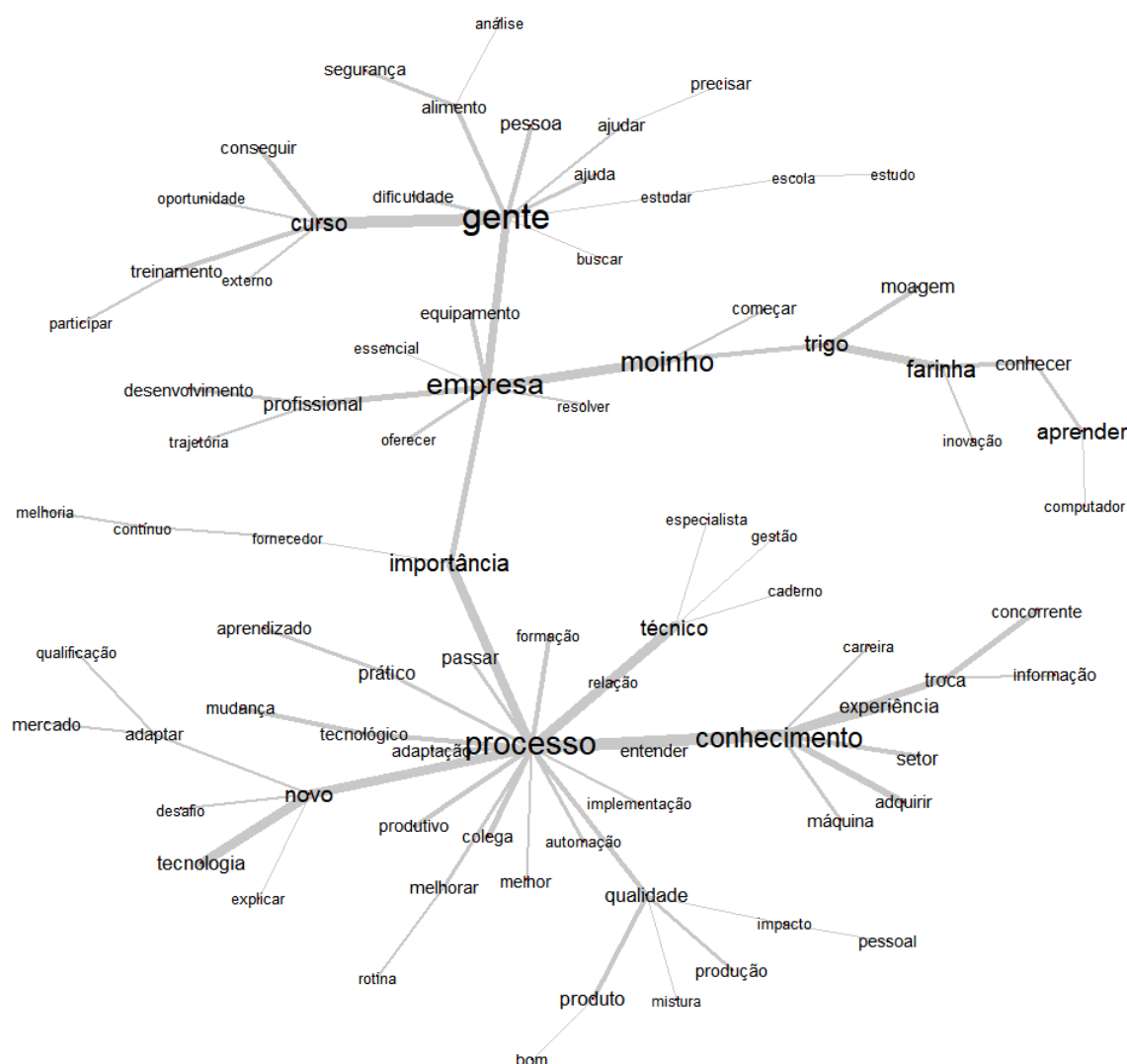
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ainda, apresenta-se a Análise de Similitude, também fornecida pelo *software* Iramuteq, que mostra um grafo representando a ligação entre as palavras do *corpus* textual geral, considerando todas as classes exploradas e as palavras que se destacam, permitindo inferir a estrutura do material estudado e auxiliando na definição dos temas importantes. Por meio desta análise, é possível verificar quais palavras

ditas pelos(as) entrevistados(as) se aproximam umas das outras, corroborando a compreensão da temática central desta pesquisa.

Abaixo, é possível ver a Figura 38 que emerge para o estudo em questão. O grafo é composto por diversas ramificações, partindo de um núcleo central onde as palavras de maior destaque sobressaem e evoluem para outras fragmentações.

Figura 38 – Grafo da Análise de Similitude



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Por meio do grafo apresentado acima, percebe-se que as palavras que se destacam no *corpus* textual (incluindo todas as classes) são: “gente”, “empresa”, “importância” e “processo”, na ramificação central, além de “curso”, “moinho”,

“profissional”, “novo” e “conhecimento” nos níveis laterais de primeira instância da ramificação central. Por essas palavras serem mais evidentes no *corpus*, aparecem em fonte maior do que as demais.

Ainda, ao redor de cada palavra em destaque, percebe-se que outros vocabulários surgem. No caso da palavra “curso”, evidências como “oportunidade” e “treinamento” emergem desta ramificação. Ao se analisar o destaque “moinho”, sua sequência revela “trigo” (incluindo a subdivisão “moagem”), “farinha” (incluindo a subdivisão “inovação”), “conhecer”, “aprender” e “computador”. Ao realizar uma reflexão apenas desses trechos superiores do grafo, já é possível observar que o contexto aproxima-se da realidade trazida pelos profissionais do Moinho Estrela, quando dizem em suas narrativas que o processo de moagem é complexo, está em constante evolução e se transformou ao longo dos anos a partir da inclusão da tecnologia e do modo de fazer mais técnico e robusto. Logo, para suprir as novas necessidades do mercado, os trabalhadores foram instigados a passar pelo aprimoramento das atividades fabris por meio da capacitação tecnológica adquirida em cursos internos e externos à empresa, os quais proporcionaram condições mais eficientes e modernas de produção.

Na parte inferior do grafo, destaca-se a palavra “processo” e dele surgem várias ramificações, podendo salientar as seguintes: “adaptação”, “tecnológico”, “prático”, “passar”, “formação”, “relação”, “entender”, “implementação”, “qualidade”, “automação”, “colega”, “melhorar” e “produtivo”. Desta forma, é evidente que todo processo está incumbido aos trabalhadores de buscar o entendimento e a adaptabilidade das suas atividades, seja por meio de outros colegas ou da formação técnica/acadêmica criando, neste viés, a relação social e laboral presente nos lugares de trabalho.

Ao avançar por esta ramificação, menciona-se o termo “conhecimento”, com destaque das palavras “carreira”, “experiência”, “setor”, “adquirir” e “máquina”, sustentando que dentro de uma área de atuação fabril, o crescimento profissional está diretamente ligado ao aprimoramento do saber-fazer ao longo do tempo.

Ainda, retomando o mesmo termo de destaque “processo”, porém considerando a ramificação em direção oposta no grafo, encontra-se a palavra “novo”, à qual traz os termos “tecnologia”, “explicar”, “desafio” e “adaptar”, sendo esta última subdividida em “mercado” e “qualificação”. Neste viés, é possível concluir que o processo fabril de moagem foi apoiado e ainda é apoiado pelos desafios tecnológicos

e mercadológicos, requerendo que métodos antigos de trabalho sejam qualificados e transformados em fluxos mais coesos, econômicos e lucrativos.

Ainda, como reforço à Análise de Similitude e exploração dos resultados obtidos neste estudo, apresenta-se abaixo a Nuvem de Palavras (Figura 39) onde é possível observar todos os termos que se destacam, independentemente de sua classe selecionada.

Figura 39 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pela autora a partir do Iramuteq (2025).

Da mesma forma que a análise anterior, a nuvem de palavras também mostra os vocabulários em tamanhos distintos, onde as palavras com fonte maior são aquelas de importância superior no *corpus* textual, inferidas a partir de um indicador de frequência.

Neste sentido, os termos mais evocados nos discursos dos(as) entrevistados(as) foram: “processo”, “conhecimento”, “empresa”, “moinho”, “curso”, “trigo”, “farinha”, “aprender”, “importância”, “experiência”, “profissional”, “qualidade”, “troca”, “tecnologia”, “moagem”, “conhecer”, “produto” e “alimento”, considerando uma ordem decrescente de importância.

Assim, comparando à Análise de Similitude e ao cerne deste estudo, tem-se o resumo da investigação onde é evidenciada a necessidade do aprimoramento do conhecimento e do saber-fazer fabril que perpassa nos corredores do Moinho Estrela,

estando o processo de moagem de trigo conectado a constantes transformações tecnológicas, diversas experiências e trocas profissionais ao longo dos anos. O alimento finalizado, uma vez comercializado, é fruto não de processos isolados ou atividades retóricas, mas sim do enfrentamento de épocas distintas que provocaram desafios de aprendizado e a busca por maior qualidade e eficiência dos processos de produção, assim como pelo desenvolvimento das habilidades e competências dos seus trabalhadores.

Neste sentido, retoma-se a discussão trazida no subcapítulo acerca da indústria moageira, onde dialogou-se sobre o surgimento da história do trigo, os incentivos para seu plantio, a crise em meados de 1950, bem como a retomada dos investimentos no grão através de importação, em 1959, e o crescimento da economia nacional por meio da lavoura de trigo a partir de 1968.

Indo ao encontro dessa contextualização histórica, aproxima-se do relato de um dos entrevistados, ao qual relembrou o período de 1991, quando ocorreram significativas mudanças no setor de farinha de trigo:

"O mercado começou a aprender nos últimos anos em função do que os Moinhos puderam oferecer de tecnologia, né?"

"Então se abriu muito o leque do que é um grão de trigo, do que é uma moagem, do que que é farinha de trigo. Então, o entendimento desse mercado, ele mudou muito de 91 para cá. Quando se abriu as produções, começou a desenvolver novos produtos dentro das plantas de moagem, né?"
(Entrevistado 6, Homem, 60 anos, natural de Lajeado/RS)

Essa narrativa reforça que a partir do período de 1991, houve um grande divisor de águas no setor do trigo no Brasil, uma vez que o governo passou a liberar a comercialização da farinha, possibilitando que novos produtos fossem desenvolvidos e comercializados. Essa transformação oportunizou a entrada de novas tecnologias e processos para os moinhos, corroborando o aprimoramento do saber-fazer e resultando na diversificação de itens disponíveis para o mercado.

O avanço tecnológico no setor dos moinhos possibilitou que a maneira de moer trigo se transformasse do uso de energia hidráulica e de um processo mais manual, para o uso de energia elétrica por meio de recursos mais automatizados, abarcando novos maquinários de produção e requerendo a especialização tanto do próprio grão quanto da mão de obra fabril¹⁹. Neste contexto, justificam-se as falas dos

¹⁹ Trecho adaptado do artigo "Patrimônio industrial e o mundo do trabalho: as transformações na força de trabalho da atividade econômica de moagem de trigo na região metropolitana de Porto Alegre em

trabalhadores do Moinho Estrela em várias ocasiões, em que os relatos rememoram as mudanças tecnológicas que a empresa vivenciou, sendo uma narrativa também do presente. Os recortes abaixo fundamentam este entendimento:

"Eu tive contato aqui com a automação, quando eu entrei em 2015, eu entrei como Coordenador de Moagem, mas atendendo as 2 unidades, então tanto matriz como filial, e aí com esse objetivo de melhoria, com esse objetivo de proposta de compra de equipamentos."
 "Eu consegui acessar no meu telefone o Moinho, né? É uma ferramenta que em casa eu consigo tirar falha, eu consigo ligar o Moinho."
 "A gente tem hoje um sistema de entrega que é um RP, né? Que eu pego todos os dados de balança pra poder fazer a entrega de produção nesse RP, é no computador, então ele tem que saber fazer isso."
(Entrevistado 3, Homem, 45 anos, natural do Rio de Janeiro/RJ)

"Hoje nós temos uma máquina que faz serviço de no mínimo umas 8, 9 pessoas... E lá nós fazia a metade daquilo lá manual."
(Entrevistado 10, Homem, 62 anos, natural de Cachoeira do Sul/RS)

"Ao passar do tempo as máquinas foram se automatizando, foram cada vez mais se modernizando (...)."
(Entrevistado 12, Homem, 54 anos, natural de Santo Antônio das Missões)

Contudo, existem determinadas atividades que são executadas diretamente pelos colaboradores do Moinho Estrela, independentemente do avanço tecnológico ou do aprimoramento do setor. A exemplo das narrativas que seguem, essas ocupações são inerentes aos conhecimentos intrínsecos dos colaboradores, os quais relatam preocupação e minuciosidade na tarefa.

"A evolução que se deu de lá para cá foi absurda, no sentido de que a gente teve que qualificar a compra de trigo, né? Então, hoje, por exemplo, a compra de trigo é uma coisa tão essencial por questões de valor quanto por questões de qualidade, que está na minha mão. Eu não largo isso na mão de ninguém hoje em dia, né? Eu vou ter que largar, em algum momento eu vou ter que largar porque eu estou ficando com uma certa idade, mas assim é essencial."
(Entrevistado 1, Homem, 60 anos, natural de Porto Alegre/RS)

"Os equipamentos ainda não analisam 100% da característica. E aí a gente faz a interdição."
(Entrevistada 4, Mulher, 45 anos, natural de Santos/SP)

"É, eu ensinei muita gente aí. Ensinei conferente, ajudante, tudo passava pela minha mão, né? Então era quem instruía eles era eu né. Tem gente aí que eu ensinei que foi embora, que já foi embora e às vezes me liga: bha, tu ainda tá aí, cara?"
(Entrevistado 10, Homem, 62 anos, natural de Cachoeira do Sul/RS)

Ainda, em uma das visitas realizadas no Moinho Estrela foi possível presenciar as explicações de um colaborador que trabalha como Moleiro. Conforme já relatado nesta tese, a etapa de moagem que envolve o equipamento “Rosca Tripla” (Figura 22) não é totalmente automatizada, mas a inspeção e seleção da farinha, por cor e espessura, é destinada ao saber deste profissional, que recolhe uma quantidade expressiva do produto com a própria mão, e faz a avaliação da farinha tanto pelo tato, como pela percepção visual. Desta forma, percebe-se fortemente a contribuição dos trabalhadores com suas experiências, técnicas e habilidades, garantindo que todo o processo de moagem de trigo seja coeso e de qualidade.

Neste sentido, aproxima-se do entendimento de patrimônio industrial imaterial, pois as contribuições dos colaboradores emergem das tradições e saberes transmitidos entre as gerações, os quais representam a identidade do grupo (Vianna, 2016). Para além da própria experiência, quando o saber é transmitido entre os trabalhadores, é possível acompanhar as mudanças culturais dos processos produtivos ao longo do tempo, evidenciando as transformações do setor industrial (Ferreira, 2009). Através dessas tradições, o patrimônio, no seu viés imaterial, se faz presente, já que, conforme aponta a UNESCO, está relacionado às práticas intangíveis, conhecimentos e cultura de uma comunidade. Sobretudo, assim como declarado na Carta de Sevilla (2018), o patrimônio contribui para a memória coletiva, tornando-a acessível à sociedade para que seja reconhecida e preservada.

Outro ponto a ser apresentado neste capítulo é que percebeu-se, por meio da verificação dos cargos e escolarização dos entrevistados, que os profissionais que mais buscam qualificação por meio de formação acadêmica ou de extensão, dentro e fora da empresa, são os colaboradores que já possuem algum tipo de formação prévia e que ocupam os maiores cargos.

Isso provavelmente se dá pelo fato de que quanto maior é a responsabilidade na função, envolvendo a gestão de equipes inclusive, maior também é a necessidade de aprimoramento do saber-fazer, buscando, constantemente, novas habilidades técnicas e intrínsecas para aperfeiçoamento das atividades laborais. Ainda, em alguns entrevistados pode-se perceber uma preocupação de manter a constante leitura de materiais relacionados à sua área de atuação, como legislações específicas, por exemplo, os quais são atualizadas e revisadas frequentemente. Essa análise pode ser revisitada na Tabela 6, sobre os dados demográficos dos(as) entrevistados(as), onde foi possível verificar que mais da metade dos participantes ocupam posições de

gestão ao mesmo tempo que possuem níveis de graduação e pós-graduação como formação acadêmica.

Além disso, também percebeu-se que o setor moageiro trabalha a partir do compartilhamento de conhecimentos e novas técnicas entre os próprios concorrentes. Diferente de outros segmentos, é bem-vista a troca de aprendizado entre as empresas, ou mesmo sugestões de novos maquinários disponíveis no mercado para a execução da produção nos moinhos. Também é usual a consulta de melhorias e novas tendências do setor através de sindicatos específicos e de órgãos competentes, como a Abitrigo - Associação Brasileira da Indústria do Trigo, conforme demonstram os trechos abaixo:

"A própria empresa, essa que vendia equipamentos, permitia que tu visitasse outras empresas, então a gente ali a gente vai aprendendo, né? Então, desde o início eu conheci bastante, porque eu me abri a conhecer, né, e comecei a participar de até entidades, né. Nós temos hoje, em termos de Brasil, tem a Abitrigo, né?"

"Participando da Abitrigo, tu tem muita informação, né? Eu sou hoje conselheiro da Abitrigo."

"E também a nível de Sindicato no Rio Grande do Sul, também, tem bastante troca e de informações."

"(...) eu ainda troco muita informação, me ligam bastante ainda sobre, o que que tu acha disso? o que que tu acha daquilo Mesmo no concorrente, há uma troca ainda. Essa troca ainda existe, né?"

"Eu acho que essa troca é muito importante."

(Entrevistado 1, Homem, 60 anos, natural de Porto Alegre/RS)

Por fim, também destaca-se a participação da mulher, de forma mais retraída, no setor moageiro. Tomando como base a empresa estudada, o Moinho Estrela, observa-se que o gênero feminino possui pouca participação na moagem, o que também se refletiu no perfil total dos entrevistados. Contudo, para além do Moinho, a inserção da mulher no setor é recente, conforme mostra os trechos abaixo:

"No decorrer assim da minha, da minha vida profissional, eu tive um momento que eu fiz o curso de moleiro. Apesar de ser mulher, apesar de estar na área da qualidade, não na área produtiva, né, de moagem eu participei no momento, era uma seleção".

"Eu fui a primeira mulher a ir, não tinha tido nenhuma mulher ainda, que foi em 2003"

"Eu me lembro que eu trabalhava no 12 por 36. Que era o trabalho dia sim, dia não, né? Mas eu ia nos meus dias de folga, eu ia para o Moinho para eu poder aprender, porque eu gostava muito."

(Entrevistada 4, Mulher, 45 anos, natural de Santos/SP)

Como observado, a entrevistada destaca que participou de curso para formação de moleiros, sendo a primeira mulher da sua época a integrar essa capacitação na empresa em que trabalhava. Como representante do gênero feminino, ela relembra a relevância de aprender continuamente, buscando a adaptação para exercer as atividades da sua área de atuação.

Em conclusão, salienta-se que as empresas são formadas por diversos e diferentes indivíduos (Worcmán, 2004) e que estes fazem parte de grupos sociais, conforme apontado por Halbwachs (2006). Logo, a concepção da memória empresarial está diretamente relacionada à construção da memória social, por meio das identidades individuais e coletivas.

Como aponta Candau (2021), sem o ato de memória o sujeito se esvazia, pois este fica condicionado apenas ao momento presente, perdendo, inclusive, sua identidade. Para ele, “a memória consolida ou desfaz o sentimento identitário” (Candau, 2021, p. 60); logo, através da memória, o indivíduo compreende o mundo, manifestando as suas intenções e colocando-as em ordem, tanto no tempo como no espaço. Essa experiência é reproduzida em um campo social de interesse econômico, conforme conceitos de Bourdieu (1989), onde as estruturas e suas disputas são construídas a partir das forças históricas de agentes e instituições, reproduzindo as dominações sociais, inclusive, nos organismos empresariais.

A partir disso, e com o objetivo de aprofundar melhor esse entendimento, na sequência, apresenta-se as considerações finais desta tese e as contribuições que este estudo pode deixar para a academia, para o meio corporativo e para a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo compreender os saberes do trabalho e do trabalhador, além de possibilitar o diálogo acerca da relação do patrimônio industrial do setor moageiro no desenvolvimento sociocultural e econômico do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da análise das narrativas dos colaboradores do Moinho Estrela. Para tanto, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas a fim de relacionar os achados aos campos da memória social e industrial, bem como ao patrimônio industrial imaterial. Fontes como livros e infográficos também foram consideradas para elucidar acerca da trajetória do Moinho Estrela e do processo de moagem.

Para produzir os dados, realizaram-se 12 entrevistas com colaboradores e colaboradoras da empresa Moinho Estrela, situada no município de Canoas, compreendendo o período de outubro a dezembro de 2024. Após a coleta destes conteúdos, iniciou-se a leitura, a categorização e a análise dos resultados obtidos.

No que se refere às categorias e subcategorias criadas, considerando os objetivos deste estudo, definiu-se a classificação com o intuito de analisar o saber do trabalho, e do trabalhador entre a mobilização que envolve o conhecimento, aquele que é adquirido individualmente, por concorrentes e/ou por especialistas. Além disso, como subcategorias, foram extraídas as citações diretas nas quais é possível confrontar os conceitos achados, os destaques de cada narrativa e as palavras-chave que se sobressaem após a leitura delas, além dos dados finalizados catalogados, analisados e interpretados.

Desta forma, as categorias e subcategorias produzidas para classificação das entrevistas quanto aos saberes do trabalho foram: “Mobilização de Conhecimento”; “Aquisição de Conhecimento Pessoal”; “Troca de Conhecimento com Concorrentes” e “Aquisição de Conhecimento por meio de Especialistas”.

Essa movimentação foi importante para uma organização mais adequada do *corpus* textual e para o entendimento das evidências apuradas após as análises das entrevistas devidamente categorizadas. A partir desse contexto, as respostas dos(as) entrevistados(as) foram agrupadas de acordo com cada categoria e subcategoria por meio do *software* Iramuteq, produzindo dois subcorpus: “Adaptabilidade Técnica e Tecnológica” e “Esforços Laborais no Conhecimento da Farinha”, o que deu origem a quatro classes (“Avanços Tecnológicos”, “Conhecimento Técnico”, “Compreensão sobre a Farinha de Trigo” e “Dificuldades no Aprendizado”). Assim, foi possível transformar dados qualitativos em possibilidades de análises quantitativas, aprimorando as perspectivas de investigação da pesquisa.

Após perpassar pelo trajeto construído metodologicamente, destaca-se a importância deste estudo. Desta forma, quanto à relevância desta tese, salienta-se a dimensão da pesquisa para a academia, indústria e sociedade, no sentido de salvaguardar as memórias do trabalho e do trabalhador no setor moageiro, inclusive em nível regional e nacional. Para estes atores, reforça-se a contribuição da pesquisa a fim de trazer para os dias atuais as narrativas sobre os modos de produção da moagem e do cotidiano fabril, a construção e as transformações industriais ao longo do tempo, a conduta na transmissão do saber-fazer nas suas distintas épocas e seus

impactos, bem como suas influências na economia do setor por meio de movimentos e reestruturações empresariais.

Tratando das narrativas, como bem aborda Worcman (2004), estas são ferramentas essenciais para a preservação da memória e da identidade empresarial, reforçando a importância da reconstrução do passado e da formação de vínculos por meio das experiências compartilhadas entre os trabalhadores. Para Benjamin (1987), quem conta, narra a própria experiência, mas também a do outro, possibilitando que essa narrativa se torne memória em um determinado espaço social, conforme nomeia Halbwachs (2006). Logo, importa compreender os relatos que correm pelo Moinho Estrela, pois os testemunhos que surgem na indústria retratam a identidade das técnicas e realizações produtivas, traduzindo imagens e tradições de um coletivo do trabalho, mas também fortalecendo e colocando em evidência, a legitimação das relações sociais encontradas nas fábricas.

Além disso, os processos produtivos, mesmo aqueles ultrapassados pela tecnologia, evocam memórias e inspiram constantemente, a ressignificação do patrimônio industrial imaterial. Contudo, a partir do bem tangível, ainda se rememora, se imagina e se reedifica histórias e práticas do cotidiano. Esses lugares materiais também passam a ser espaços de memória, não sendo mais apenas locais de trabalho. Conforme Halbwachs (2006) aponta, o indivíduo lembra a partir do lugar social no qual está inserido, estabelecendo vínculos e relações no campo, formando a identidade do grupo (Candau, 2021).

Logo, o patrimônio industrial, no seu sentido mais amplo, está diretamente relacionado aos processos industriais, aos modelos de trabalho e às matrizes tecnológicas que cumprem o papel evolutivo, passando pelo efeito das transformações ou mesmo desaparecendo em sua totalidade. Por isso, segundo Ferreira (2009), os vestígios memoriais que emergem a partir dos testemunhos são de caráter material e imaterial, os quais acompanham os padrões produtivos que se sucedem.

Neste viés, a pesquisa propôs a busca da rememoração sobre os conhecimentos das atividades do setor de moagem por meio dos pavilhões industriais do Moinho Estrela e suas narrativas, verbalizadas por profissionais que acompanharam a constituição de novas maneiras de moer trigo e que compartilharam saberes e técnicas fabris, remetendo ao entendimento de Pollak (1992) ao afirmar que a memória é constituída pelo grupo, socialmente. Isso tudo para tornar públicas as

funções processuais fabris e suas diversas remodelações ao longo dos anos, entendendo este como um patrimônio imaterial, que faz parte de um coletivo em particular. É necessária a reprodução dessas falas e o entendimento dos acervos, sejam eles documentos, imagens ou objetos, para compreender a relação da memória, do que se guarda ou se esquece, como aquilo que se patrimonializa, pensando em um tempo que não se restringe ao passado.

Sobretudo, o patrimônio industrial necessita ser visto como uma perspectiva de futuro, considerando um olhar interdisciplinar, englobando áreas e contextos. Deve estar presente nos nossos discursos como forma de identificação e preservação, ter caráter sustentável e cumprir seu papel social por meio da devolutiva dos seus feitos à sociedade, uma vez que a multiplicidade industrial faz parte da relação entre o sujeito (trabalhador) e o objeto (modos de fazer), aos quais não estão isolados em si, mas sim localizados dentro das relações sociais.

Neste sentido, o patrimônio industrial imaterial possibilita o conhecimento memorial das gerações e também interliga as atividades produtivas às formas de trabalho, sendo estas essenciais e referências simbólicas para a memória empresarial. Por meio deste entendimento, Bourdieu (1989) contribui com a sua concepção sobre *habitus*, que remete ao conhecimento adquirido por meio das práticas compartilhadas em um grupo social, uma vez que, conforme anteriormente mencionado, o *habitus* é um “conjunto dos saberes e do saber-fazer acumulados em todos os atos de conhecimento (...), no passado e no presente” (Bourdieu, 1989, p. 64). Esse processo constrói a forma de trabalho social, sendo constantemente atualizado à medida que é reproduzido na atualidade, através da linguagem simbólica transmitida.

Ademais, a memória também exerce um papel de valorização e preservação (Candau, 2021), assim como o patrimônio industrial. Por isso, as narrativas pesquisadas nesta tese representam os vestígios e os testemunhos memoriais, respondendo ao problema de pesquisa inicial deste trabalho que era “É possível aproximar os campos da Memória Social e do Patrimônio Industrial, por meio dos saberes do trabalho vinculados à indústria da Moagem de Trigo?”.

Desta forma, foi possível identificar e evidenciar que essa aproximação é existente, uma vez que por meio dos testemunhos orais dos colaboradores do Moinho Estrela, foi factível reconhecer a demanda social presente e apropriar-se da identidade cultural deste grupo. Assim, as tradições e os saberes oriundos das narrativas

refletiram as memórias do trabalho e dos trabalhadores, contribuindo para a consolidação, conservação e divulgação do patrimônio industrial imaterial constituído, já que este está incorporado no trabalhador através do seu saber do trabalho.

Ainda, para além desta tese, foi produzido um documentário que traz parte das narrativas dos trabalhadores e trabalhadoras utilizando, inclusive, imagens extraídas da obra *De um só grão não se faz pão: memórias do fundador do Moinho Estrela*, fotografias capturadas durante a visitação à empresa e outros dados e imagens complementares, sendo este um produto de carácter institucional, com o objetivo de agradecer a organização pela sua generosa contribuição durante todo o processo de pesquisa, bem como tomar este um meio de divulgação do próprio estudo à academia, à empresa estudada e à sociedade. O documentário pode ser acessado através do *link*: <https://youtu.be/1lmm1WWzfbo>.

Salienta-se ser um material adicional, não fazendo parte da grade curricular do curso de doutorado, mas que poderá contribuir para uma maior divulgação do estudo, já que espera-se que esta pesquisa seja a porta de entrada para tantas outras escritas de artigos e desdobramentos da área, assim como sugerido pela banca examinadora desta tese, e, também, não menos importante, represente um meio de propagação da memória e dos saberes do trabalho da moagem, contribuindo para a preservação do patrimônio industrial imaterial deste setor. A fim de iniciar e cumprir com este objetivo, após a conclusão do trabalho, a pesquisadora retornará ao Moinho Estrela para apresentar a pesquisa e o documentário aos trabalhadores, no intuito de fortalecer esta difusão.

Além disso, a partir dos estudos realizados e resultados da pesquisa, criou-se a Memorari Consultoria, uma organização construída com uma metodologia própria e com o propósito de auxiliar as empresas na identificação, tratamento, preservação e divulgação de sua memória, trajetória, identidade e cultura, considerando seus aspectos materiais e imateriais como objetos, documentos, imagens, narrativas, entre outros.²⁰

Ademais, espera-se continuar o desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos campos da memória social, memória empresarial e patrimônio industrial, avançando para estudos em um pós-doutorado, considerando, inclusive, programas

²⁰ A Memorari Consultoria está presente nas seguintes redes sociais para acesso: <https://www.linkedin.com/in/memorari-consultoria/>, https://www.instagram.com/memorari_consultoria/ e <https://www.facebook.com/memorariconsultoria>.

no exterior, assim como construir e possibilitar a consolidação desta área de pesquisa nas organizações, visando o mapeamento e a implementação dos conceitos envolvidos nas práticas materiais e imateriais cotidianas, produzindo a memória e o legado industrial destes agentes.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2011.

BARBOSA, L.; ROCHA, S.; GUIMARÃES, I. The Economic Impact of Brazil's Cultural Incentive Policy. **Pensamento Contemporâneo em Administração**.v. 16, n. 1, jan. – abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/52479/31982>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo (Edição Revista e Atualizada)**. Brasil: Edições 70, 2021.

BARROS, José Márcio. Cultura, memória e identidade. **Cadernos De História**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 31-36, dez. 1999.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3 ed. São Paulo/SP: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CAMARGO, Brígido Vizeu. **Métodos e procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicologia**. Curitiba: CRV, 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CANVA. Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CENTRO DE ESTUDIOS ANDALUCES. **Presentación de la Carta de Sevilla de Patrimonio Industrial**, 2018. Disponível em: <https://www.centrodeestudiosandaluces.es/noticias/presentacion-de-la-carta-desevilla-de-patrimonio-industrial>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. **Artigo 216**, Incisos I, II, III, IV e V. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso em: 25 set. 2023.

CORDEIRO, José Manuel Morais Lopes. **Desindustrialização e Salvaguarda do Patrimônio Industrial**: Problema ou Oportunidade? Oculum Ensaios, nº 13, Jan/jun 2011.

DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. **RS: Economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/expurgo/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

EQUIPACENTER. **Caladores**. Disponível em: <https://www.equipacenter.com.br/linha-agricola/analise-de-graos/caladores.html>. Acesso em: 31 jan. 2024.

FELDMAN, Regina M.; FELDMAN, Steven P. What Links the Chain: An Essay on Organizational Remembering as Practice. **Organization.**, v. 13, n. 6, p. 861-887, 2006.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia & Patrimônio**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009, p. 22-35. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmu/s/article/viewFile/43/23>. Acesso em: 22 jan. 2024.

GERTZ, René. **República**: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, C. G. V. **Memória empresarial do Banrisul Armazéns Gerais S. A. (BAGERGS)**: e a sua contribuição para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Canoas, RS: Ed. do Autor, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/2559>. Acesso em: 26 jan. 2024.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus**, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>. Acesso em: 08 fev. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Morre Angelo Domingo Pretto, fundador do Grupo Estrela, aos 89 anos**. Caderno de Economia. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2021/11/819191-morre-angelo-domingo-pretto-fundador-do-grupo-estrela-aos-89-anos.html. Acesso em: 24 jan. 2024.

JÚNIOR, Celso de Jesus; SIDONIO, Luiza; MORAES, Victor Emanuel Gomes de. **Panorama das importações de trigo no Brasil**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2011. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/1602>. Acesso em: 28 ago. 2025.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 3. ed. ampl. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

MADRE PÃES ARTESANAIS. **Qual a melhor farinha de trigo para fazer pão caseiro?** Disponível em: <https://www.madrepaesartesanaais.com.br/qual-a-melhor-farinha-para-fazer-pao-caseiro/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan.-jun. 2005.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. **Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH**, p. 1819-1834. 2011.

MENEGUELLO, Cristina; ROMERO, Eduardo. OKSMAN, Silvio. **Patrimônio industrial na atualidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. Disponível em: https://ticcihbrasil.com.br/wp-content/documentos/livro_4.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

MOINHO ESTRELA. Sobre. Disponível em: https://www.facebook.com/MoinhoEstrela/?locale=pt_BR. Acesso em: 26 jan. 2024.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MUDROVCIC, Maria Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília et al. (org.). **Cultura política, memória e historiografia.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, p. 101-116.

NASSAR, Paulo et al. **Memória de Empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações.** São Paulo: Aberje, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993.

NORA, Pierre. **L'ère de la commémoration.** In: NORA, Pierre (dir.). Le lieux de mémoire – III: Les France. Paris: Gallimard, 1992. v.3, p.975-1012

OLIVEIRA, Kauã Domingues de. **O Moinho Rio-Grandense: a preservação do patrimônio agroindustrial em Porto Alegre.** 2021. 232f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

OXIMAG. **Saiba tudo sobre Moega e como é usada.** Disponível em: <https://www.oximag.com/blog/o-que-e-moega-e-como-ela-pode-ser-usada-ssociada-aos-nossos-produtos/>. Acesso em: 1 abr. 2024.

PESAVENTO, Sandra. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

PDET. **Ministério do Trabalho.** Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/>. Acesso em: 9 maio 2023.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v.2 n.3, p.3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5 n.10, 1992.

PRETTO, Angelo Domingo; HASSE, Geraldo. **De um só grão não se faz pão: memórias do fundador do Moinho Estrela.** Porto Alegre: Edição do Autor, 2017. 280 p.; 25cm.

PROGRESSO, Brasil / Rio Grande do Sul. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/progresso/panorama>. Acesso em: 1 abr. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. **O Patrimônio Industrial Brasileiro: Memória e Cultura Interdisciplinar**. II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades - CONINTER. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7631347/O_Patrim%C3%B4nio_Industrial_Brasileiro_Mem%C3%B3ria_e_Cultura_Interdisciplinar. Acesso em: 10 maio 2023.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues; FEDOZZI, Luciano Joel. Porto Alegre e sua região metropolitana no contexto das contradições da metropolização brasileira contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 42, p. 162-197, mai/ago 2016.

TICCIH Brasil. **Cartas Patrimoniais**: Carta de Nizhny Tagil. 2003. Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/>. Acesso em: 28 set. 2023.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

WORCMAN, Karen. Memória do futuro: um desafio. In: NASSAR, Paulo (org.). **Memória de empresa**: história e comunicação de mãos dadas a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004. p. 23-30.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: Edições Sesc SP, 2006.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O(A) Senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa acadêmica do Programa de Pós Graduação de Memória Social e Bens Cultural da Universidade La Salle intitulada Memórias do Trabalho e do Trabalhador: A produção de farinha de trigo no município de Canoas. O trabalho é realizado pela Claudiani Guimarães Vargas Gonçalves (claudiani.vargas0230@unilasalle.edu.br/ 51 99324-1460) e sob a responsabilidade e orientação de Moisés Waismann (moises.waismann@unilasalle.edu.br/ 51 99982-1006). Para garantir os objetivos da pesquisa o senhor(a) será submetido a responder uma entrevista e os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo(a) pesquisador(a) principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 466/12). O risco encontrado nessa pesquisa é o desconforto da gravação de voz e imagem. A sua participação auxiliará a construir o campo da memória social. A sua participação é voluntária e o senhor(a) terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a sua vida pessoal e nem para o atendimento na instituição (nos casos de pesquisa com profissionais e para sua atuação profissional). Você não será identificado(a) todos os dados de identificação são confidenciais e as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa. O senhor(a) não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação. Está garantido o direito de obter atualizações a respeito dos resultados parciais do estudo. Ao assinar este documento, o(a) senhor(a) confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, foram explicados os procedimentos do estudo, teve a oportunidade de fazer perguntas, está satisfeito(a) com as explicações fornecidas e decidiu participar voluntariamente desta pesquisa. Uma via do TCLE ficará em sua posse e outra será arquivada pelo investigador principal.

CANOAS, ____ de _____ 2024.

Assinatura

Nome: _____

ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA AO MOINHO ESTRELA

Credenciamento: Portaria N° 597, de 05/05/2017 - DOU de 08/05/2017

SOLICITAÇÃO DE PESQUISA DOUTORAL**Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais**

Ao
Moinho Estrela

A/C Sra. Lilia Mello
Gerente de Recursos Humanos

Vimos por meio desta solicitar à vossa instituição a possibilidade de realização da pesquisa acadêmica intitulada **“Memórias do trabalho e do trabalhador: A produção de farinha no município de Canoas”** que esta sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, situada neste município, junto ao Moinho Estrela.

Temos previamente as seguintes intenções de pesquisa: (a) Verificar e compreender a contribuição e a correlação socioeconômica-cultural da empresa com o Estado do Rio Grande do Sul, em especial na Região Metropolitana de Porto Alegre, destacando-se a cidade de Canoas; e (b) Produzir, através de documentos, atas de reuniões, relatórios técnicos, fotografias, imagens, materiais de vídeos, objetos, entrevistas com os proprietários assim como com os funcionários, a memória social da trajetória da empresa ao longo dos anos desde a sua fundação, como forma de se aproximar do conceito de Patrimônio Industrial.

Diante do exposto, entendemos que outras demandas similares relacionadas a materiais internos poderão surgir ao longo da pesquisa, sendo estas solicitadas previamente de igual forma.

Reforçamos nosso agradecimento a acolhida e salientamos que a pesquisa terá relevância acadêmica, bem como para a sociedade rio-grandense e brasileira, visto que proporcionará a visibilidade da empresa para a comunidade ao responder o tema central desta pesquisa: **“Como as memórias de trabalho no município de Canoas podem ser consideradas um patrimônio cultural industrial?”**. Para tanto, também reforçamos a importância da disponibilidade de materiais necessários para que a pesquisa se fundamente dentro da ética e padrões da Empresa e da Universidade.

Para qualquer esclarecimento adicional que se faça necessário sobre a

Av. Victor Barreto, 2288 - 92010-000 - Canoas/RS - CNPJ 92.741.990/0040-43
Fone: (51) 3476.8500 - Fax: (51) 3472.3511 - www.unilasalle.edu.br

**ANEXO B - CARTA DE ACEITE DA PESQUISA POR PARTE DO MOINHO
ESTRELA**

Aos Pesquisadores

Claudiâni Guimarães Vargas Gonçalves e Moisés Waismann

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade
La Salle

Em resposta a sua solicitação de possibilidade de realização da pesquisa acadêmica intitulada **“Memórias do trabalho e do trabalhador: A produção de farinha no município de Canoas”** que esta sendo levada a cabo junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, situada neste município, tendo como fonte de dados o Moinho Estrela, informamos que estamos de acordo e indicamos Ana Maria Ponzoni Pretto como contato.

Canoas, 23 de outubro de 2023.

Atenciosamente,

88.776.991/0001-02
MOINHO ESTRELA LTDA
Rua Bento Cristo, 1800
São Luiz CEP: 92420-000
CANOAS/RS

Moinho Estrela

ANEXO C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome do(a) entrevistado(a):	Idade:	País/Cidade de origem:	Cargo:	Função:	Tempo de empresa:

QUESTÕES:**RESPOSTAS:**

Quando iniciou sua carreira no setor de moagem / outro setor?	
Qual motivo o levou a ingressar na carreira?	
Possui familiares moageiros / similares?	
Se sim, quantos moageiros ou com atividades similares possui a sua família?	
Como é trabalhar no Moinho Estrela?	
Quais foram as suas experiências anteriores?	
Por que escolheu o Moinho Estrela?	
O que mais lhe motiva na atual profissão?	
O que é mais difícil na atual profissão?	
O que é mais fácil na atual profissão?	
Como se dá a sua qualificação profissional?	
Faz cursos de aperfeiçoamento? Com que frequência?	
Se sente preparado(a) para exercer sua atual função?	
Se sim, por quê?	
Se não, por quê?	
Conte, em detalhes, o seu dia a dia:	
Qual sua principal atividade hoje?	
Quais atividades considera de alto risco? Por quê?	
Quais atividades considera de baixo risco? Por quê?	
Sente satisfação nas atividades que exerce? Por quê?	
Qual ou quais espaços de trabalho você considera como lugares de	

Nome do(a) entrevistado(a):	Idade:	País/Cidade de origem:	Cargo:	Função:	Tempo de empresa:

QUESTÕES:**RESPOSTAS:**

recordações? Por quê?	
Realizando atividades na moagem de trigo e segundo a sua opinião, quais foram os fatores que se transformaram ao longo do tempo na atividade? Por quê?	
Realizando atividades na moagem de trigo e segundo a sua opinião, quais foram os pontos positivos adquiridos ao longo dos anos neste processo? Por quê?	
Realizando atividades na moagem de trigo e segundo a sua opinião, quais foram os pontos negativos adquiridos ao longo dos anos neste processo? Por quê?	
Realizando atividades na moagem de trigo e segundo a sua opinião, quais atividades deixaram de existir com o passar dos anos? Por quê?	
Realizando atividades na moagem de trigo e segundo a sua opinião, quais novas atividades surgiram com o passar dos anos? Por quê?	
Sente-se mais seguro para realizar sua atual função nos dias de hoje ou prefere métodos antigos? Por quê?	
Considera a tecnologia uma aliada no processo de transformação de sua atividade atual? Por quê?	
Possui facilidade com os métodos tecnológicos de trabalho?	
Na sua opinião, quais os principais ganhos que a tecnologia proporcionou à sua atividade atual?	
Na sua opinião, quais as principais perdas que a tecnologia proporcionou à sua atividade atual?	
Considerando um contexto histórico de transformação da sua atividade profissional, quais pontos você consideraria como divergências? E	

Nome do(a) entrevistado(a):	Idade:	País/Cidade de origem:	Cargo:	Função:	Tempo de empresa:

QUESTÕES:

RESPOSTAS:

aproximações?	
Como se vê, profissionalmente, daqui a 5 anos?	
Como se vê, profissionalmente, daqui a 10 anos?	
Quais são os seus principais objetivos futuros para a atual função que exerce hoje? Por quê?	
Na sua opinião, qual a importância do Moinho Estrela para a economia local?	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).